

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TV DIGITAL

Fabiana Cristina Gimenes Moraes

**BOM DE BOCA:
EDUCAÇÃO E CULTURA NA COZINHA DA TV DIGITAL**

São João da Boa Vista,

2014

Fabiana Cristina Gimenes Moraes

**BOM DE BOCA:
EDUCAÇÃO E CULTURA NA COZINHA DA TV DIGITAL**

Dissertação de Conclusão de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em TV Digital: Informação e Conhecimento, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de **Mestre em TV Digital, Educação Assistida por TVD**, sob orientação do Professor Doutor José Luís Bizelli.

São João da Boa Vista,

2014

Gimenes, Fabiana.

Bom de Boca: Educação e Cultura na cozinha da TV
Digital / Fabiana Gimenes, 2014.

218 f.: il.

Orientador: José Luis Bizelli

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação,
Bauru, 2014

1. TV Digital. 2. Edutretenimento. 3. Pedagogia
Histórico-crítica. 4. Cultura. 5. Culinária. I.
Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura,
Artes e Comunicação.
II. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Campus Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de Fabiana Cristina Gimenes Moraes, discente do Programa de Pós-graduação em Televisão Digital: Informação e Conhecimento, do(a) Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru.

Aos 06 dias do mês de março do ano de 2014, às 09:30 horas, no(a) Auditório da Seção Técnica de Pós-graduação da FAAC, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. JOSE LUIS BIZELLI do(a) Departamento de Antropologia, Política e Filosofia / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Profa. Dra. MARIA DA GRAÇA MELO MAGNONI do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências de Bauru, Profa. Dra. FÁTIMA ELISABETH DENARI do(a) Departamento de Psicologia - Centro de Formação e Ciências Humanas / Universidade Federal de São Carlos, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de FABIANA CRISTINA GIMENES MORAES, intitulada "Bom de Boca: Educação e Cultura na Cozinha da TV Digital". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. JOSE LUIS BIZELLI

Profa. Dra. MARIA DA GRAÇA MELO MAGNONI

Profa. Dra. FÁTIMA ELISABETH DENARI

ERRATA

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
-------	-------	------------	---------

Fabiana Cristina Gimenes Moraes

**BOM DE BOCA:
EDUCAÇÃO E CULTURA NA COZINHA DA TV DIGITAL**

Área de Concentração: TV Digital – Informação e Conhecimento

Linha de Pesquisa: Educação Assistida por Televisão Digital

Banca Examinadora:

Presidente/Orientador: Professor Doutor José Luis Bizelli

Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Núcleo de Pós-Graduação em Televisão Digital da UNESP

Professora Doutora: Maria da Graça Mello Magnoni

Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Núcleo de Pós-Graduação em Televisão Digital da UNESP

Professora Doutora: Fátima Elisabeth Denari

Instituição: Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da UFSCAR

Resultado:

Aprovado

Bauru, 06 de março de 2014

A Manoel e Rosa Gimenes,

Meus pais, meus exemplos, meus Heróis.

Agradecimentos

A **Deus**, amor supremo e constante. Calor de vida e proteção.

Aos meus pais, que acreditaram em mim mesmo quando me vi descrente. Afinal, foi **Manoel Gimenes** o primeiro a me ensinar o valor do conhecimento, verdadeiro tesouro... Aquele que enfrentou horas e horas de viagem durante todo o período do mestrado para me manter firme e constante. À minha mãe, **Rosa Helena**, porto seguro nas horas de aflição e nos momentos de desafio. Financiadora de muitas aventuras e, na verdade, grande inspiração para angariar conquistas. Alento doce e cálido nos dias de desespero. À minha irmã, **Carolina Gimenes**, pelas conversas e tergiversações sempre às tantas da madrugada; por dividir (literalmente) angustias e incertezas e, claro, „celebrar“ as vitórias. Pelas discussões e pelo crescimento. Ao meu namorado, **Marcelo Endrigo**, por enfrentar comigo novos desafios e, simplesmente, estar ao meu lado. Mesmo que isso significasse viajar horas e horas. Pelas cobranças com prazos, pelo carinho, pela paciência, principalmente, pelo amor! À **Emillie**, pela presença constante e euforia depois das ausências. À grande **família Moraes-Gimenes**, que descobriu tantas e várias maneiras de também participar.

Ao meu orientador, **José Luís Bizelli**, descoberta única e especial durante toda essa nova aventura do conhecimento: *virtú* e *fortuna*. Pelo saber dividido, pelas conversas filosóficas e transcendentais. A esse professor único que soube dosar espaço e respeitar meu próprio tempo de maturação.

À **Maria da Graça Mello Magnoni**, pelos conselhos, pelas leituras, pelo carinho; mas, principalmente pela Pedagogia Histórico-crítica, presente hoje tão presente em minha vida. À Maria da Graça, simplesmente, por acreditar.

A **Marcos Américo** pela abertura e disponibilidade.

Ao **Programa de Pós Graduação** em TV Digital, aos **amigos da Secretaria de Pós-Graduação**, a FAAC, e a UNESP, pela nova oportunidade de formação.

Aos **amigos** de pós-graduação, aos veteranos de curso, aos membros do GECEM.

A **TV UNIÃO, Carmem e Paulo Falda**, pela compreensão e confiança. Pela amizade. A equipe do **Jornal do Dia**, em especial, aos colegas que “colocaram a colher” na panela e ajudaram a engrossar o caldo do nosso cozido.

Às professoras, coordenadoras e colaboradores do **Grupo de Estudos Bom de Boca**, amigos e, felizmente, grandes cozinheiros, co-responsáveis pelo sabor e pelo saber servidos em nossa receita.

Finalmente, mas não menos importante, a **quem**, como todos nós, **ousar acreditar**, e se dispuser a experimentar nosso prato – feito com tanto entusiasmo e amor: O Bom de Boca.

GIMENES, Fabiana. **Bom de Boca: Educação e Cultura na Cozinha da TV Digital**. 2014. 218 f. Trabalho de Conclusão do Mestrado em TV Digital: Informação e Conhecimento, Educação Assistida por TVD – FAAC – UNESP, sob a orientação do prof. Dr. José Luis Bizelli, Bauru, 2014.

RESUMO

Manifestação da memória e da história, a comida é mais que ato natural, é ato social e de cultura. Cheia de sabores, identidades, aromas e saberes é ela quem fornece a massa do assado deste trabalho: uma dissertação para conclusão de mestrado em TV Digital, também transformada em produto: o Bom de Boca. Peça audiovisual educativa e interativa, formatada a partir do edutretenimento, pautada pela Pedagogia Histórico-crítica sobre cultura culinária, o Bom de Boca é destinado à TV Digital. Esse novo meio de comunicação tem salientadas, aqui, as suas possibilidades enquanto recurso de democratização da informação, educação, e de promoção da inclusão social e diversidade cultural. Enquanto programa educativo e cultural o Bom de Boca adéqua-se a este novo cenário. Para tanto, entende edutretenimento enquanto uma série de produtos, programas e mídias que utilizam métodos de entretenimento com fins educacionais. Sua função é a de possibilitar o aprendizado a partir do divertido, do lúdico. Quanto a Pedagogia Histórico-crítica, a mesma consiste numa teoria pedagógica, difundida por Saviani (2009), que se vale do materialismo histórico, compreendendo o desenvolvimento da humanidade a partir do desenvolvimento material e das relações sociais advindas desse contexto. Já a comida e todo o universo culinário são vistos enquanto cultura, produção humana, elementos históricos e, portanto, frutos de um determinado modo de produção. É através da mistura entre tais elementos que se pretende comprovar a hipótese de que é possível uni-los e transformá-los num assado saboroso, com forma de produto audiovisual passível de ser utilizado enquanto objeto de aprendizagem, instrumento de educação. Para isso, posterior a pesquisa bibliográfica, o trabalho realizou ainda a produção da referida peça audiovisual e sua avaliação.

PALAVRAS CHAVE: TV DIGITAL. EDUTRETENIMENTO. PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA. CULTURA. CULINÁRIA.

GIMENES, Fabiana. **Bom de Boca: Educação e Cultura na Cozinha da TV Digital**. 2014. 218 f. Trabalho de Conclusão do Mestrado em TV Digital: Informação e Conhecimento, Educação Assistida por TVD – FAAC – UNESP, sob a orientação do prof. Dr. José Luis Bizelli, Bauru, 2014.

ABSTRACT

Manifestation of memory and history, the food, which is more natural act; it is social and cultural act. Full of flavors, identities, aromas and knowledge the food is who provides the mass of the roast this work: a thesis dissertation for completion of Masters in Digital TV, also transformed into product: the “Bom de Boca”. Educational and interactive audiovisual piece, formatted from edutainment, guided by the Historical-critical Pedagogy about culinary culture, the “Bom de Boca”, for the Digital TV. This new medium has its possibilities highlighted here as a resource for the democratization of information, education, and promotion of social inclusion and cultural diversity. While educational and cultural program, the “Bom de Boca” adapts it to this new scenario. For this, means edutainment while a number of products, programs and media that use methods of entertainment with educational purposes. Its function is to enable learning from the fun, of playfulness. As Historical-critical Pedagogy, it is a pedagogical theory disseminated by Saviani (2009), which relies on the historical materialism, including development of humanity from the material development, and social relations arising from this context. Have the food and all the culinary universe are seen as culture, human production, historical elements and, therefore, fruit of a particular mode of production. It’s through the mix between these elements that intended to prove the hypothesis that it is possible to unite them and turn them into a tasty roast in audiovisual format; hat can be used as a learning object, a tool for education. For both, plus the bibliographic research, the work also carried out the production of said audiovisual piece and its evaluation.

KEYWORDS: DIGITAL TV. EDUTRETENIMENTO. HISTORICAL AND CRITICAL PEDAGOGY. CULTURE. CUISINE.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Adoção dos Padrões da TVD ao redor do mundo. Estatística Mundial de Adoção de Padrões da TV Digital Terrestre (PEREIRA e BEZERRA, 2008).....	38
Figura 2 – Avanço da TV Digital no Brasil. Percentual da população brasileira com acesso ao sinal digital por região. Levantamento realizado em 2012, disponível em www.dtv.org.br . Último acesso em 13 de março de 2013.	46
Figura 3 - Interiorização do Sinal da TV Digital. Levantamento realizado em 2012, disponível em www.dtv.org.br . Último acesso em 13 de março de 2013.	47
Figura 4 – Proposta de Divisão e Categorização das Teorias Pedagógicas no Brasil, anteriores às Pedagogias Críticas. Figura elaborada pela mestrandia para esta dissertação, baseada na divisão das teorias pedagógicas proposta por Saviani (2009). Por Fabiana GIMENES.	74
Figura 5 – Teorias da Educação. Fluxograma criado para este trabalho de dissertação e baseado na divisão das teorias pedagógicas proposta por Saviani (2009), apresentando a Pedagogia Histórico-crítica como nova proposta, diferenciada das existentes. Aqui também se acresceu o Movimento Paulo-Freire. Por Fabiana GIMENES.....	77
Figura 6 – Passos da PHC. Fluxograma criado para esta dissertação e baseado nos passos da metodologia de Saviani para a Pedagogia Histórico-crítica, descrita em SAVIANI, 2009. Por Fabiana GIMENES.....	79
Figura 7 – Inter-relações entre cultura, memória e identidade. Fluxograma elaborado para esta dissertação, a partir do exposto nas páginas 84-85 do presente trabalho. Por Fabiana GIMENES.	91
Figura 8 – Produção de Conteúdo Audiovisual. Organograma com o Processo de Produção de Conteúdo Audiovisual Televisivo. Baseado em Rodrigues (2007) e Whittaker (2002). Por Fabiana GIMENES.....	100
Figura 9 - Momentos de uma das reuniões do grupo de estudos. Primeiro, discussões e trabalho duro. Mais tarde, confraternização. Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.....	103
Figura 10 - Pré-roteiro do Bom de Boca, episódio piloto. Por Fabiana Gimenes.	109
Figura 11 - Pré-roteiro do Bom de Boca, episódio piloto. Por Fabiana Gimenes.	110
Figura 12 - Frames com registro da vinheta de abertura e identidade visual do projeto. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.	112
Figura 13 - Fabiana Gimenes na apresentação do Bom de Boca. À direita, plano americano e ícone de anúncio de interatividade. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.	112

- Figura 14 - Frames com a arte do quadro 'De onde vem?' e momentos da entrevista com o produtor rural Isaias Valim. Na imagem à esquerda ainda é possível observar a oferta de informação adicional sobre o alimento transgênico. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.....114
- Figura 15 - Frame com a arte do quadro 'Zoom'. Ao lado, a gravação do quadro para o programa piloto com a nutricionista Izabela Moraes. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.....115
- Figura 16 - Frame com a arte do quadro 'Caldeirão de Histórias' e momentos de participação da historiadora Neusa Menezes. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES. 115
- Figura 17 - Acima, frame da receita da pamonha. Abaixo, à esquerda, as pamonheiras. Ao lado, detalhe da preparação da pamonha. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.117
- Figura 18 - Participações do 'Fala Galera' gravadas com alunos de 9 anos da rede municipal de ensino de São João da Boa Vista. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.117
- Figura 19 - À esquerda, mensagem de aviso de interatividade. Ao lado, ícone de interatividade no canto superior da tela, durante a exibição do episódio. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.119
- Figura 20 - Registro do quadro interativo de localização. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.....119
- Figura 21 - Frames com a arte de abertura do quadro e um registro da explicação promovida pelo "Na ponta da língua". Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.120
- Figura 22 - Telas do quadro interativo "Está esperto?". A da esquerda apresenta todas as alternativas da questão, a da direita oferece a resposta correta. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.....121
- Figura 23 - Registro de um dos personagens a dividir outras receitas de pamonha para o quadro interativo "Da sua boca". Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES..122
- Figura 24 – Cópia da figura 6 apresentada anteriormente. Fases da Pedagogia Histórico-crítica. Criado a partir de Saviani (2010). Por Fabiana GIMENES.123
- Figura 25 - Questionário de Avaliação do episódio piloto do programa Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.....129
- Figura 26 - Gráfico com os percentuais das respostas da questão 01 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.....131
- Figura 27 - Gráfico com os percentuais obtidos a partir das respostas da questão 02 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.132

Figura 28 - Gráfico com os percentuais obtidos a partir das respostas da questão 03 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.	133
Figura 29 - Gráfico com os percentuais obtidos a partir das respostas da questão 04 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.	134
Figura 30 - Gráfico com os percentuais obtidos a partir das respostas da questão 05 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.	135
Figura 31 - Gráfico com os percentuais obtidos a partir das respostas da questão 06 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.	136
Figura 32 - Gráfico com os percentuais obtidos a partir das respostas da questão 07 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.	137
Figura 33 - Gráfico com os percentuais obtidos a partir das respostas da questão 08 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Padrões de desenvolvimento da TV Digital no mundo. Baseado em Bolaño & Vieira (2004). Por Fabiana GIMENES.....	37
Quadro 2 - Vantagens da TV Digital. Tabela adaptada do conteúdo apresentado pela DTV, site oficial da TV Digital. Disponível em www.dtv.org.br . Último acesso em 10 de março de 2013. Por Fabiana GIMENES.....	41
Quadro 3 - Tipos de Interatividade. Quadro baseado nos apontamentos feitos pelo site ITVBR sobre o aspecto técnico da interatividade na TVD (ITVBR, 2012). Disponível em www.itvbr.com.br . Último acesso em 10 de março de 2013. Por Fabiana GIMENES.	43
Quadro 4 – Conceitos de Edutretenimento. Levantamento bibliográfico das definições de Edutretenimento. AMERICO, 2010, p. 72-75.	58
Quadro 5 – Conceitos de Edutretenimento. Levantamento bibliográfico desenvolvido para esta dissertação, complementar aos trabalhos de Américo (2010) sobre os conceitos de Edutretenimento. Por Fabiana GIMENES.	60
Quadro 6 - Definições de E-E, Merchandising Social, Edutretenimento e Edutenimento. (AMERICO, 2010, p. 80)	63
Quadro 7 – Desenvolvimento do Edutretenimento no mundo. Quadro adaptado pela dissertação e baseado nas informações de Veltman, 2004. Por Fabiana GIMENES.....	65

LISTA DE SIGLAS

- ABERT – Associação Brasileira de Rádio e Televisão
- ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações
- ATSC – Advanced Television Systems Committee
- BBC – British Broadcasting Corporation
- DVB – Digital Video Broadcasting
- DVD – Digital Versatile Disc
- EMEIF – Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental
- GC – Gerador de Caractere
- HDTV – High Definition TV
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ISDB – Integrated Services Digital Broadcasting
- ISDB-T ou SBTVD – Sistema Brasileiro de Televisão Digital. Do inglês: Brazilian Digital Television System
- MPEG – Moving Picture Experts Group. Padrão de compressão de dados para vídeo digital em formato de arquivo desenvolvido por um grupo de trabalho pertencente ao ISO, em conjunto com a International Electrotechnical Commission (IEC).
- PHC – Pedagogia Histórico-crítica
- PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
- SET – Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão
- TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação
- TVD – Televisão Digital
- TVDi – Televisão Digital Interativa
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
- VT – Video tape ou fita de vídeo

*A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte...*

*A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer...*

*Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?...*

(Titãs, 1987)

Sumário

APRESENTAÇÃO	21
INTRODUÇÃO.....	24
PARTE I	31
OS INGREDIENTES	31
Capítulo I – A TELEVISÃO DIGITAL.....	32
1.1 Pra começo de conversa.....	33
1.2 A TV Digital.....	35
1.3 Características e Estrutura da TVD.....	40
1.4 E aqui estamos... Mas, para onde vamos?	45
Capítulo II – EDUTRETENIMENTO.....	48
2.1 Edu... o quê?	48
2.2 Novo formato, muitos conceitos.....	53
2.3 Edutretenimento e suas possibilidades.....	65
Capítulo III – A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA	70
3.1 A escolha	70
3.2 As origens.....	71
3.3 Contextualização.....	73
3.4 A teoria e sua proposta de método	77
3.5 PHC, edutretenimento e TVDi: preparando a mistura	82
Capítulo IV – COZINHANDO CULTURA	84
4.1 Uma questão de conceitos.....	84
4.2 A comida como cultura: um prato com sabor de possibilidades.....	92
PARTE II	98
MODO DE PREPARO.....	98
Capítulo V – O BOM DE BOCA.....	99

5.1 Temperos.....	99
5.2 Misturar e mexer	101
5.3 No forno ou na panela: O Bom de Boca	104
PARTE III	126
“A LA CARTE”	126
Capítulo VI – SIRVA-SE À VONTADE	127
6.1 Na mesa: degustação.....	127
6.2 Sabores e saberes, sobre ajustes e notas	130
6.3 Repeteco?	140
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	147
APÊNDICES.....	157
A - Roteiro do Bom de Boca.....	158
B - Roteiro/Ficha de Locução de VTs.....	172
C- Questionários de Avaliação Preenchidos.....	190
D - Listagem de Colaboradores	201
ANEXOS	204
A - Autorização de Disponibilização de Trabalho	205
B - Currículo Lattes	207

APRESENTAÇÃO

Comer é ingerir, integrar, comunicar, falar pelos ingredientes, pelos temperos, pelas maneiras de fazer cada prato, de consumir cada prato.

Raul Lody

Afirmar que a comida permeia grande parte das relações humanas é partir do senso comum. Mas é no senso comum que se formam e se transformam sabores e saberes que constroem e reconstroem a identidade de um povo caloroso e aromático. Assim, a comida permeia grande parte das relações humanas.

O Bom de Boca nasce desse e nesse universo. Aqui, busca-se cozer uma receita na qual se misturam tecnologias, como as utilizadas na TV Digital Interativa; métodos como os propostos pelo Edutretenimento e pela Pedagogia Histórico-Crítica; ao patrimônio imaterial de um povo: sua história, identidade, memória e cultura, sua Comida.


Ao ver na comida nosso ponto de chegada, traçamos, na verdade, um grande roteiro que permite nossa viagem até a mesma. Saindo de suas origens históricas, seguimos para sua expansão geográfica e seu atual significado econômico. Acrescemos a esse „cozido“ personagens e ambientes, folclores e lugares, revelando novo-antigos costumes, novo-antigas paisagens.

A idéia é ampliar o universo de referencias culturais das crianças, jovens e adultos, oferecendo a partir do conhecimento do “outro” ou mesmo do “eu”, as possibilidades de articulação, ressignificação, manutenção, transformação e de respeito.

Além disso, ao optar pela Pedagogia Histórico-crítica, o Bom de Boca assume-se enquanto produto dotado de historicidade, instrumento possível para a reflexão dessa historicidade.

Nesse caldeirão – onde tecnologias, memórias, história e cultura se misturam, o resultado “Bom de Boca” tem aroma divertido e sabor de educação...

Preparem seus pratos, tigelas ou cumbucas e bom apetite!



Colar encarte do Bom de Boca Aqui!

INTRODUÇÃO

A educação contextualizada historicamente e repleta de criticidade é a melhor receita para transformar as relações sociais que impedem a construção de uma sociedade igualitária. (Bom de Boca, 2014)

Cozinhar nunca foi meu forte. Contar histórias sim. Contudo, é inegável a proximidade entre esses dois universos. Tão distintos, tão iguais. Tal como um texto, a cozinha tem suas regras gramaticais, sintaxe, semântica e eixo narrativo. Talvez tenha sido por isso, e, assim, que nasceu o Bom de Boca, projeto de mestrado para o Programa de Pós Graduação em Televisão Digital da UNESP de Bauru.

Proposta de produto audiovisual para a TVD, o Bom de Boca deve ser visto e pensado enquanto programa educativo, interativo e historicamente crítico. Para isso inspira-se na Pedagogia Histórico-crítica, e tem a configuração de seu gênero e seu formato a partir do edutretenimento.

Contudo, antes de dar seqüência a esta dissertação, convém realizar um esclarecimento, necessário ao leitor. Ao redigir este trabalho optou-se por uma linguagem mais solta, que não chega à informalidade, mas não segue todo o rigor acadêmico. Uma linguagem típica da intimidade que o universo culinário costuma oferecer; participativa, na qual a primeira pessoa é quase sempre do plural. Uma linguagem de fácil fruição e, principalmente propícia ao diálogo.

Esclarecida nossa linguagem, cabem ainda mais dois avisos: o Bom de Boca nasce de um processo investigativo, e investigar, “*supõe desenvolver um delicado equilíbrio entre a aplicação de normas mais ou menos preestabelecidas pelo método e uma certa dose de criatividade e originalidade*” (VILELAS, 2009, p. 11). Estejam, portanto, abertos às doses de criatividade que o Bom de Boca acrescenta a sua receita. Contudo, conforme previa nosso anúncio, os avisos eram dois. Assim, o segundo quer lembrar ao nosso leitor que o Bom de Boca também nasce da pesquisa exploratória, pesquisa que, “*tem como principal finalidade a formação de conceitos e idéias capazes de tornar os problemas mais precisos e de formular hipótese para estudos posteriores*” (VILELAS, 2009, p. 119). Assim, na exploração, o Bom de Boca assume-se, e deve ser visto como em movimento e em constante continuidade, reformulação: uma receita que exige novas misturas, outros temperos, e que pode ser requentada e servida de diferentes e novas formas.

Passemos, então, a uma breve apresentação da receita e de seus ingredientes. O primeiro deles, a TV Digital.

A TV no Brasil sempre ocupou um papel diferenciado e de destaque. Um levantamento do IBGE aponta que os aparelhos de TV estão presentes em 96,9% dos lares brasileiros. O índice supera o de geladeiras – presente em 95,8%. (BRASIL-IBGE, 2012). Não dá para negar a abrangência e o poder desse meio de comunicação. Por mais que o consumo de outras mídias tenha aumentado, o consumo de TV continua soberano. E com a TV Digital¹ não será diferente.

No país, o início de suas transmissões em dezembro de 2007, representa mais do que qualidade de imagem e som – características tão exaltadas. A TV Digital, no cenário Brasil país-continente, traz novas perspectivas para o ensino.

Ao relembrar-se toda a tradição da aplicação da TV analógica junto à educação, e principalmente, junto a Educação a Distância – vide projetos como o Minerva, e produtos como o Telecurso 2000 e a TV Escola – a TV Digital, aberta e interativa, poderá possibilitar que do sofá de casa, ou da cozinha, seja possível ampliar conhecimentos e melhorar aprendizagem, mesmo que esta seja acidental.

Aqui cabe ressaltar que suas possibilidades enquanto parte do processo de ensino aprendizagem não ficam restritas à educação à distância. Podem ser utilizadas pela educação informal, não-formal e formal. E quanto ao ensino presencial, desde a Educação Infantil até os cursos de Especialização e Pós-Graduação (CRUZ; MAGNINI; BIZELLI, 2013).

Nas palavras de Demerval Saviani, de acordo com sua utilização, a TVD poderá funcionar enquanto um instrumento capaz de promover o homem, torná-lo *“cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para intervir nela transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens”* (1996, p. 38).

Implantada e em funcionamento, a TV Digital Aberta e Interativa deve oferecer um recurso extremamente importante à produção de conhecimento. Um recurso que elimina a passividade do telespectador – que passa a ser considerado „interator”² – permitindo que este possa participar de forma mais ativa do processo comunicacional, montando, por exemplo, sua programação, colaborando com a

¹ Por uma questão de fruição do texto, neste trabalho os termos: TV Digital, Televisão Digital, TV Digital Interativa e TVDI serão usados enquanto sinônimos.

² O termo „interator” será utilizado para substituir o telespectador. A TV Digital permite interação e criação coletiva (BIZELLI; STIPP, 2011).

construção do fazer televisivo, participando de fóruns, compartilhando seus conteúdos.

Paralela a toda essa possibilidade, verifica-se que a produção de conteúdo específico para a TV Digital ainda é ínfima. Em meio a essa pequena produção, a existência de peças audiovisuais interativas que estejam voltadas à educação é ainda menor.

E é nessa lacuna que se insere o Bom de Boca, programa que busca em sua essência estar caracterizado enquanto educativo. Mas educativo de que forma? A que modo?

Embora ainda recente na academia, o termo edutretenimento tem merecido destaque e acabou analisado durante a pós-graduação. Formato audiovisual híbrido, o edutretenimento propõe uma junção entre o educativo e o lúdico e mostra-se como ferramenta interessante na transmissão de conteúdo educacional. Acresçamos a nossa receita inicial este ingrediente.

Sabe-se então que é preciso desenvolver produtos educativos para a televisão digital e que os mesmos podem adotar como formato o edutretenimento, contudo, que tipo de educação oferecer?

Será possível modificar a idéia de que o uso educativo dos meios televisivos se restringe a difusão de „conteúdos“ a um maior número de pessoas, ou nas palavras de Martín-Barbero (2000, p. 56) evitar apenas: *“usar os meios televisivos para que mais gente possa estudar, porém estudar sempre a mesma coisa?”* Seria possível unir TV e Educação? Há a possibilidade de utilizarmos o maior e mais comum meio de comunicação de massa às propostas de democratização do conhecimento e difusão cultural? Poderíamos pensar num produto televisivo que coubesse na sala de casa ou nas salas de aula e pudesse ir além da simples ilustração?

O **Bom de Boca aposta nessa hipótese**. É sim possível e necessário unir TV e Educação. Contudo, nosso trabalho entende que essa possibilidade exige reflexão. E, acredita-se, quebra de paradigma.

No que se refere à quebra de paradigma, chega-se a Pedagogia Histórico-crítica, teoria pedagógica criada no final da década de setenta que pressupõe o ensino contextualizado e crítico como maneira de transformar relações sociais e, dessa forma, modificar estruturas. Eis aí o terceiro ingrediente da nossa receita, e é ele a nos indicar o nosso próximo elemento: a cultura.

Relação material do homem, sujeito social, com as condições que lhe foram dadas ou produzidas por ele (CHAUÍ, 1986), a cultura serve tal qual massa para o nosso preparo.

Mas que tipo de cultura? A cultura oral, memorial, de identidade, patrimônio a ser preservado, encontrada, por exemplo, no universo culinário.

A cozinha entendida aqui como cultura é construída pelos homens, modifica-se ao longo dos anos e também é capaz de modificar. Dotada de historicidade ela é transformada e também pode transformar desde que seja possibilitado o acesso e a identificação da mesma. Somente dessa forma é possível garantir o processo de absorção, reelaboração, produção e transformação dessa cultura. E no que diz respeito a acesso e difusão voltamos às possibilidades oferecidas pela televisão digital.

Assim, da TV Digital ao edutretenimento passando pela Pedagogia Histórico-crítica e pela cultura, estão selecionados nossos ingredientes.

É com a mistura dos mesmos que este trabalho coze o Bom de Boca: programa audiovisual educativo, tematizado inicialmente pela cultura gastronômica, interativo e historicamente crítico, inspirado na PHC, formatado enquanto edutretenimento, destinado a TV Digital.

Embora seja um programa de culinária, o Bom de Boca quer ir além. Busca mostrar muito mais que a receita. Tece junto a sua platéia uma viagem rica em cultura, provando a transformação social adquirida pelo alimento a partir do trabalho humano. Uma viagem que possibilita mudança e obtenção de síntese.

É esse o nosso cozido; e, mostrar como foi seu preparo tarefa das páginas a seguir.

Para isso, pensou-se em uma estrutura com sintaxe semelhante à de uma receita. Na primeira parte do trabalho são apresentados e conceituados os ingredientes utilizados na produção do Bom de Boca. Já na segunda, tem-se o modo de preparo do prato aqui oferecido. Uma terceira e última parte é destinada a experimentação do Bom de Boca, seguida então, por algumas considerações a respeito de todo o trabalho.

De forma mais detalhada, o primeiro capítulo busca apresentar as particularidades da TV Digital, fazendo um breve histórico sobre a evolução da tecnologia. Aborda ainda a situação atual da implementação da TVDi no Brasil, e,

mais que isso, quer instigar o leitor sobre as possibilidades desse novo meio de comunicação junto à educação e ao futuro.

No segundo capítulo, conceitua-se o edutretenimento enquanto novo gênero audiovisual híbrido. Apresentam-se suas características e suas origens, ampliando a pesquisa sobre sua gênese e evolução. Oferecem-se, ainda, algumas considerações sobre as possibilidades de aplicação do edutretenimento junto à interatividade da TV Digital.

O terceiro capítulo ocupa-se em abordar os principais fundamentos da Pedagogia Histórico-crítica, apresentando suas origens, a proposta pedagógica difundida por Demerval Saviani e sua busca pela educação que supera as pedagogias da essência e da existência. Há ainda uma pequena discussão sobre as possibilidades de promover essa educação a partir dos recursos do Edutretenimento e da TV Digital, na busca pela formação de um cidadão mais crítico e atuante.

Já o quarto capítulo dessa primeira parte do trabalho conceitua o termo „cultura“, aproximando-o do universo culinário e da comida. Dedicam-se ainda a destacar conceitos como memória, identidade e patrimônio imaterial da humanidade.

A segunda parte do trabalho é composta de um capítulo único, o quinto da dissertação. É ele o responsável por apresentar e explicitar a produção do produto audiovisual aqui proposto. Na seção „Temperos“, abordam-se as etapas de execução do mesmo: pré-produção, produção, e pós-produção. Já em „Misturar e mexer“, aproximam-se as etapas da produção do Bom de Boca aos passos metodológicos propostos por Saviani (2009) e Gasparin (2011). Aqui, apresenta-se ainda uma das grandes conquistas do projeto, a criação de um grupo de estudos, co-responsável por cozer nosso produto. Em „No forno ou na panela“ apresenta-se, de fato, o projeto Bom de Boca. Por fim, o capítulo contempla ainda a redação do pré-roteiro e do roteiro do programa piloto, a criação e descrição de quadros interativos propostos de modo a agregar sabor ao programa.

A terceira e última parte deste trabalho coloca o produto à mesa, em experimentação. É ele quem contém a análise da avaliação do produto feita pelo grupo de estudos, a partir de questionários e conversas dirigidas. São elencados os ajustes e as sugestões a serem aplicados no programa piloto assim como nos próximos episódios do produto. O capítulo traz ainda algumas sugestões de uso e re-uso do programa enquanto objeto de aprendizagem.

Findas as três partes do trabalho tem-se, então, uma pequena discussão a respeito de algumas considerações e impressões conquistadas ao longo da produção do Bom de Boca. Na seção „Apêndice“ é possível analisar o roteiro proposto para o programa piloto, bem como a ficha de locução dos quadros utilizados durante o programa, uma lista com os colaboradores da produção e os questionários originais digitalizados.

É esta a configuração do Bom de Boca, sua justificativa e missão: fazer a diferença, possibilitar mudança. Partir de histórias próprias do universo culinário, acrescentando às mesmas a profundidade que só a prática social vista de forma histórica e crítica pode dar, garantindo ainda que toda essa discussão seja divertida, saborosa.

A tarefa não é das mais simples, contudo possibilita com que nos fartemos em conteúdos e nos deliciemos ao conhecermos uma história toda especial: a história do Bom de Boca. O episódio piloto está colocado em mídia digital e disponibilizado junto a este trabalho pronto para consumo.

Por fim vale lembrar que entre ingredientes e temperos é possível descobrir que a simbiose da receita ao texto e da comida às histórias é sempre um prato cheio. Oportunidade de fartura e de transformação. Tempo de renovar o cardápio!

PARTE I

OS INGREDIENTES

Você não precisa cozinhar obras-primas bonitas e complicadas. Basta preparar boa comida de ingredientes frescos.

Julia Child

Capítulo I – A TELEVISÃO DIGITAL

Santa clara, padroeira da televisão
Que o menino de olho esperto saiba ver tudo
Entender certo o sinal certo se perto do encoberto
Falar certo desse perto e do distante porto aberto
Mas calar
Saber lançar-se num claro instante

Santa clara, padroeira da televisão
Que a televisão não seja o inferno, interno, ermo
Um ver no excesso o eterno quase nada (quase nada)
Que a televisão não seja sempre vista
Como a montra condenada, a fenestra sinistra
Mas tomada pelo que ela é
De poesia

Quando a tarde cai onde o meu pai
Me fez e me criou
Ninguém vai saber que cor me dói
E foi e aqui ficou
Santa clara

Saber calar, saber conduzir a oração
Possa o vídeo ser a cobra de outro éden
Porque a queda é uma conquista
E as miríades de imagens suicídio
Possa o vídeo ser o lago onde narciso
Seja um deus que saberá também
Ressuscitar

Possa o mundo ser como aquela ialorixá
A ialorixá que reconhece o orixá no anúncio
Puxa o canto pra o orixá que vê no anúncio
No caubói, no samurai, no moço nu, na moça nua
No animal, na cor, na pedra, vê na lua, vê na lua
Tantos níveis de sinais que lê
E segue inteira

Lua clara, trilha, sina
Brilha, ensina-me a te ver
Lua, lua, continua em mim
Luar, no ar, na TV
São Francisco

(Caetano Veloso. Santa Clara, Padroeira da Televisão.
Circuladô, Universal, 1991).

1.1 Pra começo de conversa

Quem nunca se apaixonou pelo personagem da novela das nove, ou não respondeu ao “Boa noite!” do apresentador do jornal, que atire a primeira pedra. De seu nascimento aos dias de hoje a televisão acabou transformada em aparelho imprescindível de qualquer lar. Quase parte da família.

O que muitos não imaginam é que, de fato, todo esse amor é muito recente. A TV ainda não completou um século.

Criada a partir de uma série de grandes descobertas, invenções e inventores, a origem da TV passa por Berzelius³, Nipkow⁴ e seu disco⁵. Mistura-se ainda a nomes como Baird⁶, Zworykin e Farnsworth⁷. E já, no século 20, a TV mostra ao

³ Desde o início do século XIX, pesquisadores buscavam transmitir imagens à distância. Em 1817, o químico sueco Jons Jakob Berzelius descobriu o selênio e acabou por impulsionar discussões e estudos sobre a transmissão de imagens por meio de corrente elétrica. Isso porque entre as propriedades do elemento químico está a de transformar energia luminosa em energia elétrica. (ITVBR: ENGENHARIA DE SISTEMAS. Televisão: uma breve história. Disponível em itvbr.com.br. Último acesso em 10 de março de 2013)

⁴ Considerado o “pai” da TV, em 1884, o alemão Paul Nipkow já trabalhava na hipótese de enviar imagens à distância. Para isso, decomporia a imagem em impulsos elétricos que seriam enviados através de fio até o local desejado. Daí, nesse local, o processo seria inverso: os impulsos elétricos seriam transformados novamente em imagem. (ITVBR: ENGENHARIA DE SISTEMAS. Televisão: uma breve história. Disponível em itvbr.com.br. Último acesso em 10 de março de 2013)

⁵ O disco de Nipkow consistia em um disco com furos em espirais responsáveis por “varrer” a imagem desejada. Cada furo desse disco emitia uma luz. Através de uma célula de selênio essa luz era convertida em corrente elétrica responsável por acender uma lâmpada que, por sua vez, iluminava outro disco oposto ao primeiro, gerando a imagem inicial num écran. Foi esse invento o responsável por dar a Nipkow o título de “pai” da TV. (TUDO SOBRE TV. A história da televisão: da sua invenção ao início da transmissão em cores. Disponível em: tudosobretv.com.br. Último acesso em 10 de março de 2013)

⁶ John Logie Baird, em 1920, foi o responsável por realizar as primeiras transmissões de imagens à distância utilizando um sistema mecânico baseado no disco de Nipkow. Em 1924 transmitiu contornos de objetos, em 1925, fisionomias humanas. Em 1926 demonstrou publicamente seu trabalho no Royan Institution em Londres. (TUDO SOBRE TV. A história da televisão: da sua invenção ao início da transmissão em cores. Disponível em: tudosobretv.com.br. Último acesso em 10 de março de 2013)

⁷ Em 1929, Vladimir Kosma Zworykin foi o responsável pela criação do iconoscópio, aparelho quase similar aos antigos televisores. Através de seu iconoscópio, o russo naturalizado norte americano, transmitiu imagens numa distância de 45 quilômetros. De forma paralela, já em 1925, Philo Farnsworth calculava, através de suas fórmulas, o diagrama de uma válvula transmissora de imagens

mundo suas possibilidades de caixa mágica hipnotizante (ITVBR, documento eletrônico; TUDOSOBRETV, documento eletrônico).

Oficialmente, o início da televisão dá-se em 1935, na Alemanha. Meses depois, a Torre Eiffel, na França, transforma-se em ponto emissor. Um ano mais tarde, Londres já inaugura sua primeira estação regular de TV, a BBC que em 1937, transmite a cinquenta mil telespectadores o cerimonial de coroação de Jorge VI. Nos Estados Unidos as transmissões começam em 1939. Mas, antes disso, esse país já se dedica a pesquisar a criação de um aparelho televisivo em cores⁸. Em 1945, depois do fim da Segunda Grande Guerra Mundial, o primeiro tubo de televisão⁹ começa a ser produzido em escala industrial.

A partir de então, intensificam-se as pesquisas sobre a TV colorida e a melhoria na qualidade de imagem. Em 1954 os norte americanos começam a transmitir em cores no padrão NTSC¹⁰.

No Brasil a TV chega de forma definitiva¹¹ em 1950, com Assis Chateaubriand¹² e a criação do canal 3, o canal Tupi. Por questões orçamentárias¹³.

(TUDO SOBRE TV. A história da televisão: da sua invenção ao início da transmissão em cores. Disponível em: tudosobretv.com.br. Último acesso em 10 de março de 2013). Ambos, Zworykin e Farnsworth, são considerados os inventores da televisão (Disponível em itvbr.com.br).

⁸ Nos Estados Unidos, a TV em cores já era estudada desde o final da década de 20.

⁹ Apresentado em Nova York em 1936, este primeiro tubo de televisão leva a assinatura de Zworykin e era conhecido como Orticon. (disponível em itvbr.com.br)

¹⁰ NTSC sigla criada para um comitê especial norte-americano responsável por inserir cores na TV preto e branco, o *National Television Standards Committee*. O NTSC acabou denominando o sistema que era capaz de decompor e compor a imagem em preto e branco, a partir de níveis de luminância e acrescentar aos mesmos a cor, a crominância. No sistema NTSC, a luz branca é decomposta em três cores primárias, o famoso RGB: *red* (vermelho), *green* (verde) e *blue* (azul). Em 1967, a Alemanha cria o sistema PAL (*Phase Alternation Line*) possibilitando as transmissões em cores no país. Variação do sistema norte americano, ele supria algumas debilidades do NTSC. (TUDO SOBRE TV. A história da televisão: da sua invenção ao início da transmissão em cores. Disponível em: tudosobretv.com.br. Último acesso em 10 de março de 2013)

¹¹ Antes disso, em 1939, durante a Feira Internacional de Amostras da capital carioca e do país, ocorre a primeira transmissão de televisão em circuito fechado em terras brasileiras. Os equipamentos utilizados tinham origem alemã. Mais tarde, em 1948, Juiz de Fora, Minas Gerais, era cenário de outra transmissão experimental de televisão, desta vez com trechos do Congresso Eucarístico e de um jogo de futebol (TUDO SOBRE TV. A história da televisão: da sua invenção ao início da transmissão em cores. Disponível em: tudosobretv.com.br. Último acesso em 10 de março de 2013).

¹² Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo nasceu em 1892, na Paraíba, e desde o início dedicou-se a comunicação em massa. Dono de um império de jornais, revistas e rádios: os Diários Associados, foi o responsável por trazer ao Brasil a tecnologia televisiva, criando a primeira emissora

A cor demoraria mais de duas décadas para adentrar terras tupiniquins. As transmissões coloridas são efetuadas somente em 1972, quase na mesma época em que se iniciam as pesquisas sobre a TV Digital.

Embora seja o momento de iniciarmos um novo sub-capítulo, cabe aqui, ainda, um breve olhar sobre a situação da TV no Brasil. Atualmente, segundo dados da Pesquisa Nacional por Domicílios, a PNAD, desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, em 2011, 96,9% dos lares brasileiros tinham aparelhos televisores. O que representa 59,4 milhões de domicílios (BRASIL, IBGE, 2011). O índice supera o de outros itens considerados básicos, como o de geladeiras, que é de 95,8%¹⁴.

1.2 A TV Digital

Entendida enquanto um sistema de radiodifusão televisivo, que transmite sinais digitais e não mais analógicos (BOLAÑO e VIEIRA, 2004), a TV Digital começou a ser desenhada a partir de uma intenção nipônica. Interessados em

do país, a TV Tupi. Magnata, Chateaubriand chegou a contabilizar em seu império mais de cem empresas, dessas, 33 jornais, 28 revistas, 25 emissoras de rádio, 22 emissoras de televisão. (CRUZ, Renato. A TV Digital no Brasil: tecnologia versus política. São Paulo: Editora Senac São paulo, 2008) Chateaubriand também foi Senador da Republica, entre 1952 e 1957 (SENADO FEDERAL. Disponível em www.senado.gov.br. Último acesso em 10 de março de 2013), e co-criador, em 1947, do Museu de Arte de São Paulo, o MASP (MASP. Disponível em masp.art.br. Último acesso em 10 de março de 2013).

¹³ Em 1948, Chateaubriand já havia viajado para os EUA e comprado vários aparelhos televisores, proporcionando a alguns técnicos formação específica para o uso da nova tecnologia. Um ano mais tarde voltou a RCA, nos Estados Unidos, para conhecer a tecnologia da transmissão em cores. Contudo, devido ao seu custo e a carência de profissionais técnicos, acabou abandonando a possibilidade. (TUDO SOBRE TV. A história da televisão: da sua invenção ao início da transmissão em cores. Disponível em: tudosobretv.com.br. Último acesso em 10 de março de 2013) Em 1950, com o início das transmissões da TV Tupi em preto e branco, cerca de 200 TVs foram espalhadas pelas ruas da capital (Tecnundo. Camargo, Camila. A história da televisão. Postado em 9 de julho de 2009. Disponível em: www.tecnundo.com.br. Último acesso em 10 de março de 2013).

¹⁴ O fato foi tema de diversas matérias jornalísticas. No portal da Globo ganhou destaque com a manchete: Número de casas com TV supera o das que tem geladeira (Disponível em: www.g1.globo.com/economia/noticia/2012/09/numero-de-casas-com-tv-supera-o-das-que-tem-geladeira.html. Último acesso em 11 de março de 2013).

melhorar a qualidade das imagens a serem transmitidas, já na década de 1970, a partir de um consórcio de estações de TV, os japoneses iniciaram pesquisas para a criação de uma televisão de alta definição, a HDTV: *High Definition TV*.

Dez anos mais tarde, os japoneses faziam os primeiros testes com a nova tecnologia e americanos e europeus entravam na corrida para o desenvolvimento de um padrão digital próprio. Dez anos mais tarde, na década de 90, nortes americanos, europeus e japoneses já transmitiam, em caráter experimental, o sinal digital.

O mundo televisivo inaugurava uma nova era. Uma era dividida em três grandes padrões de desenvolvimento da nova tecnologia televisiva: o ATSC, o DVB e o ISDB. Por questões didáticas, tais padrões encontram-se divididos e caracterizados no Quadro1.

Padrão	País de Origem	Características
ATSC – <i>Advanced Television Systems Committee</i>	EUA	Tem seu foco na qualidade de imagens e sons em alta definição. Formato 16:9 e som digital dolby 5.1. Permite a transmissão de programas <i>pay-per-view</i> e de serviços interativos. Não tem qualidade na recepção em ambientes que fazem uso de antenas internas e por conta da modulação adotada, não atende ao quesito da mobilidade.
DVB Project – <i>Digital Video Broadcasting Project</i>	Europa	Conjunto de padrões intercambiantes vinculados aos tipos de transmissão adotados: via terrestre ou radiodifusão (DVB-T); por satélite (DVB-S); por cabo (DVB-C). Formato 16:9 e 4:3. Possibilita a „transmissão hierárquica“, capaz de priorizar parte da informação a ser transmitida, tornando-a menos suscetível a ruídos. Foco no desenvolvimento da multi-programação: capaz de aumentar a quantidade de programas simultâneos.

ISDB – <i>Integrated Services Digital Broadcasting</i>	Japão	Mais do que um sistema de transmissão de sinais digitais, e, portanto, com melhor qualidade de imagens e sons, o padrão japonês apresenta-se, desde o início enquanto plataforma tecnológica, capaz de oferecer múltiplos serviços. Possibilidade de transmissão via terrestre, por radiodifusão, satélite ou cabo. Também possibilita a „transmissão hierárquica“. Permite a recepção em aparelhos portáteis e móveis.
--	-------	---

Quadro 1 - Padrões de desenvolvimento da TV Digital no mundo. Baseado em Bolaño & Vieira (2004). Por Fabiana GIMENES.

Os três padrões descritos no Quadro 1 espalharam-se pelo globo terrestre no final da década de noventa e foram de forma específica por grupos geo-econômicos, concentrados entre o polo norte-americano, o polo europeu/asiático e o polo japonês. Em 2008 essa difusão podia ser vista e dimensionada conforme mostra a Figura1.

Ministério das Comunicações um parecer: o melhor sistema de TV digital para o Brasil seria o ISDB-T, desenvolvido pelo Japão (DTV, 2010). A multiprogramação ofertada pelo modelo europeu acabou perdendo espaço para a possibilidade de transmissão de conteúdo a dispositivos móveis, característica disponível no padrão nipônico. Mas, essa escolha levou em consideração muito mais que aspectos técnicos e tecnológicos. Cruz e Domingues da Silva deixam transparecer detalhes desse episódio:

O processo de definição sobre o padrão de TV Digital no Brasil começou com os radiodifusores, ainda em 1994, e foi concluído por força deles, em 2006. Se fosse estritamente técnica, a decisão poderia ter sido tomada em 2000, quando a Universidade Mackenzie concluiu testes dos sistemas internacionais e apontou o japonês ISDB-T como o mais robusto. Em 2002, quase houve definição, deixada de lado por ser ano eleitoral e porque as emissoras não tinham boa situação financeira. Quatro anos depois, com as finanças das redes recuperadas, o fato de o País passar por um processo eleitoral acabou se tornando um incentivo à tomada de decisão. (CRUZ: 2008, p.115)

Quando do início do debate sobre digitalização da TV, nos anos 1990, o ator radiodifusores se mostrou condutor informal do processo e atuou estrategicamente no sentido de ver seus interesses atendidos por meio de decisões governamentais. Defendia-se, explicitamente e com apoio da Anatel a adoção da tecnologia japonesa (ISDB) por parte do ator Governo Federal. O feasible set também incluía a tecnologia americana (ATSC) e europeia (DVB). A decisão, porém, não foi tomada na gestão Fernando Henrique Cardoso – ficou para o governo seguinte. Enquanto isso, o ator movimentos sociais – defensor da tecnologia DVB – também passou a atuar estrategicamente guiado, porém, por interesses antagônicos àqueles das emissoras. No início do governo Lula, havia indícios de que o ator movimentos sociais seria atendido. Entretanto, não foi o que ocorreu. (DOMINGUES DA SILVA: 2010 p.02)

O fato é que, politicamente ou tecnicamente embasado, em junho de 2006 o governo anunciava a escolha do ISDB-T como base para o desenvolvimento do SBTVD¹⁵, e em dezembro de 2007 o Brasil realizava suas primeiras transmissões em sinal digital.

¹⁵ A decisão foi oficializada pelo Ato Presidencial # 5.820, que, além de instituir que o padrão de TV Digital nipônico seria a base para o sistema oficial de transmissão de TV digital no Brasil, determinava que em sete anos todo o território brasileiro deveria ser coberto pelo novo sistema digital de TV e que em dez anos, ou seja, em 2016, todas as frequências para transmissão de TV analógicas deveriam ser devolvidas ao governo, restando apenas a transmissão em sinal digital (DTV, 2010. Disponível em www.dtv.org.br/informacoes-tecnicas/historia-da-tv-digital-no-brasil/. Último acesso em 13 de março de 2013).

1.3 Características e Estrutura da TVD

Mais do que adotar o padrão nipônico, o Brasil pretendia melhorá-lo. A proposta era a de que, aqui, esse sistema recebesse características próprias. Pesquisas realizadas pelas: Universidade Federal da Paraíba e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro acrescentaram novas tecnologias ao sistema tupiniquim. Entre elas a adoção do MPEG-4, em detrimento do MPEG-2 original, o que permite maior aproveitamento da faixa de transmissão. Optou-se pela multiplexação¹⁶ e estruturação de dados, com inclusão de caracteres latinos; a máscara de transmissão precisou ser adaptada a fim de evitar interferências de outras estações.

No sistema brasileiro a transmissão é aberta – enquanto que no padrão japonês o sistema contém proteção contra cópias o que impediria a gravação de transmissões voltadas principalmente à interatividade. A máscara de transmissão nipônica também precisou ser adaptada para evitar interferências de outras estações. Houve grande preocupação com as transmissões para aparelhos móveis e portáteis, que utilizam, então, 30 quadros por segundo. No quesito interatividade, o país decidiu investir na adoção de um middleware próprio, o Ginga¹⁷. De código aberto, o Ginga representa a possibilidade de fortalecimento do mercado de software e de criação de conteúdo interativo brasileiro, mas implica na necessidade de investimentos em pesquisa e tecnologia. (BUENO, 2010; DTV, 2010)

Uma pequena comparação entre TV Digital e TV analógica pode sintetizar as principais características e possibilidades da nova tecnologia. É o que buscamos ilustrar no Quadro 2.

¹⁶ A multiplexação é o processo utilizado para maximizar a transmissão do sinal digital de um ponto a outro. Tal processo consiste na transmissão simultânea de dois ou mais elementos, sinais, de informação utilizando o mesmo meio de transmissão. A multiplexação pode ser entendida como otimização dos meios de transmissão. (TELECO. Inteligência em Telecomunicações. Disponível em: www.teleco.com.br/tutoriais/tutorialconvdados/pagina_4.asp. Último acesso em 14 de março de 2013).

¹⁷ Espécie de Sistema Operacional responsável por possibilitar o desenvolvimento de outros softwares, pequenos programas, a serem executados na plataforma da TV Digital.

Comparativo TV Analógica e TV Digital (algumas características)		
	TV Analógica	TV Digital
Qualidade da imagem	Definição padrão (entre 480 e 525 linhas, baixa nitidez)	Alta definição (até 1080 linhas, elevado nível de nitidez)
Qualidade do som	Estéreo (apenas 2 canais)	6 canais (surround)
Formato de exibição	4:3	16:9
Canais por emissora	1	Até 6 em definição padrão
Qualidade do sinal	Pode apresentar chuviscos, ruídos e fantasmas	Livre de interferências
Custo	Zero	Zero
Mobilidade	Recepção fixa	Recepção em deslocamento
Interatividade	Poucas possibilidades	Muitas possibilidades

Quadro 2 - Vantagens da TV Digital. Tabela adaptada do conteúdo apresentado pela DTV, site oficial da TV Digital. Disponível em www.dtv.org.br. Último acesso em 10 de março de 2013. Por Fabiana GIMENES.

Em resumo, a nitidez da TV Digital é superior a da TV Analógica, assim como a qualidade do áudio. Tal superioridade, aliada a um formato de tela semelhante ao do cinema e a não existência de interferências, aumenta a sensação de imersão do interator¹⁸, fazendo com que sua experiência com a nova TV fique mais rica.

Já com a maior gama de canais por emissoras, as mesmas serão capazes de optar pela multiprogramação, aumentando a oferta e a variedade de conteúdo oferecido através da televisão. Na prática isso quer dizer que as emissoras podem decidir se transmitem em um único canal em alta definição, enviando sinal também

¹⁸ Como já foi dito, o interator (BIZELLI; STIPP, 2011) é novo sujeito da TV Digital, o qual ultrapassa o simples ato de assistir e tem capacidade para criar e co-produzir a sua TV.

aos dispositivos móveis, ou se querem transmitir até seis canais¹⁹ em definição padrão, oferecendo até seis conteúdos ao mesmo tempo, mas com menor qualidade de imagem.

Além disso, com a interatividade²⁰, a idéia é que a partir da TV Digital, os interatores façam, aos poucos, mais que assistir TV. Becker e Montez, por exemplo, prevêem interações a partir dos níveis disponíveis dessa interatividade. Eles vão de uma interação de menor qualidade, caracterizada pela escolha parcial da programação e por pequenos retornos; à interação plena, com ruptura do monopólio das grandes redes de TV e transformação definitiva do telespectador em interator. Neste último nível de interatividade, o interator é receptor e emissor de conteúdo, produz programas, filmes e compartilha sua produção, de forma semelhante ao que acontece com a internet e o ciberespaço (BECKER e MONTEZ, 2004a).

Os autores mencionados também falam em níveis de interatividade. Num primeiro nível a interatividade seria apenas com o aparelho de TV. Num segundo nível, o usuário já poderia interagir com a programação, escolhendo o final de um programa através do controle remoto. No terceiro nível, o usuário define o que gostaria de assistir, escolhendo ainda o quanto se aprofundar no assunto escolhido. Isso porque neste nível de interatividade há acesso a conteúdo adicional e possibilidade de resposta. Aqui, o interator pode enviar conteúdo ou fechar uma compra, por exemplo. (ITVBR, 2012)

Do ponto de vista técnico o mesmo site aponta outra classificação para a interatividade. Tal classificação aparece detalhada no Quadro 3.

TIPO DE INTERATIVIDADE	CARACTERÍSTICAS
------------------------	-----------------

19 A TV Cultura utiliza a opção de multiprogramação e transmite o canal da UNIVESP TV em paralelo a sua programação principal.

20 De acordo com Montez e Becker, o termo interatividade simboliza o quanto o usuário/telespectador/interator pode participar da TV “*modificando a forma e o conteúdo do ambiente mediado em tempo real, sendo esta uma variável direcionada pelo estímulo e determinada pela estrutura tecnológica do meio*”. Para os autores, a chamada TV interativa de hoje é, ainda, apenas reativa, uma vez que o interator não exerce papel ativo na programação televisiva (MONTEZ & BECKER: 2004, p.13).

TIPO DE INTERATIVIDADE	CARACTERÍSTICAS
LOCAL	Básica. Não apresenta canal de retorno. Usuário interage apenas com o receptor, o set-top-box ²¹ , nas aplicações disponíveis no mesmo, como a configuração de legendas, e a exibição de guias de programação.
REMOTA	Mais complexa, tem canal de retorno, o que viabiliza a comunicação entre o usuário e o emissor, entendido como uma empresa de radiodifusão ou uma provedora de conteúdos. Pode ser intermitente ou permanente.
REMOTA INTERMITENTE	Tem canal de retorno não dedicado, o que significa que a comunicação entre usuário e emissor acontece numa única direção, geralmente, do usuário para o emissor, com aplicações como votações e pesquisas de opinião, quando não é esperada uma resposta do canal de emissão.
REMOTA PERMANENTE	Apresenta canal de retorno dedicado o que representa comunicação bidirecional entre emissor e usuário e usuário e emissor. É a interatividade completa.

Quadro 3 - Tipos de Interatividade. Quadro baseado nos apontamentos feitos pelo site ITVBR sobre o aspecto técnico da interatividade na TVD (ITVBR, 2012). Disponível em www.itvbr.com.br. Último acesso em 10 de março de 2013. Por Fabiana GIMENES.

Num primeiro momento, as possibilidades de interatividade devem favorecer a criação de games e ampliar a oferta de serviços pela TV. Usando o controle remoto, será possível, por exemplo, receber informações adicionais sobre o programa, seus personagens, idealizadores. Posteriormente, através da interatividade, o usuário poderá comprar produtos apresentados na telenovela, escolher o destino do personagem da série, participar de campeonatos, responder a enquetes, realizar operações bancárias. Acredita-se que a partir dessa interatividade, será possível, inclusive, aprender (SOUZA; BIZELLI, 2012).

²¹ O set-up-box pode ser entendido como um aparelho similar aos utilizados pelas TVs pó assinatura como decodificador. Funciona como conversor, já que acoplado ao aparelho de TV convencional é capaz de transformar o sinal digital em sinal analógico compatível com o aparelho analógico. (PORTO e CIRNE, 2009)

Através da interatividade disponibilizada pela TV Digital, programas e produtos educativos poderão diminuir o que os teóricos da educação à distância chamam de distância transacional²². A interatividade possibilita a resposta e aumenta a comunicação entre emissor-receptor, propiciando uma aprendizagem efetiva, significativa (BIZELLI, CARAN, 2012).

A perspectiva educativa da TV Digital está presente até mesmo nos documentos oficiais de sua criação. No decreto de 2003:

Art. 1º. Fica instituído o Sistema Brasileiro de Televisão Digital – SBTVD, que tem por finalidade alcançar, entre outros, os seguintes objetivos:
I – promover a inclusão social, a diversidade cultural do País e a língua pátria por meio do acesso à tecnologia digital, visando à democratização da informação;
II – propiciar a criação de rede universal de educação à distância²³;
III – estimular a pesquisa e o desenvolvimento e propiciar a expansão de tecnologias brasileiras e da indústria nacional relacionadas à tecnologia de informação e comunicação [...] (Brasil, 2003).

E de maneira mais específica, no decreto de 2006, através do qual o governo já fala, inclusive, num canal voltado exclusivamente à educação, e outro com função de difusão cultural²⁴:

Art. 1º-Este Decreto dispõe sobre a implantação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre - SBTVD-T na plataforma de transmissão e retransmissão de sinais de radiodifusão de sons e imagens.
(...)
Art. 13. A União poderá explorar o serviço de radiodifusão de sons e imagens em tecnologia digital, observadas as normas de operação

²² Michael Moore chama de „distância transacional” – referindo-se a distância física e comunicativa em sala de aula seja ela a distância ou não. Segundo Moore, quanto maior a comunicação entre professor e alunos menor a distância transacional, maior e mais significativa a aprendizagem. Quanto maior a interatividade, maior o diálogo, menor a distância transacional. (MOORE, 2007)

²³ Grifos da autora.

²⁴ Entendemos que a criação desses espaços representa avanços. Contudo, fazemos aqui um questionamento. Existiria a necessidade de termos dois canais para educação e difusão cultural? Ou como coloca Martín-Barbero (2000, p.52): “o que o país esta jogando aí, na ausência de políticas conjuntas de cultura/comunicação/educação, é sua própria viabilidade como nação, tanto política quanto cultural, tanto social quanto laboral, já que tudo isso passa pela necessidade de que o ecossistema comunicacional se articule e se organize com as dinâmicas da cultura e da educação”. Embora esteja se referindo a Colômbia, é fácil utilizar a análise do teórico para entender que o Brasil, ao que parece, deixa escapar mais uma oportunidade de substituir medidas conjunturais por estruturais.

compartilhada a serem fixadas pelo Ministério das Comunicações, dentre outros, para transmissão de:

I - Canal do Poder Executivo: para transmissão de atos, trabalhos, projetos, sessões e eventos do Poder Executivo;

II - **Canal de Educação: para transmissão destinada ao desenvolvimento e aprimoramento, entre outros, do ensino à distância de alunos e capacitação de professores;**

III - **Canal de Cultura: para transmissão destinada a produções culturais e programas regionais²⁵; e**

IV - Canal de Cidadania: para transmissão de programações das comunidades locais, bem como para divulgação de atos, trabalhos, projetos, sessões e eventos dos poderes públicos federal, estadual e municipal (Brasil, 2006).

Ao propor como objetivos da TVD: inclusão, difusão de diversidade cultural e educação, o governo brasileiro parece levar em consideração uma das maiores características da televisão: seu poder de abrangência enquanto instrumento de comunicação de massa. O baixo custo do broadcast através da TV Digital pode, sim, democratizar o acesso à educação de qualidade, em todos os níveis, em todos os lugares. Pode favorecer a inclusão digital, social e cultural. Pode dar voz e vez ao regional, ao local²⁶.

Sendo assim, fica difícil não apostar nessa tecnologia para suprir as demandas educacionais da atual sociedade da informação (PETERS, 2003). Aliás, neste trabalho queremos ir além, acreditamos que com a TV Digital a televisão deixe de ser um instrumento de informação e transforme-se num instrumento de conhecimento, acelerando processos de educação e inclusão social, cultural.

1.4 E aqui estamos... Mas, para onde vamos?

Com legislação própria e ainda em fase de implantação, a TV Digital brasileira tem a enfrentar uma corrida pelos prazos. A cobertura completa do território nacional pelo sinal digital deveria terminar em 2016. Desde julho de 2013, a outorga do

²⁵ Grifos da autora.

²⁶ Embora o discurso oficial indique um caminho para a construção de políticas públicas voltadas ao avanço da democracia nos meios de comunicação, a falta de um modelo de negócio causa movimentos de retrocesso provocados pelas empresas televisivas. Vide Bizelli e Machado (2013).

serviço de radiodifusão de sons e imagens dá-se apenas para a transmissão em tecnologia digital (Brasil, 2006).

Contudo, segundo dados da DTV, apenas 46% da população brasileira tem acesso ao sinal digital, como mostra a Figura 2. O Sudeste fica com a maior cobertura, enquanto os estados do nordeste têm a pior: 31%.

Avanço da TV Digital no Brasil

Percentual da população com acesso ao sinal digital, por região

Região	população total da região	população coberta na região	% de população na região com sinal de TVD
Sudeste	80.353.724	47.821.286	60%
Nordeste	53.078.137	16.523.755	31%
Sul	27.384.815	10.936.191	40%
Norte	15.794.045	6.261.665	40%
Centro Oeste	14.050.340	7.077.553	50%
	190.661.061	88.620.450	46%

Figura 2 – Avanço da TV Digital no Brasil. Percentual da população brasileira com acesso ao sinal digital por região. Levantamento realizado em 2012, disponível em www.dtv.org.br. Último acesso em 13 de março de 2013.

Estados como São Paulo e Rio de Janeiro oferecem o sinal digital a quase 70% de sua população. No Rio de Janeiro, mais de 11 milhões de pessoas recebem em casa o sinal digital de pelo menos uma emissora.

No estado de São Paulo esse número é maior, são quase 29 milhões de pessoas com acesso ao sinal digital, conforme aponta a Figura 3, reproduzida do „Resumo dos dados sobre TV Digital“, levantamento realizado pelo DTV, site oficial da TV Digital no Brasil.

Avanço da TV Digital no Brasil

Interiorização do sinal

Estado	População do estado	População das cidades com sinal digital	Percentual da população com sinal digital em relação ao total do estado
São Paulo	41.252.160	28.881.463	70,0%
Rio de Janeiro	15.993.583	11.127.183	69,6%

Figura 3 - Interiorização do Sinal da TV Digital. Levantamento realizado em 2012, disponível em www.dtv.org.br. Último acesso em 13 de março de 2013.

Embora os números pareçam positivos, acabam maquiando outra realidade. A TV Digital no Brasil ainda engatinha. Ao afunilarmos a investigação, referindo-nos à TV Digital Interativa, a situação se agrava. Embora o sinal digital possa estar mais presente – principalmente – nos grandes centros, as possibilidades interativas desse sinal não estão. O desenvolvimento do Ginga ou de outra linguagem que possibilite a verdadeira interação ainda está truncado, deixa a desejar. Além disso, sem um modelo de negócios totalmente definido, a TVDi apresenta-se como incógnita para as grandes empresas brasileiras de radiodifusão.

Mas, ainda assim, trabalhos e pesquisas sobre a nova tecnologia, sua gestão e sobre os caminhos da produção de conteúdo para a TVD tem ganhado corpo em polos como o do Programa de Pós Graduação em TVD da Unesp de Bauru.

Dessa forma, reconhecemos as possibilidades que a TV Digital interativa traz em si. Sabemos que a exploração de tais possibilidades exigirá tempo e paciência, contudo, acreditamos que a TVDi nasce como promessa de nova vida e de novos caminhos para o telespectador, que, esperamos agora possa realmente ser interator: o grande responsável pela maior parte do processo de consumir e participar da TV.

Capítulo II – EDUTRETENIMENTO

As melhores receitas são as que nós criamos.

(Sem Reservas, 2007)

2.1 Edu... o quê?

Falar em edutretenimento exige recuperar alguns conceitos. E desfazer antigos preconceitos. Inicialmente, de duas palavras: educação e entretenimento, uma vez que o neologismo edutretenimento pressupõe a junção entre educação + entretenimento.

A palavra educação tem origem do latim *educere*, composta pelo prefixo *ex*, “fora”, e pelo radical *ducere*, “guiar, conduzir, liderar”. Continha a idéia de que educar seria como introduzir alguém ao mundo através da instrução, guiando o outro para fora de si mesmo. A educação nasceria, assim, com a missão de mostrar o que existe além. Outros sugerem que educação é na verdade, derivada de *educare*, sinônimo de “educar, instruir” e também “criar”, ação de formar, guiar. Em ambas as derivações, educação surge como um processo, uma ação capaz de levar o indivíduo de um ponto onde ele se encontra para outro que se deseja alcançar. (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, 2012; PERISSÉ, 2010; DICIONÁRIO MICHAELIS, 2009; ORIGEM DA PALAVRA, 2012.)

Na definição de um dos mais tradicionais dicionários da língua portuguesa, a educação consiste no “*processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social*” (FERREIRA, 1998, p.234).

A educação nasce sem a escola. Mas, é através de tal instituição que ganha amplitude e formalidade. Em seu livro “Escola e Democracia”, Saviani (2009, p. 5) discorre sobre a história da educação e contextualiza o nascimento da escola enquanto interesse de uma classe que se consolidava no poder: a burguesia. “(...)

Para superar a situação de opressão, própria do „Antigo Regime“, e ascender a um tipo de sociedade fundada no contrato social celebrado „jivremente“ entre os indivíduos, era necessário vencer a barreira da ignorância”.

Nesse cenário, a burguesia identificaria e justificaria a causa da marginalidade com a ignorância; e, a escola surgiria como um instrumento burguês capaz de “*equacionar o problema da marginalidade*” (IDEM, IBDEM). Seu papel seria, então, “*difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente*”. (Idem, p. 5-6)²⁷

Educação é coisa séria e, tradicionalmente, apresenta-se de forma oposta ao ócio e ao lazer.

Voltemos agora a nossa segunda palavra: entretenimento. O vocábulo tem origem francesa, vem de *entretenir*, inicialmente “apoiar, manter junto, unir”, de *entre-*, “junto, entre”, mais *tenir*, “manter, segurar”, ou ainda, origem latina, derivando do verbo *intertenerere*, *inter*, “entre”, mais *tenir*, “ter”, significando deter, distrair, enganar, palavras geralmente associadas a atitudes e situações danosas, prejudiciais, consideradas inicialmente quase como pecado (TRIGO, 2003; DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, 2012; PERISSÉ, 2010; DICIONÁRIO MICHAELIS, 2009; ORIGEM DA PALAVRA, 2012.)

Américo (2010) desenha os caminhos percorridos pelo entretenimento e ressalta os aspectos negativos que sempre acompanharam a palavra. Tais aspectos negativos seriam reforçados a partir da oposição da palavra à erudição e à cultura dita de elite. Também na Idade Média o entretenimento era considerado “de fácil assimilação”, já as atividades eruditas exigiam grande esforço intelectual para sua apreciação. É nessa época que o entretenimento popular passa a ser considerado como diversão alienante.

Em meados do século XX, os teóricos da escola de Frankfurt apresentam o conceito de Indústria Cultural e, mais uma vez, o entretenimento é visto como

²⁷ Em seu livro *Escola e Democracia*, Saviani descreve como algumas vertentes pedagógicas encaram a escola ao longo da história: primeiro como solução para a marginalidade, e, depois, de forma crítica como responsável por ela. Representante maior e idealizador da Pedagogia Histórico-Crítica, para Saviani, a escola não tem autonomia absoluta nem dependência total em relação às condições sociais vigentes. “(...) *ainda que elemento determinado, não deixa de influenciar o elemento determinante. Ainda que secundário, nem por isso deixa de ser instrumento importante e por vezes decisivo no processo de transformação da sociedade*” (Saviani, 2009, p.59). Saviani e a Pedagogia Histórico-Crítica serão melhor estudados no próximo capítulo da dissertação.

produto e arma de alienação. As artes voltadas ao lazer, como o cinema, o teatro e o show business são comercializados, servem a manutenção do *status quo*.

(...) A indústria cultural continuamente priva seus consumidores do que continuamente lhes promete. O assalto ao prazer que ação e apresentação emitem é indefinidamente prorrogado: a promessa a que na realidade o espetáculo se reduz, malignamente significa que não se chega ao quid, que o hóspede há de se contentar com a leitura do menu. (...) A indústria cultural não sublima, mas reprime e sufoca (...) ((HORKHEIMER & ADORNO, in LIMA 2002 p.181). Quanto mais sólidas se tornam as posições da indústria cultural, tanto mais brutalmente esta pode agir sobre as necessidades dos consumidores, produzi-las, guiá-las e discipliná-las, retirar-lhes até o divertimento. Aqui não se coloca limite algum ao progresso cultural. Mas essa tendência é imanente ao próprio princípio - burguês e iluminista - do amusement. Se a necessidade de amusement foi, em larga escala produzida pela indústria, que fazia a publicidade da obra a partir de seu autor, e confundia a oleografia com a gulodice e viceversa, o pudim em pó com a reprodução do pudim, pode-se então sempre constatar, no amusement, a manipulação comercial, o sales talk, a voz do camelô. Mas a afinidade originária de negócio e divertimento aparece no próprio significado deste: a apologia da sociedade. Divertir-se significa estar de acordo. O amusement é possível apenas enquanto se isola e se afasta a totalidade do processo social, enquanto se renuncia absurdamente desde o início à pretensão inelutável de toda obra, mesmo da mais insignificante: a de, em sua limitação, refletir o todo. Divertir-se significa que não devemos pensar que devemos esquecer a dor, mesmo onde ela se mostra. Na sua base do divertimento planta-se a impotência. É, de fato, fuga, mas não, como pretende fuga da realidade perversa, mas sim do último grão de resistência que a realidade ainda pode haver deixado. A libertação prometida pelo amusement é a do pensamento como negação. A impudência da pergunta retórica: "Que é que a gente quer?" consiste em se dirigir às pessoas fingindo tratá-las como sujeitos pensantes, quando seu fito, na verdade, é o de desabitua-las ao contato com a subjetividade. Se algumas vezes o público recalcitra contra a indústria do divertimento, trata-se apenas da passividade - que se tornou coerente - para que ela o educou. Isso não obstante o entretenimento se torna cada vez mais difícil. A estupidez progressiva deve manter o passo com o progresso da inteligência (IDEM, IBDEM, p. 183).

Nesse contexto e a partir dessa análise, o entretenimento é associado à estupidez, mantendo a massa alienada, inofensiva, dominada.

Contudo, com o surgimento de novas tecnologias, o entretenimento acaba assumindo novas possibilidades, e passa a exigir novas – e muitas – habilidades (BIZELLI; SANTOS, 2011). Para estar apto a participar de uma disputa de gamers²⁸ on-line é preciso conversar com todos os dispositivos tecnológicos além de elaborar

²⁸ Gamers faz referência aos jogadores de um produto, de um software.

estratégias. O número de comandos a serem seguidos e botão a serem acionados induzem ao uso de grande processamento mental.

O entretenimento deixou de ser apenas „sensorial“ numa simples oposição à atividade intelectual e passou a exigir além do exercício mental a ação do corpo e de formas cognitivas antes desnecessárias. Portanto as mídias digitais revolucionaram a indústria do entretenimento proporcionando um novo paradigma em suas formas de recepção (AMÉRICO, 2010. p. 33).

Assim, parece-nos injusto e leviano relegar o entretenimento unicamente ao seu aspecto negativo. Ele pode ser mais. Com as TIC, o entretenimento adquire possibilidades imersivas²⁹ e interativas. Como observa Américo (2010, p.35): “O espaço criado pela popularização dos dispositivos móveis, o acesso em banda larga ao mundo virtual da web, aliado ao surgimento de uma geração digital e on line cria novos paradigmas de comportamento humanos”.

Com novos poderes o entretenimento passa a exigir uma nova forma de utilização. O usuário deixa de consumi-lo passivamente. Com novas tecnologias aplicadas aos produtos antes considerados exclusivos a diversão é preciso que haja apropriação. O usuário deve processar as informações que recebe ressignificando-as, num processo bastante similar ao da aprendizagem.

Desfeito o preconceito de que o entretenimento tem valor menor, convém quebrar outra idéia distorcida: a da educação. Obvio que a educação é assunto sério, mas não pressupõe nem existe somente a partir da seriedade.

A própria palavra escola, em sua origem estava relacionada ao ócio. Escola: em grego, *scholé*, “descanso, folga, ócio”. Como era nesses momentos que as pessoas conversavam e discutiam sobre os mais diversos assuntos, a palavra acabou tendo o significado do “lugar onde se estuda”.

²⁹ Imersão diz respeito à capacidade de propiciar experiências, multisensoriais, geralmente, a partir de mundos virtuais onde é possível ver, ouvir, ser, fazer e, principalmente, sentir coisas que não seriam possíveis ou corriqueiras no mundo real. A imersão pode ser temporal: quando o suspense da narrativa ou a expectativa criada para novas experiências no programa criam a vontade de se saber “o que vai acontecer depois”, seja em função da história ou de novas possibilidades do jogo; emocional, quando o enredo e os personagens do produto são envolventes, capazes de estabelecer uma conexão emocional com o usuário; e espacial, quando o usuário consegue se sentir no ambiente ou na cena onde os eventos do software acontecem, depende de recursos visuais de alta resolução e fidelidade (RYAN, 2001).

É possível pensar em uma escola e em uma educação onde o divertido funcione como porta de acesso ou de complementação ao conhecimento acumulado pelo homem.

Em *Homo Ludens*, Huizinga (2000) defende a idéia da diversão, do jogo. Para o autor isso é inerente ao próprio ser humano e responsável inclusive pela criação da cultura, e não o contrário. A essência do jogo reside em sua intensidade, fascinação e capacidade de excitar, expressando-se através do ritmo e harmonia. O jogo serve como elemento para o desenvolvimento do ser humano, estando ligado a fatores sociais, culturais, psíquicos e físicos. Nesse exercício o homem se faz e aos poucos passa de *homo ludens* para *homo culturales*.

Além disso, o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1996, e em vigência, não exclui a possibilidade do uso de processos formativos advindos de fontes diferentes das do universo escolar. “Movimentos sociais, organizações da sociedade civil e manifestações culturais” estão fora do ambiente formal de ensino, podem, dessa forma, dar espaço ao divertido, ao entretenimento, auxiliando no pleno desenvolvimento do educando. No artigo terceiro aparecem ainda menções a „liberdade de aprender” e a „valorização da experiência extra-escolar”. Há, ainda, importante menção à „vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais”³⁰.

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

(...)

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

³⁰ O trabalho, como se verá no próximo capítulo, é a palavra central das propostas educativas sociais da Pedagogia Histórico-crítica. Por isso, tal grifo e menção.

IX - garantia de padrão de qualidade;
X - valorização da experiência extra-escolar;
XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
(Brasil, 1996)

Soma-se a tal possibilidade a necessidade de que as escolas e o ensino estejam atentos e inseridos no mundo digital³¹.

Não propomos aqui a substituição das práticas escolares vigentes e a retirada dos conteúdos a favor de uma pedagogia da essência ou existencialista. Busca-se, sim, defender o entretenimento enquanto instrumento de complementação do processo educativo, talvez, até, facilitador do mesmo.

Entendemos, inclusive, que a figura do professor, sua intervenção, assume papel decisivo no uso adequado do produto, quando em ambiente escolar e, portanto, na educação formal. A partir do trabalho do mestre, os recursos oferecidos pelo programa podem integrar a instrumentalização dos alunos, problematizar diferentes aspectos de um conteúdo em estudo, facilitar a síntese.

Assim, acreditamos que o entretenimento e a educação não precisam ocupar lugares opostos na mesa do jantar. No Bom de Boca eles conversam e se combinam possibilitando a criação de novos e melhores pratos.

2.2 Novo formato, muitos conceitos

Embora ainda incerto, o surgimento do termo edutretenimento parece estar vinculado à palavra inglesa: *edutertainment*. Queiroga (2005) explica que o termo derivou de forma espontânea da palavra *edutainment*, termo assinalado por Richard Oliver que designava a reunião das indústrias do entretenimento e da educação.

No mesmo texto, o autor menciona e explica uma distinção entre 'edutenimento' e 'edutretenimento': O primeiro aparece relacionado a softwares, web sites, jogos e brinquedos educativos, games literários, programas de TV infantis efetivamente educativos. Já o edutretenimento referir-se-ia a programas, eventos, espetáculos e produtos que em sua proposta, fundamentação, programação e

³¹ O tema será melhor desenvolvido no subitem 3 deste capítulo.

formato apresentassem a partir e através do entretenimento conteúdo educativo (QUEIROGA, 2005).

Com definições semelhantes, outros autores apresentam termos como Entertainment-education ou E-E, merchandising social, ludoeducação. Américo (2010) apresenta um quadro compilando 28 dessas definições. Por questões didáticas reproduzimos tal conteúdo no Quadro 4³², das páginas 52 a 56.

Autor, ano	Definição
DRAIN & SOLOMON, 1996	Edutainment can be defined as “a place where children could enjoy what they learn with a combination of many mediums (sound, animation, video, text, and images) by simply using a computer mouse to point and click on a particular picture, word, or button, and stories as well as information that will come alive on a computer screen”.
SINGHAL & ROGERS, 1999	Entertainment-educations , also referred to as enter-educate , edutainment or infotainment, is a way of informing the public about a social issue or concern. The entertainment education (E-E) strategy involves incorporating an educational message into popular entertainment content in order to raise awareness, increase knowledge, create favorable attitudes, and ultimately motivate people to take socially responsible action in their own lives.
USREY, 2000	The proposed definition of edutainment , hospitable teaching, is intended to suggest a “big tent” of pedagogical and public relations techniques, the contents of which are systemically driven by intellectual institutions rather than by fickle market forces. This big tent would include, but would certainly not be limited to, computer enhanced instruction, collaborative learning, distance education, and accommodation of individual learning styles. These and other techniques need rigorous definition, evaluation and, if justified, systemic implementation.
SOOD, 2002	Entertainment-Education programs utilize a variety of media to incorporate educational messages with an entertaining format.
SHERRY,	Entertainment, then, is a multifaceted construct that emphasizes emotional pleasure, with media providing an escape to a fantasy

³² O quadro é uma reprodução literal do trabalho feito por Américo (2010). Dessa forma, a bibliografia completa de todos os autores citados no mesmo está disponível na tese: TV Digital: Propostas Para o Desenvolvimento de Conteúdos em Animação Para o Ensino de Ciências (AMERICO, 2010, P. 72 a 75).

Autor, ano	Definição
2004	world where emotions can be experienced. Unlike media gratifications tap a type of media enjoyment that is both arousing and relaxing and can be used to filter out the cares concerns of everyday life.
WALLDEN, 2004	Edutainment refers to entertaining TV programs and computer software, which are primarily meant for educational purposes. We define the concept as educational material utilizing entertainment methods and used via information technology.
WALLDEN, 2004a	Edutainment programs educate with entertainment methods.
EGLOFF, 2004	Edutainment software is type of software intended to educate children through the use of entertainment.
BUCKINGHAM & SCANLON, 2005	Edutainment is a hybrid genre that relies heavily on visual material, on narrative or game-like formats, and on more informal, less didactic styles of address.
WANG, 2005	O termo edutainment (<i>Education – Entertainment</i>), ou Ludoinformação refere-se à idéia de associar entretenimento aprendizado. A proposta é criar experiências divertidas que tenham fundo educativo.
MUDA & BASIRON, 2005	In general, edutainment means the integration between education and entertainment. Other than television channel, edutainment had been also implemented in games software including all type of electronic games like computer games, console games, portable and handheld games. Edutainment is a game used to teach specific knowledge.
BLANCO, 2006	Edutainment es una extension de las teorías que defienden que la actividad lúdica, además de entretener, potencia la maduración del ser humano pues afecta al cambio de comportamiento del saber, al intelecto, al desarrollo motor, a lo afectivo y a lo social.
DE LISLE, 2006	Entertainment-Education (EE) – uses a televised story to entertain while promoting prosocial and health conscious knowledge and behavior.
COLACE et al, 2006	Edutainment is a neologism that expresses the marriage of education and entertainment. In particular edutainment is a form of entertainment designed to educate as well as to amuse and typically seeks to instruct or socialize its audience by embedding lessons in some familiar form of entertainment: television programs, computer and video games, films, music, websites or multimedia software.

Autor, ano	Definição
MITSUHARA et al, 2006	Edutainment is educational multimedia software that increases learning effectiveness by stimulating their auditory and visual perception with multimedia technologies and it can be categorized as an educational computer game. The biggest advantage is that students can learn with fun of learning.
FERRETTI at al, 2007	The word edutainment is a neologism coined to combine the rather old idea of learning through playing with the new one of using modern technologies such as TV or Computer. This term is thus now commonly used to describe a wide range of media which aims at educating while entertaining, or at entertaining while educating. In this context, we focus on a specific class of educational games, multimedia quizzes, which are traditionally distributed on CDs, DVDs, of through iTV and Internet.
WANG, 2007	Edutainment is a combination of Entertainment and Education. The main purpose of it is promoting Educational Technology. Edutainment Technology is a new field of the Educational Technology. Edutainment Technology is the practice and theory which blended with educational purpose and measure, and on the basis of respecting the life value for learners, it promotes the experience and amusement of learners through creating, using and managing proper technology course and resource.
WANG et al, 2007	Edutainment is the methodology of combining the methods of teaching and the form of game to attract the students and make the most of active effect games to help with our education. We can use the advantages of edutainment to improve the students' learning interest, to improve our teaching quality and efficiency and train their creative ideation. Edutainment is possible to develop and can have a great potential in the future.
MÖRTSELL, 2007	Edutainment – The word is a combination of the words education and entertainment, which is also what this concept is about. The description of this word given by Webster's online dictionary is: "interactive education and entertainment service or software (...)".
ARAÚJO, 2007	É um termo cunhado pela fusão das palavras em língua inglesa "education" e "entertainment", as quais, pela sua óbvia similaridade ortográfica e sonora existente entre os equivalentes termos na língua portuguesa, "educação" e "entretenimento", gerou-se o termo edutenimento para designar o tipo de orientação pedagógica que resulta da combinação de informações educativas inseridas num ambiente de jogos de forma a tornar a apresentação dos conteúdos mais divertida e interessante aos alunos. Há também os termos " eduvertimento " (educação e divertimento) e, para os que não são afetos a essa forma de cunhagem de novos termos, " ludo-educação " (ludo + do latim <i>ludus</i> : jogo, divertimento, recreação), sendo que ambos podem ser utilizados igualmente de forma

Autor, ano	Definição
	adequada na tradução de “edutainment”.
MONTEIRO, 2007	O conceito de edutainment , cuja tradução aproximada seria “edutenimento” ou ludoinformação, tem sido bastante utilizado ultimamente para designar aquelas formas de aprender ao mesmo tempo em que se diverte. Aqui se encaixam perfeitamente os jogos de computador justamente por oferecerem ambas as vantagens. A relevância disso tudo está no fato de que é muito mais significativo aprender quando a pessoa pode ver a aplicação direta daquele conhecimento que lhe é passado.
ZIN, 2008	Edutainment refers to entertainment in education. In other words, edutainment means teaching and learning process is carried out in a fun and less-serious environment.
TUFTE, 2008	El edu-entretenimiento consiste en la utilización de formatos mediáticos y comunicacionales de entretenimiento con fines educativos. Pude abarcar desde el uso del teatro y los conciertos musicales hasta las “radiotelenovelas”.
ZIN e NASIR, 2008	In general, edutainment mean the integration between education and entertainment. Other than television channel, edutainment ha been also implemented in games software including all type of electronic games like computer games, console games, portable and handheid games. Edutainment is a game used to teach specific knowledge.
BUCKINGHAM, 2008	(...) estratégia de “ edutenimento ”, ou seja, a idéia de que podemos tomar elementos do entretenimento e usá-los para tornar o currículo tradicional mais palatável e interessante, sobretudo para crianças descontentes (que, na atualidade, são cada vez mais os meninos). Isso é o que as indústrias da mídia tipicamente chamam de “aprendizagem divertida” e constitui um mercado crescente tanto nos lares quanto nas escolas. A idéia de que podemos “dourar a pílula” da educação com um pouco de divertimento tem uma longa história. Porém, trata-se de uma abordagem superficial que quase sempre falha.
WIKEPEDIA, 2009	Edutainment (also educational entertainment-education) is a form of entertainment designed to educate as well as to amuse. Edutainment typically seeks to instruct or socialize its audience by embedding lessons in some familiar form of entertainment television programs, computer and video games, films, music, websites, multimedia software, etc. examples might be guided nature tours that entertain while educating participants on animal life and habitats, or a video game that teaches children conflict resolution skills.
QUEIROGA,	Edutretenimento é um neologismo. Importado do termo em inglês

Autor, ano	Definição
documento eletrônico, 2009	<i>Edutertainment</i> o qual se derivou espontaneamente de <i>Edutainment</i> (em português, Edutenimento). Essa derivação possibilitou uma importante distinção: Edutenimento (<i>Edutainment</i>): o mais usado e difundido, refere-se a softwares, web sites, jogos e brinquedos educativos, games literários, programas de TV infantis efetivamente educativos. Edutretenimento (Edutertainment): de origem mais recente, refere-se a espetáculos, shows, eventos, programas de rádio e TV, que em sua proposta, fundamentação, programação e formato, apresentem através do entretenimento, conteúdo educativo para o público participante.
LARSEN, documento eletrônico, 2009	Edutenimento é o ensino que está mais interessado nas novas possibilidades de multimídia do que na genuína apresentação da informação relevante. Ele quer mostrar o que as técnicas multimídia realmente conseguem fazer e por isso se arrisca a entrar no entretenimento e perder o referencial de educar os alunos.

Quadro 4 – Conceitos de Edutretenimento. Levantamento bibliográfico das definições de Edutretenimento. AMERICO, 2010, p. 72-75.

De toda essa conceituação gostaríamos de destacar as propostas de SOOD (2002), COLACE *et al* (2006), FERRETTI *at al* (2007), TUFTE (2008), ZIN e NASIR (2008) e QUEIROGA (2009). Interessa-nos aqui a visão dos autores a respeito do edutretenimento incluindo-o junto ao universo televisivo, comunicacional e das mídias digitais. Já SINGHAL & ROGERS (1999), DE LISLE (2006) e a própria WIKIPEDIA (2009) aproximam o edutretenimento do chamado Merchandising Social, responsável por incorporar uma mensagem educativa, de conscientização popular, motivação ou responsabilidade social a conteúdos de entretenimento popular. WALLDEN (2004) estabelece uma conceituação mais abrangente a partir da qual podemos encaixar qualquer atividades (como parques temáticos, museus on-line, simulações de situações específicas, programas de TV, softwares e jogos, enfim, toda uma gama de produtos) que se propõem a educar com métodos de entretenimento. WANG *et al* (2007), MONTEIRO (2007) e BUCKINGHAN (2008), por sua vez, ressaltam as possibilidades do edutretenimento enquanto instrumento facilitador da aprendizagem e de uma aprendizagem mais significativa. Por fim, parece claro, que, cada autor, cada definição, enfatiza um determinado aspecto do conceito amplo e multifacetado.

A tantas definições ainda poderíamos acrescentar outras. Listamos algumas delas num quadro similar ao proposto por Américo (2010), o Quadro 5, disposto das páginas 55 a 57.

Autor, ano	Definição
VELTMAN, 2003	Edutainment is a neologism, similar to infotainment, that expresses the marriage of education and entertainment in a work or presentation such as a television program or a Web site. The most educationally effective children's programs on television (Sesame Street, The Electric Company, Mr. Rogers) could be classed as edutainment. Outstanding Web sites that "edutain" include Learn.com and HowStuffWorks.com.
SOTOROVA, 2004	Edutainment games (combination of educational function and content with entertainment form) are aimed at creating attractive learning environment. Johan Huizinga, the author of Homo Ludens, gives a kind of open definition of edutainment Games: presenting under some one's vision of a struggle (for some thing) or a struggle for the best performance (of something). This coincides with my understanding of the essence of edutainment games (EG) as a mind challenge: combination between presentation of cultural model of the player himself (or of the different Other, who have been lived once) and contéplation in competition (struggle) conditions. Competition here is understood as a way for achieving the best possible performance (play), i.e. learning. And not only will the learner absorb and retain the knowledge, he will do so without even realizing (consciously) that he is learning at all – learning is implicit in play ... education-focused games have a responsibility to be well-researched and correct. For those Developers who wish to experiment with making learning fun the technology has long since been validated.
VALINHO, 2008	Existem inúmeras definições de edutainment , sendo que em todas há uma base comum: a associação de conteúdos educativos a formas de entretenimento.
CARDOSO, documento eletrônico, 2009	Edutainment refere-se a atividades lúdicas que têm por objetivo promover a aprendizagem. Estas atividades podem ser apresentadas como programas de televisão, web sites, jogos on-line ou vídeo games.
AMERICO, 2010	Edutreinamento (Edutertainment) ou Edutenimento (edutainment): utilização de diversas mídias, inclusive as digitais, para educar através dos métodos de entretenimento.

Autor, ano	Definição
ARAÚJO, 2010	Ludoeducação (...) se trata de um processo simples, torna as práticas lúdicas um exercício possível de execução e, conseqüentemente, de melhoramento das metodologias e didáticas do ensino. (...) A ludoeducação não deve ser visto apenas como uma aula repleta de brincadeiras, jogos, dinâmicas, etc., mas como uma metodologia que possibilita o desenvolvimento cognitivo da criança ao adulto.
ARAÚJO et al, 2012	O conceito de edutretenimento (...) pode ser definido como entretenimento voltado para a educação, tendo como objeto de aprendizagem um programa de TV que propõe o desenvolvimento de conteúdos educativos explorando diversos esportes.
WIKIPÉDIA, 2013	Entretenimento educativo (em inglês: edutainment) é uma forma de entretenimento desenhado para tanto educar como divertir. O entretenimento educativo tipicamente tenta instruir ou socializar sua audiência passando-se lições através de formas familiares de entretenimento: programas de televisão, computador e vídeo games, filmes, música, websites, software multimedia, etc. Entretenimento educativo é a combinação da educação a partir do entretenimento, usando-se normalmente o ambiente lúdico para estimular a aprendizagem. O lúdico pode ser utilizado de diversas maneiras e nem sempre é uma diversão.
AMÉRICO in DAVID, 2013	Edutretenimento é uma área relativamente desprezada na academia, pouquíssimas pessoas pesquisam a respeito, conseqüência de uma visão antiquada a respeito do tema. Américo (2010) define o Edutretenimento como um gênero, que contém vários formatos diferentes de programas. Mas o objetivo é lançar produtos que tenham como função entreter as pessoas e que ao mesmo tempo transmitem algum conteúdo. É despertar o interesse das pessoas em assistir, ouvir, jogar e etc. para aprender.
ALENCAR, 2013	Edutainment , metodologia criada a partir da junção das palavras education (educação) + entertainment (entretenimento), que usa elementos divertidos, como games, filmes, seriados de TV, aparelhos móveis e até robôs inteligentes, desenhados para se tornarem educativos.

Quadro 5 – Conceitos de Edutretenimento. Levantamento bibliográfico desenvolvido para esta dissertação, complementar aos trabalhos de Américo (2010) sobre os conceitos de Edutretenimento. Por Fabiana GIMENES.

O fato é que com tantas definições e conceituações é preciso esclarecer o ponto de vista do presente trabalho. Aqui, entende-se **edutretenimento** enquanto sinônimo de **edutenimento**, **edutertainment**, **edutainment** e **ludoeducação**. No Bom de Boca, edutretenimento pode ser compreendido a partir das definições de Américo (2010), Wallden e Blanco, também citados por Américo (2010). Edutretenimento consiste numa série de produtos, programas e mídias que utilizam métodos de entretenimento com fins educacionais. Sua função é a de possibilitar o aprendizado a partir do divertido, do lúdico.

Apesar de parecer recente, devido às recentes inovações tecnológicas, o conceito do edutretenimento nasceu no século passado. Segundo Alencar (2013), o primeiro uso do termo surgiu no fim da década de 40 quando a Walt Disney Productions passou a produzir documentários focados no entretenimento educativo. O autor aponta a série televisiva *Sesame Street*, criada nos anos 70 e conhecida no Brasil como *Vila Sésamo*, como outro exemplo de edutretenimento.

No programa, criado nos Estados Unidos e expandido para 120 países, fantoches à la personagens dos Muppets ensinam às crianças lições de matemática, leitura, cores, dias da semana e números. A partir dos anos 90, por conta da disseminação dos jogos e do computador, a metodologia passou a ser usada em maior escala. (ALENCAR, 2013, documento eletrônico)

Américo (2010) apresenta o surgimento do edutretenimento na década de 30, nos EUA, com as animações de Popeye, o marinheiro. Contudo, para o autor o desenvolvimento do edutretenimento, principalmente na esfera da pesquisa acadêmica, teria se dado a partir da exibição da novela peruana “*Simplesmente Maria*” no México. No enredo a história de uma garota simples, mãe solteira que consegue transformar-se, a partir de seus esforços, em estilista famosa, acaba ressaltando a figura feminina na sociedade e o próprio capitalismo. Fenômeno de audiência, “*Simplesmente Maria*” impulsionou as pesquisas de Miguel Sabido, vice-presidente da Televisa³³ na busca por uma fórmula ou um método de produção comercial de novelas com propósitos educacionais. Sabido e sua irmã, Irene, dedicaram metade da década de 70 a tais estudos e chegaram a elaborar manuais de produção de telenovelas para roteiristas, jornalistas e profissionais de mídia, no

³³ Televisa é a quinta maior rede de TV do planeta. Principal cadeia mexicana de televisão. Responde por boa parte da programação televisiva em espanhol. Disponível em: Televisa.com

que ficou conhecido como Método Sabido. Inicialmente tal método pregava o entretenimento com benefícios sociais, o que foi mais tarde denominado como Entertainment-Education, ou E-E. (AMERICO E YONEZAWA, 2009,p.1078-1079)

Durante os anos de 1977 e 1986, quando as novelas produzidas pelo pesquisador foram exibidas, houve um decréscimo de 24% na taxa mexicana de crescimento demográfico, o que outorgou ao país o “*Premio de Población de la Organización de las Naciones Unidas*” em 1986 (IDEM, IBDEM).

Segundo Américo (2010), com tanto resultado, o Método Sabido de produção acabou se espalhando pelo mundo. No Brasil, sofreu algumas adaptações e foi transformado no chamado Merchandising Social. Sob esta nomenclatura, roteiros audiovisuais já definidos recebem alguns elementos sociais, mensagens de cunho educativo. É o que se vê em novelas e nos seriados produzidos pela rede Globo e, mais recentemente, pela rede Record.

O autor supracitado (AMERICO, 2010, p.80) propõe ainda um quadro de evolução dos conceitos, a partir da influência de Sabido. A representação do mesmo foi adaptada para a dissertação do Bom de Boca e segue reproduzida a seguir, no Quadro 6.

Entertainment – Education ou Entretenimento – Educação (E-E)

Uso das mídias tradicionais (Rádio e TV) para promover mudanças de comportamento na audiência, principalmente com relação à saúde. Pode utilizar o “método sabido”.

**Merchandising Social**

Estratégia de inserção de mensagens sociais dentro de uma história ficcional já existente junto a seu contexto (BARBOSA, 2005). Exemplo: as telenovelas da Rede Globo de televisão.

**Edutretenimento (Edutertainment) e Edutenimento (Edutainment)**

Utilização de diversas mídias, inclusive as digitais, para educar através dos métodos de entretenimento.

Quadro 6 - Definições de E-E, Merchandising Social, Edutretenimento e Edutenimento. (AMERICO, 2010, p. 80)

Já Veltman (2004) aponta que a relação entre o lúdico e a aprendizagem é bem mais antiga do que demonstram os levantamentos mais recentes. Veltman elenca Cícero³⁴ e Huizinga³⁵ como precursores dos estudos sobre edutretenimento.

³⁴ Marco Túlio Cícero (106 a.C.- 43 a.C) foi um filósofo, orador, escritor, advogado e político romano. Autor de vários livros, textos e discursos, Cícero escreveu sobre filosofia, retórica e oratória. É dele uma das primeiras frases a relacionar o ensino eficiente ao prazer: *De optimo genere oratore: Docere debitum est, delectare honorarium, permovere necessarium*. Disponível em <http://www.thelatinlibrary.com/cicero/optgen.shtml>. Último acesso em 10 de abril de 2013.

³⁵ Johan Huizinga (1872 - 1945) Professor e historiador holandês, muito conhecido por seus trabalhos sobre a última etapa da Idade Média, a Reforma e o Renascimento. Autor de *Homo Ludens* (1938), livro no qual propunha um novo modelo de civilização, ressaltando o poder do jogo e da diversão, sua

Mas teria sido o advento da computação e depois da internet os responsáveis por uma mudança na relação entre o aprender e o brincar, culminando no nascimento de conceitos como *edutainment* e *technotainment*.

Haveria pelo menos três linhas de desenvolvimento de edutretenimento ao longo da história: a japonesa, a norte-americana e a europeia. Veltman (2004) reconhece ainda outras iniciativas como as da América Latina e a australiana, contudo foca seu estudo nas três linhas iniciais.

Desenvolvimento do Edutretenimento no mundo	
País ou Bloco	Características
Japão	Grande dimensão acadêmica. Existência de um Instituto de pesquisa de edutretenimento, responsável por manter um fórum de discussão sobre o uso do edutretenimento nas escolas. Grande desenvolvimento do edutretenimento comercial, com destaque para os produtos criados pela Sony, Sega e Nintendo. Grande evolução do edutretenimento no campo da robótica. Foco na criação de hardwares relacionados à robótica, enquanto que no ocidente o foco é para o desenvolvimento de softwares; grande apelo às atividades de edutretenimento em grupo, em detrimento do caráter individualista ocidental. <i>“Technology is seen as a positive extension of man’s capabilities”</i> (2004, p. 3).
EUA EUA	Lacuna entre altos objetivos educacionais e exploração comercial do edutretenimento. Aproximação entre tecnologia, entretenimento e design, originando o TED, conferencia anual sobre technotainment, com apelo junto aos grandes nomes da indústria do cinema. Existência de três vertentes: a primeira que liga o edutretenimento a aprendizagem, desenvolvida a partir de programas de TV, como os dos canais Discovery Channel e National Geographic; a segunda, comercial, associando-o principalmente a softwares de jogos e a grande parques temáticos, com mais ênfase no entretenimento que na educação, e destaque para as iniciativas de Walt Disney, ainda na década de 1950; e a terceira voltada ao desenvolvimento de atividades dentro de museus e centros de preservação de memória e cultura, sem grande apelo comercial.

Desenvolvimento do Edutretenimento no mundo	
País ou Bloco	Características
Europa	<p>“<i>Outside the Memory Institutions In America’s Footsteps</i>”. (2004, p. 11), o edutretenimento europeu é bastante similar ao norte-americano. Há o desenvolvimento de parcerias com empresas dos EUA para a criação de novos produtos de edutretenimento. Diferenciação na questão de existência de conteúdo cultural (com preocupação para a cultura local, regional, nacional e internacional), e grande espaço para departamentos educativos dentro de instituições de memória, como os museus. Criação de novos produtos para grupos de audiência interativa, inclusive com uso de realidade virtual, propiciando maior interface com os meios de comunicação. Além disso, a produção de edutretenimento europeu leva em consideração dados históricos e geográficos precisos de forma diferente ao padrão norte-americano, difuso nestes quesitos. A exemplo do edutretenimento japonês, no caso europeu também há grande desenvolvimento dos produtos relacionados à robótica. Maior seriedade e densidade (que vistas nos EUA) nos softwares lúdicos voltados ao aprendizado em casa, na escola e no trabalho, realizado de forma on-line.</p>

Quadro 7 – Desenvolvimento do Edutretenimento no mundo. Quadro adaptado pela dissertação e baseado nas informações de Veltman, 2004. Por Fabiana GIMENES.

Ainda de acordo com Veltman (2004), nos próximos anos, o mundo deve assistir a uma maior especificação de cada tipo de edutretenimento, embora o autor admita uma tendência à internacionalização e globalização das mesmas iniciativas: parques temáticos norte-americanos já se estendem a Europa e ao Japão; assim como robôs japoneses tem invadido mercados americanos e europeus e o modelo multimídia dos grandes museus europeus já atinge norte-americanos e japoneses. O fato, é que a expansão do edutretenimento é real e crescente. Cada vez mais.

2.3 Edutretenimento e suas possibilidades

Vivemos novos tempos. Com o surgimento de novas tecnologias e das mídias digitais há uma mudança de comportamento social. A tecnologia está cada vez mais cotidiana e tem sido vista, dia-a-dia, de maneira mais natural. A oferta de jogos, filmes, games, chats interativos já é uma constante.

A aquisição de conhecimento parece, então, transpor-se da esfera escrita, da representação da linguagem falada por meio de signos gráficos, para a esfera audiovisual, interativa, não linear. Características presente na chamada „geração net“.

O termo apresentado por Gomes e Carvalho (2008) compreende pelo menos seis características de um novo comportamento dessa nova geração: preferência pela tentativa e erro; opção pela não linearidade; capacidade de realizar várias ações simultâneas; participação no processo de criação de conteúdo e não apenas no consumo do mesmo; maior socialização e interação na web; visão positiva da tecnologia.

Para essa nova geração, é preciso pensar em novas formas ou novos instrumentos para a educação. “ (...) *os métodos de ensino, em sua maioria pouco interactivos, não combinam com os anseios desta nova geração, acostumada com processos cada vez mais abertos e independentes de busca de informação*” (GOMES e CARVALHO, 2008, p. 135).

As práticas pedagógicas precisam estar atentas a estas mudanças. Não se trata de negar acesso ao erudito, ao saber já sistematizado, mas de vesti-lo, inicialmente, com roupas de festa, mais atrativas, capazes de competir com o mundo totalmente mediatizado, como lembra Belloni (2009, p. 32-33):

Do ponto de vista da socialização das novas gerações, a cultura e a comunicação (mediatizadas por tecnologias cada vez mais sofisticadas e de funcionamento opaco para a maioria dos usuários) vão se transformar: cresce a importância das „interações mediatizadas“ e das mensagens simbólicas mundializadas.

É preciso pensar o edutretenimento enquanto instrumento pedagógico capaz de aproximar o conhecimento desse mundo digital e da geração net, lembrando, contudo, que o conteúdo em forma de edutretenimento não se limita a uma faixa etária específica e pode ser atrativo para todas as idades. Além disso, pode ser

utilizado em diversos contextos com diferentes objetivos educacionais, seja para a educação informal ou formal, contando com a intervenção de um educador.

Por despertar a curiosidade e motivar a aprendizagem, o edutainment pode ser uma alternativa para as escolas superarem o atual fracasso na educação. Em vez de competir com as novas tecnologias e a indústria de entretenimento, a escola pode tentar usá-las para fins educativos. A proposta não é de que as escolas se tornem altamente tecnológicas, pois sabemos que isso não é possível na nossa realidade (e nem desejável) (...) A fim de que os alunos se sintam motivados a engajar nesse processo, é preciso que a escola desenvolva novas maneiras de pensar e ensinar, integrando as necessidades e interesses dessa nova geração à sua prática (CARDOSO, 2009, documento eletrônico, s/p).

Recuperando a definição de edutretenimento proposta pelo artigo de Alencar (2013) também verificamos uma aproximação da discussão ao universo escolar. Para o articulista, o edutretenimento enquanto metodologia pode aproximar o aluno da aprendizagem.

Especialistas no tema afirmam que, além de atrair e prender a atenção dos estudantes, a idéia é também ajudar a reduzir a evasão escolar. Isso acontece porque a metodologia aumenta a motivação e engajamento dos alunos, contribuindo para uma aprendizagem mais eficaz. Para Netto, a metodologia surgiu ao aproveitar as três principais ações que as pessoas desenvolvem quando se entretém (envolvimento, interação e imersão) a favor do aprendiz (ALENCAR, 2013, documento eletrônico, s/p).

No mesmo artigo Alencar dá voz aos depoimentos de Antônio Valério Netto, co-fundador e diretor de educação e tecnologia da XBot, uma das primeiras empresas brasileiras criadas para fabricação e comercialização de robôs para a área de *edutainment*. De acordo com Netto, citado por Alencar (IDEM, IBIDEM), muito mais do que tecnologia, o que está por trás do game, do robô ou do programa “é a metodologia que ele desenvolve que precisa ajudar o professor a melhorar a curva de aprendizagem de seus alunos”. Assim, *edutainment* ajuda a transformar as aulas „chatas” em algo agradável e divertido. Os materiais provindos do edutretenimento contribuiriam para “*outra dinâmica de ensino, já que podem motivar mais os alunos e trazer uma nova mudança ao aprendizado, normalmente forçado, para algo espontâneo*” (Idem, 2013, documento eletrônico, s/p).

Outro aspecto interessante a ser salientado encontra-se na questão dos gêneros televisivos. Enquanto gênero híbrido, o edutretenimento tem despontado

como possibilidade na grade de programação das emissoras. Como lembram (ARAUJO et al, 2012) emissoras públicas como a British Broadcasting Corporation (BBC) tem defendido o gênero como forma mais adequada para suas produções, tanto que em seu manual de produção de programas ressalta-se o papel e a função da TV. Aronchi (2006, p.61) reproduz tal função, afirmando que a televisão deve sempre entreter, podendo ainda informar e educar:

“Os programas devem: 1. Entreter; 2. Informar. O entretenimento é necessário para toda e qualquer idéia de produção, sem exceções. Todo programa deve entreter, senão não haverá audiência. Não implica entreter só no sentido de vamos sorrir e cantar. Pode interessar, surpreender, divertir, chocar, estimular ou desafiar a audiência, mas despertar sua vontade de assistir. Isso é entretenimento. Programas com o propósito de informar são necessários para toda produção, exceto aquela dirigida integralmente ao entretenimento (balés, humorísticos, videoclipe etc.) Informar significa possibilitar que a pessoa, no final da exibição, saiba um pouco mais do que ela sabia no começo do programa, sobre determinado assunto ou assuntos.” (ARONCHI, 2006, p.61)

David (2013, documento eletrônico, s/p) em seu artigo sobre o grupo de pesquisa do Professor Marcos Américo também reforça haver um equívoco na visão da função televisiva: *“a grande realidade é que ela foi criada como objeto de entretenimento e não como um ambiente de educação formal”*.

O edutretenimento poderia assim servir como um dos gêneros mais adequados ao papel da TV (entreter) sem que esquecêssemos as possibilidades que esse veículo representa para a sociedade (educar).

Singhal e Rogers (1999) também defendem os meios de entretenimento enquanto detentores de grande potencial educativo e televisivo. Alertam que os mesmos têm sido pouco utilizados. Segundo os autores, há, pelo menos, três grandes motivos para a melhor utilização dos mesmos. Tais motivações foram resumidas e são apresentadas a seguir:

A. Os produtos de entretenimento podem abordar e minimizar problemas relacionados ao desenvolvimento social, geralmente pouco discutidos;

B. O entretenimento e o lazer são tendências e estão em constante expansão. Além disso, com os avanços tecnológicos, e o progresso econômico, os produtos de entretenimento têm alcançado lugares cada vez mais distantes, a um baixo custo;

C. Produtos de entretenimento projetados de forma cuidadosa e com intenção podem contribuir com a educação e a disseminação de mensagens sociais. Além disso, os mesmos são muito rentáveis, já que pesquisas apontadas pelos referidos autores indicam que o público prefere o entretenimento saudável, educativo e socialmente responsável aos demais produtos de lazer.

Enfim, é nesse contexto que nasce o Bom de Boca, receita com caráter educativo e sabor de diversão. É a partir deste cenário, que apostamos no edutretenimento enquanto produto adequado e recomendado a TVD.

Acreditamos que o mesmo, aliado às tecnologias disponibilizadas pela TV Digital interativa, pode representar possibilidades de conhecimento a partir do lúdico, possibilidade, ainda de fazer da TVDi um poderoso instrumento social transformador, ajudando a elevar a sociedade da informação ao status de uma sociedade do conhecimento.

Capítulo III – A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

“Assim, **o conhecimento**, segundo essa teoria epistemológica, **resulta do trabalho humano no processo histórico de transformação do mundo** e da sociedade, **através da reflexão sobre esse processo**. O conhecimento, portanto, como fato histórico e social supõe sempre continuidades, rupturas, reelaborações, reincorporações, permanências e avanços.”

(GASPARIN, 2012, p. 4)

3.1 A escolha

Alguns trabalhos já aproximaram o edutretenimento de pensadores como Vigotski³⁶ e Piaget³⁷, famosos por defenderem a importância do lúdico no processo de desenvolvimento humano. Também seria possível utilizar Ausubel³⁸ e sua teoria da aprendizagem significativa para ancorar o edutretenimento enquanto forma de aprendizagem.

³⁶ Lev Semenovich Vigotski (1896-1934) foi um psicólogo bielorrusso, descoberto somente depois da sua morte, aos 38 anos. Foi pioneiro ao propor que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função de suas interações sociais e das condições de vida em que as mesmas se expõem (Biografias. Infoescola. Vigotski. Disponível em www.infoescola.com.br. Último acesso em 10 de abril de 2013). A corrente pedagógica que se origina a partir do pensamento de Vigotski é chamada de socioconstrutivismo ou sociointeracionismo. (Ferrari, Mauricio. Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/lev-vygotsky-teorico-423354.shtml>. Último acesso em 10 de abril de 2013).

³⁷ Jean Piaget (1896-1980) talvez tenha sido o nome mais influente no campo da educação durante a segunda metade do século 20, apesar disso, Piaget não era pedagogo, sua formação era em biologia. Foi a partir da observação científica e científica que Piaget criou sua “epistemologia genética”, teoria do conhecimento centrada no desenvolvimento natural da criança. Piaget inaugura o construtivismo. (Ferrari, Mauricio. Jean Piaget, o biólogo que colocou a aprendizagem no microscópio. Revista Escola. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/jean-piaget-428139.shtml>. Último acesso em 10 de abril de 2013).

³⁸ David Paul Ausubel (1918-2008) foi um pesquisador norte-americano famoso por ter proposto o conceito de aprendizagem significativa. Sua concepção de ensino e aprendizagem segue na linha

Aqui, optou-se pela Pedagogia Histórico-crítica, a PHC.

Cabe, então, desfazer a possibilidade de surgimento de qualquer mal entendido.

Sabe-se que a PHC acredita e defende a figura e a presença do professor. Quando propomos o desenvolvimento de um programa audiovisual baseado em edutretenimento e pautado pela Pedagogia Histórico-Crítica para a TV Digital, propomos que o mesmo utilize os estudos e apontamentos propostos por Demerval Saviani e seus discípulos.

Acreditamos que utilizando a PHC na formulação do roteiro e no desenvolvimento do próprio conteúdo audiovisual estaremos enriquecendo e ampliando as possibilidades educativas do programa. Este pode ser veiculado pela TV Digital enquanto parte da programação de uma emissora ou pode – e deve – ser utilizado enquanto objeto de aprendizagem, instrumento pedagógico dentro das salas de aula, aproximando o universo escolar das novas tecnologias, dos novos formatos, de um novo mundo.

Da proposta da PHC interessam-nos, principalmente, as conceituações do homem e da educação enquanto ser/processo histórico e os passos propostos por Saviani para o alcance da aprendizagem contextualizada e crítica. Além disso, esta dissertação ainda aposta na visão apresentada por tal teoria pedagógica de que a educação, embora não possa assumir a responsabilidade pelo fim dos problemas sociais, pode e deve ser vista enquanto esperança; como arma passível de promover igualdade; como arma passível de conduzir a mudança.

3.2 As origens

oposta à dos behavioristas. Ausubel entende que, aprender significativamente é ampliar e reconfigurar idéias já existentes na estrutura mental e com isso ser capaz de relacionar e acessar novos conteúdos. Para ele, só há aprendizagem quando o conteúdo a ser ensinado for potencialmente revelador e o estudante estiver disposto a relacionar o material de maneira consistente e não arbitrária. Fernandes, Elisângela. David Ausubel e a aprendizagem significativa. Revista Escola. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/david-ausubel-aprendizagem-significativa-662262.shtml>. Último acesso em 10 de abril de 2013.

A origem da Pedagogia Histórico-crítica está atrelada aos esforços de um professor de Filosofia de Educação entre os anos finais de 1960 e toda a década de 70. É a partir das reflexões dessa importante figura e dos exercícios propostos aos seus alunos em sala de aula, que, aos poucos, se desenha o que hoje conhecemos como PHC.

Embora responsável por fomentar tais discussões, inclusive junto à pós graduandos³⁹, o professor Demerval Saviani atribui ao coletivo a concepção pedagógica denominada Pedagogia Histórico-crítica.

A primeira formulação pedagógico-metodológica da PHC – ainda sem essa denominação⁴⁰ – deu-se em 1982 com o texto “Escola e Democracia II: para além da teoria da curvatura da vara”, escrito por Saviani.

Embora a Pedagogia Histórico-crítica tenha mais de 30 anos, continua sendo formulada, numa construção que Saviani costuma chamar de coletiva, colaborativa, e, claro, crítica, carregada de historicidade.

Para isso, tal teoria pedagógica vale-se do materialismo histórico⁴¹, ou seja, “*a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana*” (SAVIANI, 1989, p. 23). A PHC parte ainda da teoria dialética do conhecimento, segundo a qual, a construção do conhecimento dá-se a partir da base material e da ação do homem sobre a mesma, sendo, portanto, contextualizado e determinado por intenções e necessidades humanas. Nas palavras de Gasparin (2012, p.4):

³⁹ São importantes as participações de Carlos Roberto Jamil Cury com a tese “Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo”, de 1979, com publicação em 1985; e de Betty Antunes de Oliveira, com a tese “Política de formação de professores do ensino superior”, de 1978, com publicação em 1980 (SAVIANI, 2011).

⁴⁰ O termo Pedagogia histórico-crítica foi adotado em 1984 para diferenciar tal pedagogia de outras ditas dialéticas, já que esse termo mais genérico mostrava-se passível de “n” interpretações (SAVIANI, 1989).

⁴¹ Teoria atribuída a Karl Marx e Friedrich Engels, busca explicar a sociedade a partir da economia e da história. De acordo com o materialismo histórico as mudanças da sociedade, as causas de seu desenvolvimento e o modo como esse se dá são determinados pelos meios de produção do homem (Materialismo Histórico. Lição XIV. Postado em 27 de junho de 2009. Disponível em <http://dialepticamaterialista.blogspot.com.br/>. Último acesso em 23 de abril de 2013).

Assim, o conhecimento, segundo essa teoria epistemológica, resulta do trabalho humano no processo histórico de transformação do mundo e da sociedade, através da reflexão sobre esse processo. O conhecimento, portanto, como fato histórico e social supõe sempre continuidades, rupturas, reelaborações, reincorporações, permanências e avanços.

Essa proposta dialética do conhecimento pressupõe o movimento que parte da *síncrise*, passa pela *análise* e, só então, alcança a *síntese*, num exercício que acaba apropriado pela PHC.

3.3 Contextualização

1970. Enquanto a TV em cores se populariza, o Brasil vive a ditadura e o mundo uma grave crise do petróleo. No campo educacional as teorias não críticas dividem espaço com as críticas reprodutivistas e no ensino oficial a opção é pelo tecnicismo pedagógico.

Por questões didáticas direcionamos nosso olhar, neste momento, a tais teorias, para, então, desenhar os contornos da Pedagogia Histórico-crítica. A Figura 4 apresenta uma proposta de divisão e categorização das teorias pedagógicas no Brasil anteriores ao surgimento das pedagogias conhecidas como críticas.

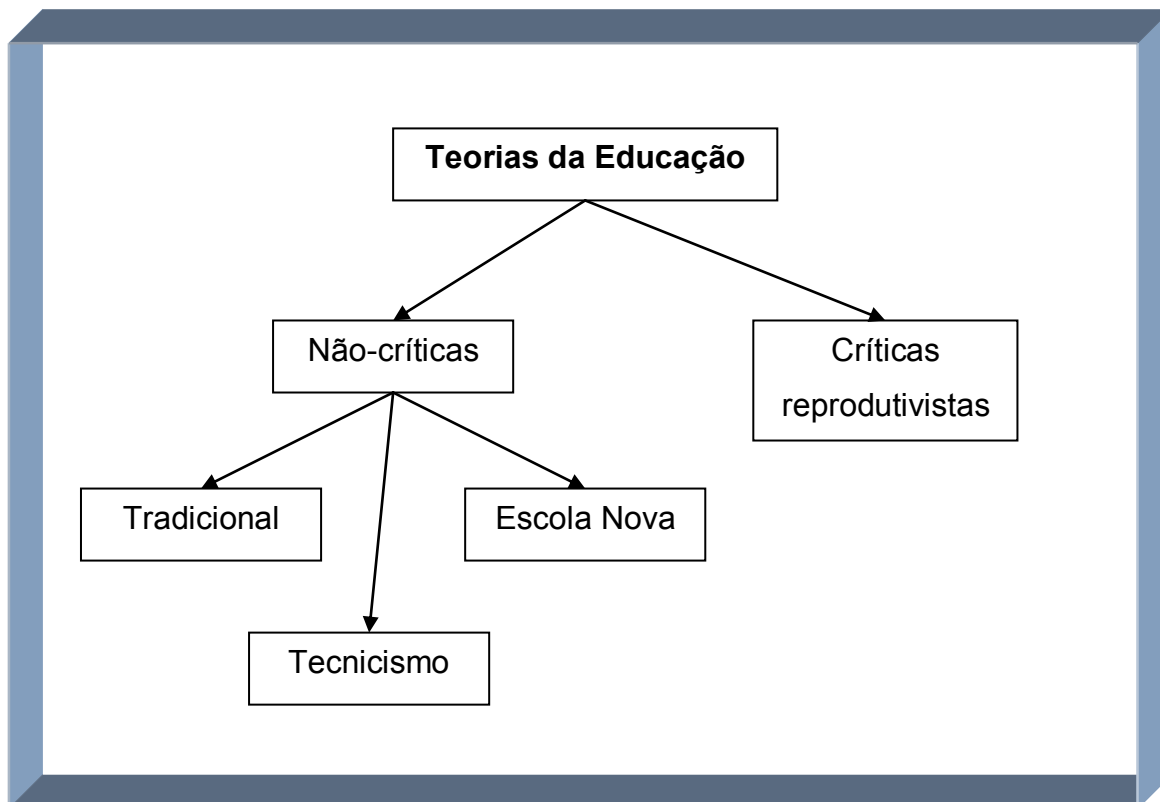


Figura 4 – Proposta de Divisão e Categorização das Teorias Pedagógicas no Brasil, anteriores às Pedagogias Críticas. Figura elaborada pela mestrandia para esta dissertação, baseada na divisão das teorias pedagógicas proposta por Saviani (2009). Por Fabiana GIMENES.

No primeiro grupo das teorias, as “não-críticas”, encontram-se aquelas que vêm a educação de forma autônoma, cabendo-lhe um papel decisivo “*na conformação da sociedade evitando sua desagregação e, mais do que isso, garantindo a construção de uma sociedade igualitária*” (SAVIANI, 2009, p. 4).

Começamos pela pedagogia tradicional, a mais antiga promovida desde o início da escola, quando a burguesia buscava ascensão; no processo educativo dessa vertente pedagógica, o aspecto lógico deve prevalecer sobre o psicológico, a razão sobre a emoção e os conteúdos sobre os métodos ou procedimentos. A segunda teoria, a escolanovista, surge quando a burguesia já alcançou o poder e

pretende mantê-lo. Nessa proposta, invertem-se as preposições da escola tradicional. Aqui, a emoção precede a razão, o aspecto psicológico da aprendizagem sobrepõe o lógico, os métodos importam mais que o próprio conteúdo (SAVIANI, 2011). No tecnicismo – tendência que ganha força, no Brasil, em finais da década de 60 ao ser adotada pelo regime militar – a ênfase é posta na racionalidade, na eficiência e na produtividade. A educação é traduzida e transformada em formação de técnicos e de habilitações profissionais. A busca pela eficiência instrumental dá-se através da reordenação do processo educativo, tornando-o objetivo, operacional, mecânico. (IDEM, IBDEM; SAVIANI, 1989)

Se na pedagogia tradicional a iniciativa cabia ao professor – que era, ao mesmo tempo, o sujeito do processo, o elemento decisivo e decisório – e se na pedagogia nova a iniciativa se desloca para o aluno – situando-se o nervo da ação educativa na relação professor-aluno, portanto, relação interpessoal, intersubjetiva –, na pedagogia tecnicista, o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária, relegados que são a condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais. A organização do processo converte-se na garantia da eficiência, compensando e corrigindo as deficiências do professor e maximizando os efeitos de sua intervenção (SAVIANI, 2009, p. 11-12).

Na mesma época em que se estabelecia o tecnicismo no ensino brasileiro surgiam correntes contrárias, críticas. Opondo-se a visão de poder absoluto da escola, responsável pela redenção da sociedade, as teorias crítico-reprodutivistas são caracterizadas pela consciência da impotência da educação – uma vez que a mesma apenas reproduz e mantém o *status quo*. A escola seria um aparelho ideológico – instrumento burguês – na luta contra a equalização e a ascensão do proletariado. Embora lancem uma crítica a essa escola, essas teorias não contêm uma proposta pedagógica propriamente dita, acreditam que a escola não poderia ser diferente do que é (SAVIANI, 2009, p.27).

Em relação à questão da marginalidade, ficamos com o seguinte resultado: enquanto as teorias não-críticas pretendem ingenuamente resolver o problema da marginalidade por meio da escola sem jamais conseguir êxito, as teorias crítico-reprodutivistas explicam a razão do suposto fracasso. Segundo a concepção crítico-reprodutivista, o aparente fracasso é, na verdade, o êxito da escola; aquilo que se julga ser uma disfunção é, antes, a função própria da escola. Com efeito, sendo um instrumento de reprodução das relações de produção, a escola na sociedade capitalista necessariamente reproduz a dominação e exploração. Daí seu caráter segregador e marginalizador. Daí sua natureza seletiva. A impressão que

nos fica é que se passou de um poder ilusório para a impotência. Em ambos os casos, a história é sacrificada. No primeiro caso, sacrifica-se a história na idéia em cuja harmonia se pretende anular as contradições do real. No segundo caso, a historia é sacrificada na reificação da estrutura social em que as contradições ficam aprisionadas (Idem, *Ibidem*, p. 27-28)

Feitos esses pequenos apontamentos, voltemos nossa atenção à década de 70. No cenário educacional vêem-se duas polêmicas: de um lado a tecnologia educacional do governo militar e de outro as teorias crítico-reprodutivistas (FONTE, 2011). É nesse contexto que nascem as primeiras proposições da PHC, durante as aulas e os textos do professor Saviani. Tais proposições têm a missão de superar o poder ilusório da escola (visão típica das pedagogias não-críticas) e também a impotência da mesma (visão das teorias crítico-reprodutivista).

A pedagogia revolucionaria é crítica. E, por ser crítica, sabe-se condicionada. Longe de entender a educação como determinante principal das transformações sociais, reconhece ser ela elemento secundário e determinado. Entretanto, longe de pensar, como o faz a concepção crítico-reprodutivista, que a educação é determinada unidirecionalmente pela estrutura social, dissolvendo-se a sua especificidade, entende que a educação se relaciona dialeticamente com a sociedade. Nesse sentido, ainda que elemento determinado, não deixa de influenciar o elemento determinante. Ainda que secundário, nem por isso deixa de ser instrumento importante e por vezes decisivo no processo de transformação da sociedade. A pedagogia revolucionaria situa-se além das pedagogias da essência e da existência. Supera-as, incorporando suas críticas recíprocas numa proposta radicalmente nova. O cerne dessa novidade radical consiste na superação da crença na autonomia ou na dependência absolutas da educação em face das condições sociais vigentes (SAVIANI, 2011, p. 59).

Ao quadro proposto anteriormente com a representação das escolas pedagógicas no Brasil acrescenta-se, portanto uma nova corrente. É o que se observa na Figura 5.

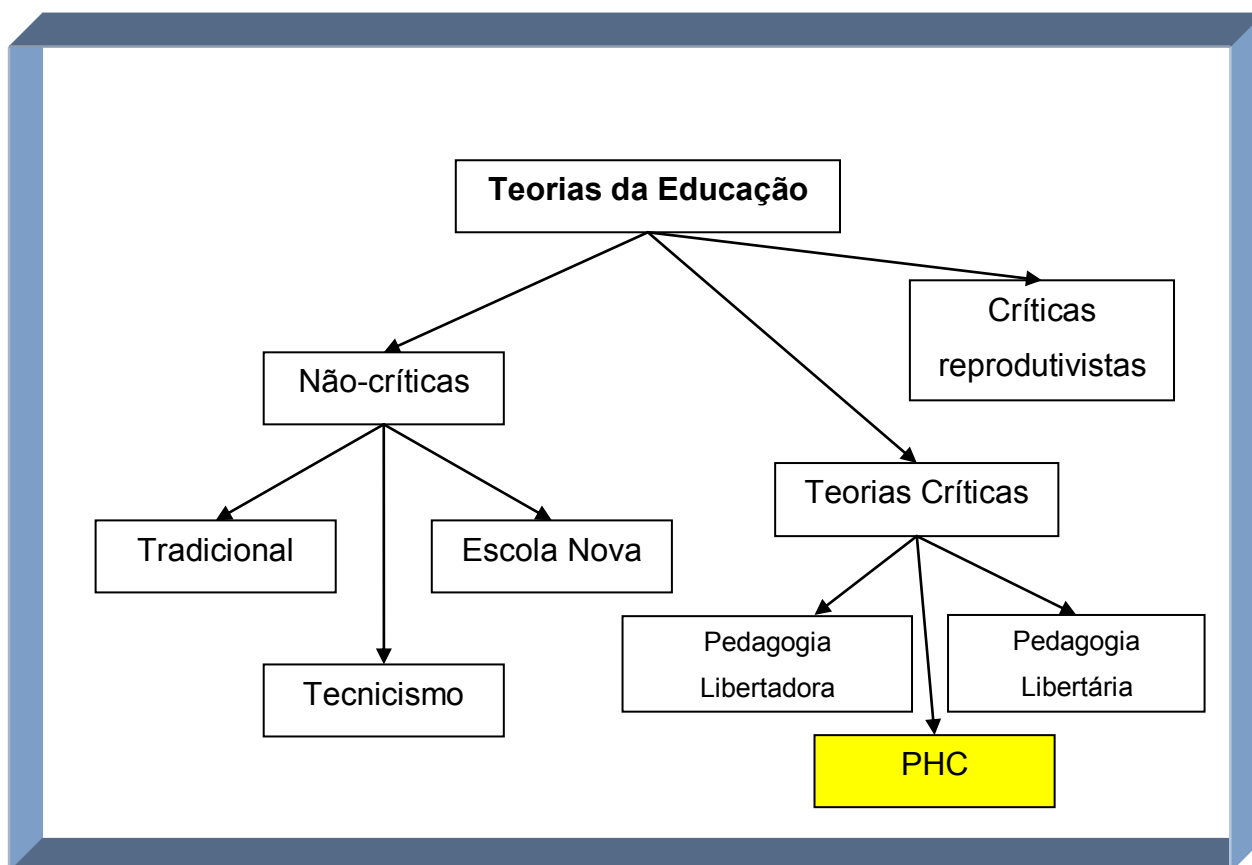


Figura 5 – Teorias da Educação. Fluxograma criado para este trabalho de dissertação e baseado na divisão das teorias pedagógicas proposta por Saviani (2009), apresentando a Pedagogia Histórico-crítica como nova proposta, diferenciada das existentes. Aqui também se acresceu o Movimento Paulo-Freire. Por Fabiana GIMENES.

A Pedagogia Histórico-crítica tenta, então, devolver aos educadores uma arma de luta, em forma de substância concreta; e, ainda que limitado, um poder real.

3.4 A teoria e sua proposta de método

A PHC surge na tentativa de ir além dos métodos tradicionais e dos novos. Não se trata apenas de somá-los, mas de levar em consideração o vínculo entre educação e sociedade. Professor e aluno devem ser tomados como agentes sociais. Para isso preconiza métodos que:

(...) estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos (SAVIANI, 2009, p. 62).

A proposta pedagógica de Saviani nasce comprometida com uma visão de ser humano e de sua relação com o trabalho que está determinada pelo materialismo histórico-dialético. Ela busca a superação da alienação e da falta de conteúdo e objetiva principalmente a formação humana omnilateral que é entendida como “*a apropriação ativa do patrimônio cultural pelo indivíduo no processo de auto fazer-se membro do gênero humano*” (Della Fonte, 2011, p. 36). Essa proposta não é um retorno à pedagogia tradicional e sim uma defesa da função mediadora da escola exercida entre o conhecimento espontâneo e as formas culturais mais elaboradas.

Para traduzir melhor essa visão e metodologia, Saviani propõe um esquema com cinco passos ou etapas, sistematizados na Figura 6:

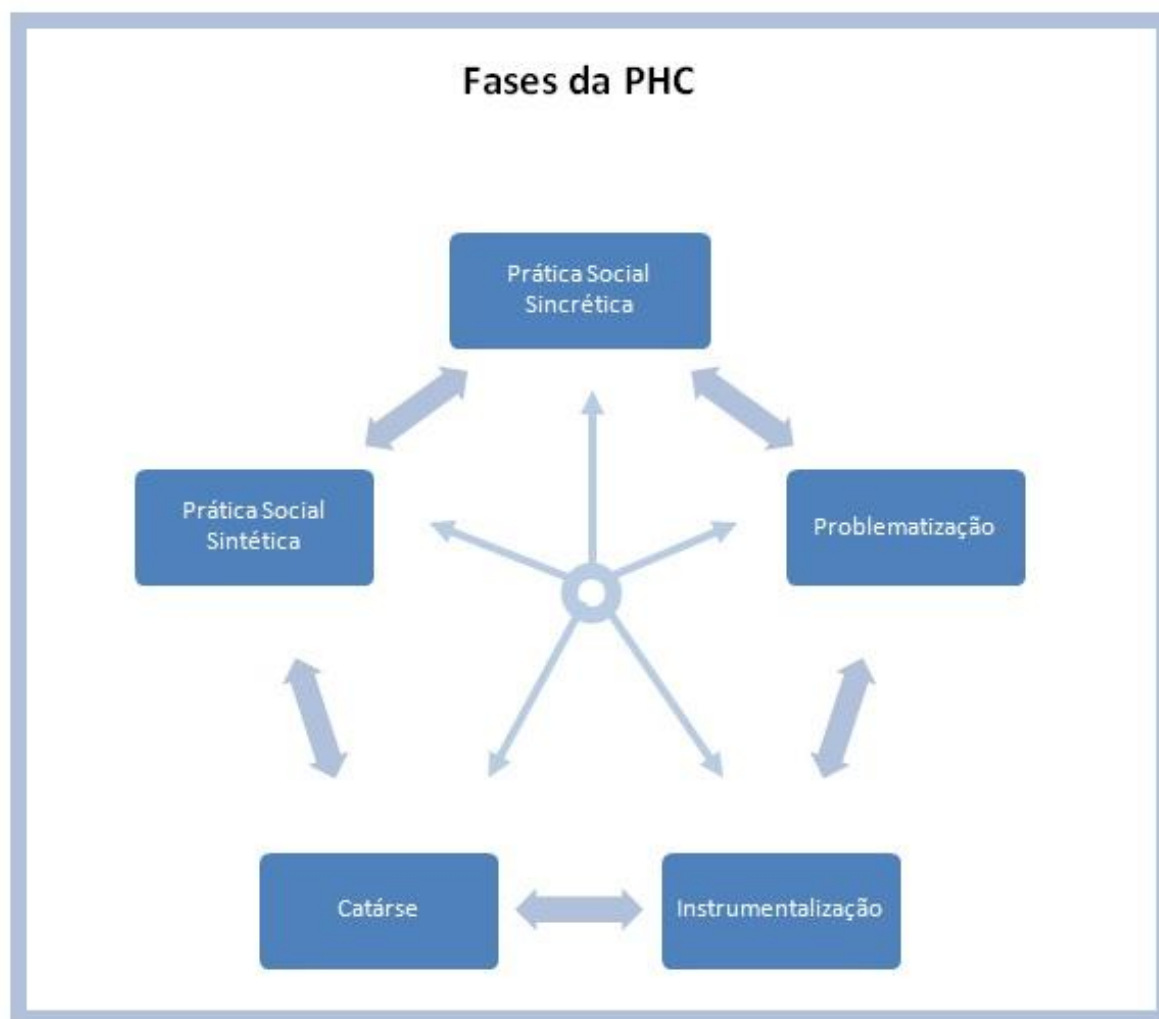


Figura 6 – Passos da PHC. Fluxograma criado para esta dissertação e baseado nos passos da metodologia de Saviani para a Pedagogia Histórico-crítica, descrita em SAVIANI, 2009. Por Fabiana GIMENES.

O ponto de partida seria a **Prática Social Sincrética**, o momento em que o professor busca conhecer a realidade do aluno e reconhecer o que deve ser o ponto de partida para o processo de aprendizagem. Esse momento funcionaria como uma preparação de aluno para a construção do conhecimento, um primeiro contato com o tema a ser estudado.

O primeiro momento do método articula-se com o nível de desenvolvimento atual do aluno, relacionado à prática social do educando, baseado no senso comum de forma fragmentada e caótica. Com isso se pode dizer que esse momento deve, com base nas demandas da prática social selecionar os conhecimentos historicamente construídos que devam ser transmitidos, traduzidos em saber escolar. O ponto de partida da prática educativa é a

busca pela apropriação, por parte dos alunos, das objetivações humanas. (MARSIGLIA, 2011, p. 105)

O saber das crianças/do público pode contribuir para o início da ação pedagógica, mas o mesmo não é condição para que ela ocorra. Isso acontece por dois motivos, primeiro porque as experiências dos alunos são baseadas no senso comum sendo referência do conhecimento “em-si” e a escola é responsável em desenvolver o conhecimento “para-si”. O segundo motivo é que a escola por se dedicar ao saber erudito pode às vezes não encontrar nos interesses iniciais dos estudantes aquele conteúdo que precisa ser transmitido. Nesse caso, deve criar as necessidades e aguçar a curiosidade dos alunos, para então oferecer os conhecimentos científicos e históricos (Idem, Ibidem).

O segundo passo, chamado de **Problematização**, seria responsável por identificar os principais problemas postos pela prática social. É nesse momento que o professor explica para o aluno os motivos de estar estudando determinados conteúdos (MARSIGLIA, 2011) e ambos passam a analisar prática e teoria (GASPARIN, 2012).

Inicia-se o desmonte da totalidade, mostrando ao aluno que ela é formada por múltiplos aspectos interligados. São evidenciadas também as diversas faces sob as quais pode ser visto o conteúdo, verificando sua pertinência e suas contradições, bem como seu relacionamento com a prática. (GASPARIN, 2012, p. 34)

A problematização caracteriza-se como o momento de questionar a forma e o conteúdo das respostas que foram dadas à prática social, mostrando suas faltas e insuficiências, suas múltiplas faces a serem exploradas. A problematização deve especificar, ainda, as razões pelas quais o conteúdo proposto deve ser apropriado pelo aluno.

O terceiro passo da didática da Pedagogia Histórico-crítica é o da **Instrumentalização**, momento em que o aprendiz se apropria de instrumentos teóricos e práticos que serão utilizados para a solução dos problemas levantados pela prática social e sistematizados na problematização. Essa etapa funciona segundo Gasparin (2012, p. 51), como “*caminho pelo qual o conteúdo sistematizado*

é posto à disposição dos alunos para que o assimilem e o recriem e, ao incorporá-lo, transformem-no em instrumento de construção pessoal e profissional”.

É nesse momento que o professor vai oferecer subsídios para compreensão da prática social em suas mais diferentes dimensões. Aqui, queremos chamar atenção para o que expõe Saviani (2009, p.64) sobre a apropriação desses subsídios, desses instrumentos:

Como tais instrumentos são produzidos socialmente e preservados historicamente, a sua apropriação pelos alunos esta na dependência de sua transmissão direta ou indireta por parte do professor. Digo transmissão direta ou indireta porque o professor tanto pode transmiti-los diretamente como pode indicar os meios pelos quais a transmissão venha a se efetivar (IDEM, IBDEM, p.64)⁴².

A fase da instrumentalização é o centro do processo educativo, uma vez que, nela se dá de forma efetiva a aprendizagem. Dessa forma, o trabalho do professor enquanto mediador do conhecimento científico consiste na dinamização dos processos mentais dos estudantes. Tal dinamização realiza-se a partir das ações previstas e dos recursos selecionados pelo educador. Estes permitem ao estudante reunir os ingredientes necessários à operação mental básica à construção do conhecimento nesta etapa: a análise (GASPARIN, 2012).

Se a instrumentalização ocorre a partir da análise, a etapa seguinte, a **catarse**, dá-se através da síntese: é *“o momento da expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social a que se ascendeu”* (SAVIANI, 2009, p. 64).

A catarse não ocorre em um momento exclusivo (MARSIGLIA, 2011), mas provoca uma mudança na maneira como o indivíduo vê o mundo, a visão pragmática e imediata do cotidiano é suplantada. É neste momento que para Saviani (2009), o sujeito incorpora os instrumentos culturais, consciente de que esses são, agora, elementos da transformação social.

A catarse é considerada a etapa culminante do ato educativo, é aqui que se efetiva a aprendizagem. Embora ela aconteça nos cinco passos do processo, é na catarse que se evidencia a mudança intelectual do aluno.

⁴² Guardaremos a colocação do professor para uso futuro, na 2ª. parte deste trabalho. Contudo, como forma de antecipação, atentemos para o fato de que o conteúdo audiovisual em formato de edutretenimento pautado pela PHC para TVDi poderia funcionar como “instrumento” didático nesta etapa da aplicação da pedagogia histórico-crítica dentro da educação formal.

A catarse assemelha-se, por isso, a um grito de gol como explosão de uma torcida organizada. É a conclusão de todo um trabalho. Entretanto, o gol começou a acontecer bem antes, quando os jogadores do mesmo time, enfrentando os adversários, começaram a construí-lo a partir do meio campo. A passagem da bola, de forma eficiente e adequada, entre as traves é a apenas a conclusão de todo o esforço despendido pelos jogadores na busca de seu objetivo. O gol foi construído passo a passo, até sua realização completa, mas ele não aconteceu só no instante final, e sim durante todo o tempo do jogo. Assim é o processo de construção do conhecimento, da apropriação dos conteúdos (GASPARIN, 2012, p. 129).

Para o quinto passo tem-se a própria prática social do início do processo, agora compreendida de forma sintética. É a **Prática Social Sintética**, o ponto de chegada da prática educativa.

Convém ressaltar que para Saviani (2009, p.65), a „prática social do início” e a „prática social final” são e não são as mesmas. O são porque constituem ao mesmo tempo: “o suporte e o contexto, o pressuposto e o alvo, o fundamento e a finalidade da prática pedagógica”. E não o são por que:

(...) o modo de nos situarmos em seu interior se alterou qualitativamente pela mediação da ação pedagógica; e já que somos, enquanto agentes sociais, elementos objetivamente constitutivos da prática social, é lícito concluir que a própria prática se alterou qualitativamente (idem, ibidem).

A prática social final ou sintética é a nova maneira de entender toda a realidade, a nova maneira de estar posicionado diante dela, encarando-a não apenas enquanto fenômeno. “É o momento da ação consciente, na perspectiva da transformação social, retornando à prática social inicial, agora modificada pela aprendizagem” (GASPARIN, 2012, p. 143). Para o autor, se na catarse o estudante alcançou uma atitude teórico-mental diferente daquela demonstrada no início da ação pedagógica, na prática social sintética ele vai assumir uma nova postura prática diante da realidade que acabou de descobrir (IDEM, IBIDEM).

3.5 PHC, edutretenimento e TVDi: preparando a mistura

Saviani defende a mediação enquanto definição da PHC. Para ele a educação é “*como uma atividade mediadora no seio da prática social global*” (SAVIANI, 2009, p. 66). Também acreditamos na educação enquanto mediação, e isso, sem afastar a presença do professor, pode aproximá-la das possibilidades do universo mediador da TVDi.

Para a educação informal cremos que o edutretenimento pautado pela PHC, utilizando os recursos da TV Digital pode representar a chance do interator sair da síncrise e alcançar a síntese. Na educação formal, também apostamos que o mesmo tipo de edutretenimento pode ser aplicado pelo professor – e através de sua mediação, de forma ainda mais efetiva –, pode auxiliar na “instrumentalização” dos alunos. A partir dos recursos interativos (com a disponibilização de *quizz*, jogos e questionamentos ao longo do produto audiovisual) também pode auxiliar na própria “catarse”. Pode ainda ajudá-lo na obtenção de uma prática social sintética, à medida que propõe ações que ultrapassem a teoria e impliquem num novo posicionamento social e histórico.

Além disso, convém reforçar, que, de modo algum preconizamos a substituição do professor. Informalmente o Bom de Boca pode propiciar uma educação não-direcionada, acidental, e, valendo-se da **intenção** do interator, pode representar, sim, possibilidade de se passar da prática social inicial à práxis, numa união entre teoria e prática. Formalmente, o Bom de Boca pode auxiliar o trabalho de mediação realizado pelo professor, funcionando como uma alternativa diferenciada e enriquecedora a ser usada durante as fases do método pedagógico histórico-crítico. “*Não se dispensam as tecnologias, pelo contrário, exige-se, cada vez mais, sua presença na escola, mas como meios auxiliares e não como substitutos dos professores*” (GASPARIN, 2012, p. 1).

Embasado pela PHC, o Bom de Boca, busca aliá-la ao seu próprio desenvolvimento. As armas dessa teoria serão utilizadas da pré-produção à finalização, da escolha dos ingredientes à montagem da mesa e apresentação do prato. Sigamos, então, para alcançarmos o preparo dessa receita.

Capítulo IV – COZINHANDO CULTURA

“O melhor tempero da comida é a fome.”

Cícero

A memória é uma das formas de manifestação cultural ou espaço produtor da cultura? A cultura se preserva na memória ou constrói novas memórias, no plural, no coletivo. É possível vislumbrar o outro, definir identidade, ou as fronteiras da aldeia global pulverizaram a história num discurso multicultural? Como resguardar e preservar o intangível? Porque fazê-lo? Qual a relação da cozinha, espaço geralmente subvalorizado, a esse universo cultural?

Responder a tantos e tais questionamentos não é tarefa das mais simples, mas nosso intento nas próximas páginas.

4.1 Uma questão de conceitos

4.1.1. Cultura

Ao longo da história da humanidade a cultura talvez seja o termo que mais interpretações e conceituações possua. Para o senso comum, cultura pode ser associada a:

- estudo, educação, formação e escolaridade;
- ao mundo das artes, aos meios de comunicação de massa;
- ao folclore, conjunto de lendas e tradições passadas;
- a períodos ou etapas da civilização humana (GOHN, 2001).

Então, de fato, o que seria cultura? A pergunta foi respondida de diferentes formas ao longo da história da humanidade, privilegiando determinadas visões ou políticas.

A etimologia da palavra provém do verbo latino „*colere*“, que significa cultivar e cuidar. Na Roma antiga esse verbo estava relacionado à terra e à agricultura considerada, então, atividade nobre; e aos cuidados com as crianças, sua educação, aos deuses, ancestrais. A cultura estava, então, relacionada aos interesses do homem, quer fossem materiais ou simbólicos. A manutenção desse cuidado implicaria na preservação da memória e na transmissão de como deveria se processar esse cuidado, daí o vínculo da cultura com a educação e o cultivo do espírito. Mais tarde, assiste-se a uma associação entre cultura e civilização. Para a ilustração, a cultura passa a ser a medida de uma civilização, um modo capaz de avaliar o grau de seu desenvolvimento. É neste momento que o termo „cultura“ parece se distanciar da natureza⁴³ e voltar-se ao reino do imaterial, daquilo que é produzido (CHAUÍ, 1986).

É Chauí (1986, p.14) quem apresenta a primeira definição de cultura a nos interessar. Para a autora, cultura diz respeito ao *“conjunto de práticas materiais e espirituais elaboradas pelos homens em sua vida social, “campo simbólico e material das atividades humanas”.*

Mais tarde, com as observações da antropologia do século 19, „cultura“ ganha um campo específico e separado do campo de „civilização“. Embora visualize o homem como ser produtor de cultura por essência, neste momento, o termo adquire um caráter universal (o europeu⁴⁴). A cultura passa, então, a compreender todo um complexo de crença, arte, moral, leis, costumes, habilidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade (GONH, 2001).

A noção de diversidade cultural surge um século mais tarde. O reconhecimento do „outro“ como um ser diferente, conduz a cultura a um caráter

⁴³ Ao distanciar-se da natureza, o termo cultura afasta-se também da conceituação romântica, pela qual cultura seria uma bondade natural, uma interioridade espiritual; opondo-se ao termo civilização que expressa artificialidade, convenção (CHAUÍ, 1986).

⁴⁴ Neste momento a cultura tenta reduzir as diferenças entre os homens, tornando-os adequados à cultura ocidental dos brancos. As diferenças culturais existentes entre os povos (entre a Europa e suas colônias, entre o ocidente e o oriente) apenas “mascaravam uma unidade básica a ser progressivamente eliminada pelo processo evolutivo”. Trata-se de ampliar o mercado consumidor de uma cultura centrada nos paradigmas ocidentais europeus (GOHN, 2001, p. 26).

humanizador, ela deixa de ser vista e entendida como manifestação empírica de um grupo e passa a ser entendida como:

“(...) conjunto de princípios que subjazem às manifestações, de forma inconsciente. É um produto social, um conjunto de regras que é comum ao grupo. Os códigos que constituem essencialmente em aparelhos simbólicos. São símbolos organizados em diversos subsistemas que caracterizam a natureza social do comportamento humano. Os símbolos são codificados segundo os códigos comuns de um grupo” (GOHN, 2001, p. 27-28).

Assim, a partir da antropologia, surgem outros campos de estudo interessados no estudo da cultura oferecidos pela história, pela filosofia, pela sociologia, pela política, pela psicologia. Assiste-se ao nascimento de termos como cultura de massa, cultura erudita, cultura popular, cultura urbana, cultura do trabalho, enfim, culturas.

Com a pós-modernidade, surge a teoria dos *cultural studies*. Esta aproxima cultura do conceito de modo de vida, visto como estrutura coletiva, analisando com destaque a influência e importância dos meios de comunicação de massa enquanto difusores de um determinado modo de vida. Contudo, para a *cultural studies*, há um saber construído nesse processo comunicativo, a mídia deixa de ser vista apenas como instrumento de controle das elites sobre a sociedade⁴⁵, mas “*é também sistema cultural e espaço de conflito além de controle social*” (GOHN, 2001, p. 33).

Mais tarde, no que alguns teóricos costumam chamar de novo mundo pós-moderno, nas discussões culturais, destaca-se o multiculturalismo. Embasado pelo mundo do dissenso, ele se insere num mundo no qual “*buscar qualquer unidade na diversidade ou qualquer política de construção coletiva entre os diferentes é, em última análise, anular as diferenças ou busca a submissão de uma diferença pelas outras*” (PEIXOTO, 2009, p. 40-41).

Gostaríamos de ressaltar que embora seja necessário preservar e difundir as diversidades, o discurso do multicultural parece estar atrelado à necessidade do capitalismo neoliberal. Com a impossibilidade do consenso, o capital multinacional

⁴⁵ Essa visão maquiavélica da mídia é difundida nas teorias de mass media, ou dos meios de comunicação de massa.

anula a possibilidade do estabelecimento de um projeto coletivo. Segundo Peixoto (2009), o multiculturalismo pode e deve promover um debate⁴⁶.

Por um lado, o tema do respeito às diferenças, das contribuições culturais, étnicas, raciais, assim como da luta contra o racismo e todo tipo de intolerância. Por outro, devido ao fato de ser produzido em grande medida por influência de idéias pós-modernas de cunho conservador, esse debate acabou por negar importantes referenciais teóricos, que ajudam a entender as relações sociais, políticas e econômicas responsáveis pela discriminação, pelas desigualdades e pela exclusão (PEIXOTO, 2009, p. 41-42).

Sobre esses importantes referenciais, parece-nos oportuno e fundamental, retrocedermos à conceituação sociológica da cultura. No campo da sociologia interessa-nos a visão de teóricos como Marx, Gramsci e Chauí. Para o primeiro, a cultura deve ser vista como a relação material do homem, sujeito social, com as condições que foram dadas ou produzidas pelo mesmo. Seria “*o momento da práxis social como fazer humano de classes sociais contraditórias na relação determinada pelas condições materiais, e como história da luta de classes*” (CHAUÍ, 1986, p. 14). Para Marx, a cultura não basta enquanto explicação das mudanças sociais⁴⁷. Segundo o teórico, o campo de pesquisa da cultura deveria partir de uma ontologia naturalista e materialista, visto que: “*todos os fenômenos humanos decorrem e são explicáveis a partir da organização social e da interação entre as pessoas na vida familiar, na divisão do trabalho e na ocupação e defesa do espaço e do território*” (GOHN, 2001, p. 31).

Em Gramsci a cultura é vista como força social transformadora para a liberdade humana, à medida que forma os olhares dos grupos sociais, na medida em que constrói visões de mundo diferenciadas das elites dominantes, assume papel estratégico na busca por mudanças e transformações sociais. Para Gramsci o poder de uma determinada classe é definido no campo cultural, está posto em sua

⁴⁶ Segundo a autora o debate deve alcançar os muros das escolas, uma vez que o discurso multicultural acabou por se refletir nas políticas educacionais. “(...) *grande parte da produção teórica em educação, esvaziou-se de conteúdos essenciais de análise, abriu mão das categorias de análise política e econômica e, como teoria, deixou de apontar o papel político da educação na construção histórica de uma sociedade mais igualitária, menos excludente e mais democrática no sentido amplo do termo*” (PEIXOTO, 2009, p. 42).

⁴⁷ O uso da cultura enquanto fator de explicação dos fenômenos sociais é defendido pelas teorias culturalistas.

capacidade de dirigir moral e intelectualmente o conjunto da sociedade, gerando consenso e, portanto, hegemonia sobre as demais classes sociais (GOHN, 2001, p. 44). A mesma autora lembra ainda que também Chauí associa cultura e mudança social. Para a estudiosa, “*o estudo da cultura implica aceitar a existência de uma historicidade, onde sociedade e cultura estão sempre se refazendo porque não são entidades estáticas*” (GONH, 2001, p. 32). A cultura deve ser vista como um território de lutas sociais desencadeadas na busca por um destino melhor.

Por fim, Gohn (2001) apresenta uma conceituação de cultura próxima a que se quer usar neste trabalho.

A cultura é concebida como modos, formas e processos de atuação dos homens na história, onde ela se constrói. Está constantemente se modificando, mas, ao mesmo tempo, é continuamente influenciada por valores que se sedimentam em tradições e são transmitidos de uma geração para outra (GONH, 2001, p. 98).

Assim como para a autora, este trabalho entende que a cultura é construída pelos homens, modifica-se ao longo dos anos e também é capaz de modificar. Dotada de historicidade ela é transformada e também pode transformar. Para isso parece-nos essencial que se possibilite o acesso e a difusão à cultura. Somente dessa forma é possível garantir o processo de absorção, reelaboração, produção e transformação dessa cultura.

Estabelecido nosso posicionamento, convém ainda dimensionarmos e delimitarmos o campo que consideramos como cultura. Aqui adotar-se-á a delimitação proposta pela UNESCO na Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais. No texto determina-se que conteúdo cultural “*se refiere al sentido simbólico, la dimensión artística y los valores culturales que emanan de las identidades culturales o las expresan*” (2005, p. 4). A definição das atividades, bens e serviços considerados como culturais aparece em seguida como:

Las “*actividades, bienes y servicios culturales*” se refieren a las actividades, los bienes y los servicios que, considerados desde el punto de vista de su calidad, utilización o finalidad específicas, encarnan o transmiten expresiones culturales, independientemente del valor comercial que puedan tener. Las actividades culturales pueden constituir una finalidad de por sí, o contribuir a la producción de bienes y servicios culturales (UNESCO, 2005, p.5).

A cultura é vista assim como conjunto distintivo de atributos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos capazes de caracterizar uma sociedade ou um grupo. Engloba das artes à literatura; dos diferentes modos de vida às tradições, crenças; dos sistemas de valores aos direitos fundamentais do ser humano. A cultura constitui-se, assim, como forma de interpretação, compreensão e transformação do mundo, estabelecendo ainda relações sistêmicas entre todas as expressões produtivas humanas, sejam elas tecnológicas, econômicas, artísticas ou domésticas (CLAXTON, 1994).

4.1.2. Memória, identidade cultural, patrimônio imaterial

Recorrendo inicialmente à filosofia, poderíamos entender a memória enquanto capacidade de se reter um dado da experiência ou conhecimento adquirido e de trazê-lo à mente. A produção de conhecimento dar-se-ia, dessa forma, a partir de memórias de um passado que é consolidado no presente (JAPIASSÚ, 1996).

Desde a Antiguidade, o termo vem sendo analisado e teorizado, entendido e transmitido. Nesse sentido, surgem a oratória, a retórica, a escrita e a história como forma e modo de trabalhar a memória. “*Ao par da arte e da técnica que se expandem, formas de controle, de poder*” (SMOLKA, 2000, p.179).

Seguindo as considerações da pesquisadora, e deixando de lado a dimensão psíquica discutida por Aristóteles e Agostinho⁴⁸, em seus estudos sobre a memória, interessa-nos as conceituações da mesma a partir de uma perspectiva material histórica. Vygotsky e Bakhtin abordam o surgimento e o funcionamento do signo na vida mental, a partir desse referencial. “*O modo como interpretam o material semiótico no funcionamento mental nos sugere que a dimensão psicológica não pode ser separada da significação e do discurso*” (SMOLKA, 2000, p.185).

Bosi (1994) confirma a linguagem enquanto caráter social da memória. Pela lembrança ou pela narração, as trocas entre o grupo se fazem somente a partir da

⁴⁸ Embora voltados à dimensão psíquica da memória os dois grandes pensadores já discutem sobre as relações de pensamento e linguagem enquanto formadores da memória, e, portanto, modificadores da experiência humana (SMOLKA, 2000).

linguagem – carregada de cultura e historicidade. É ela quem reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço vivências tão diversas, que passam do sonho, às lembranças até as experiências mais recentes.

Dessa forma, o estudo da memória não pode ser conduzido como estudo isolado, assim como a memória não deve ser entendida de forma isolada. A compreensão da memória humana, enquanto capacidade de resgate do passado e de preservação para o futuro, deve ser a compreensão “*dos meios, os modos, os recursos criados coletivamente no processo de produção e apropriação da cultura*” (SMOLKA, 2000, p.186).

Burke (2000) preconiza o entendimento da memória sob dois pontos de vista: como fonte histórica e como fenômeno histórico. O mesmo raciocínio deve ser empregado ao avaliarmos a relação memória/cultura. A memória deve ser vista como fonte de cultura e fenômeno cultural. “*As memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade*” (BURKE, 2000, p.73).

A memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É o que explica Halbwachs (1990), a memória se modifica e se rearticula conforme a posição que ocupamos e as relações que estabelecemos em diferentes grupos dos quais participamos. A memória é capaz de garantir o sentimento de identidade do indivíduo, embasada não só por seu caráter histórico, real, mas por seu viés simbólico.

Para Batista (2005, p. 29) a memória “*constitui um fator de identificação humana, ela é a marca ou o sinal de sua cultura*”.

A memória é produto e produtora da cultura, é, ainda, construção e construtora da identidade.

Por identidade entendemos todo um conjunto de crenças, ritos e experiências comuns capazes por caracterizar um povo, grupo social. A construção da identidade dá-se a partir da distinção de princípios, valores e traços que a marcam, em relação a si própria e na relação que estabelece junto a outras identidades, a outras culturas (KASHIMOTO, MARINHO E RUSSEFF, 2002).

A cultura é responsável pela identificação de um grupo, pelo conjunto de suas memórias. Desenvolvida também a partir destes (a partir da identidade e da memória), a cultura simboliza a preservação ou a possibilidade de modificação dos

mesmos. Entender essas relações e sua historicidade é assumir a autoria do processo social.

A origem das identidades está intrinsecamente relacionada ao modo como se utilizam os recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não apenas daquilo que somos, mas também daquilo no qual nos tornamos ou podemos nos tornar (HALL, 2000). A patrimonialização das identidades, das memórias e da cultura pode garantir que esse processo se realize ao longo da história futura. Antes de passarmos à definição desse outro termo, propomos um esquema de visualização das inter-relações entre os principais termos já conceituados.

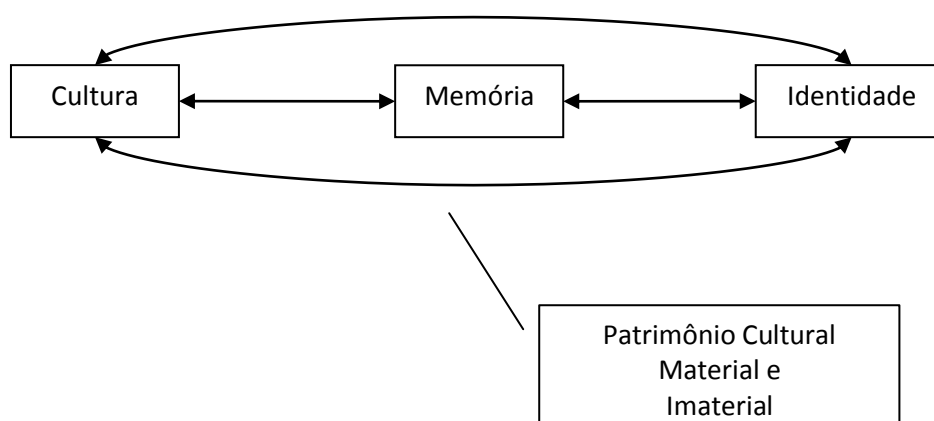


Figura 7 – Inter-relações entre cultura, memória e identidade. Fluxograma elaborado para esta dissertação, a partir do exposto nas páginas 84-85 do presente trabalho. Por Fabiana GIMENES.

Antigamente o termo “patrimônio” dizia respeito exclusivamente ao conjunto de bens, materiais ou não, que pertenciam a um indivíduo ou a uma empresa. Designava apenas propriedades privadas. Mais tarde, com a revolução francesa o domínio individual, passa a ser estendido para o conjunto dos cidadãos; preservam-se bens culturais como palácios e igrejas – vestígios do passado, ameaçados de destruição (TEMPASS, 2006).

Mais tarde, com a criação de instituições responsáveis pela conservação e preservação da cultura, o patrimônio deixa de ser considerado apenas como material. Com a criação da UNESCO no pós-segunda guerra, a noção de patrimônio cultural, passa também a valorizar as propriedades imateriais das produções

humanas. Isso significa dizer que ao conjunto de “*monumentos, grupos de edifícios ou sítios com excepcional e universal valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico*” que caracteriza o patrimônio cultural material, acresce-se o patrimônio cultural intangível ou imaterial, conjunto de:

(...) práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003, p. 4).

A partir dessa conceituação podemos concluir que a cozinha e a culinária são consideradas patrimônio cultural imaterial. A cozinha enquanto espaço de produção material e simbólica de sabores e saberes é mais que patrimônio. É identidade, é memória, é cultura. E esse é o assunto de nosso próximo tópico.

Por fim, cabe lembrar que o patrimônio cultural material e imaterial de um povo precisa de espaços democráticos. A televisão digital interativa pode ser espaço.

4.2 A comida como cultura: um prato com sabor de possibilidades

Comer sentado á mesa. Comer de *hashi*. Comer agachado, de cócoras. Comer sozinho. Em grupo. Comer arroz, feijão preto. Comer com pressa. De garfo e faca. Comer com as mãos. Comer rezando. Comer com farinha, com pimenta. Na panela. Comer cru. Comer com os olhos.

Embora a comida tenha sido tantas vezes interpretada como algo natural, o ato de comer é bem mais que a ingestão de lipídios, proteínas e carboidratos. “*Os valores de base do sistema alimentar não se definem em termos de naturalidade*” (MONTANARI, 2008, p. 15). Não. Eles vão além. São “*resultado e representação de*

processos culturais que prevêm a domesticação, a transformação, a reinterpretção da natureza” (IDEM, IDBEM, p. 15).

O comer envolve representações e imaginários, depende de escolhas, classificações, símbolos responsáveis por organizar e reorganizar diferentes visões de mundo no tempo e no espaço.

Comida é cultura. Comer é cultural. “(...) *é a manifestação da memória e da história numa atividade tida como corriqueira*” (DELLA GIUSTINA e SELAU, 2009, p. 45). Montanari (2008) argumenta que a „culturalidade” da comida acompanha a mesma em todo o seu percurso até a boca. Sendo assim, é cultura:

- em sua produção – criamos nosso próprio alimento, não consumimos apenas aquilo que pode ser encontrado na natureza;
- na preparação – com técnica ou arte, o uso de técnicas elaboradas histórico-culturalmente, o uso de „práticas da cozinha” faz com que o alimento seja transformado em objeto simbólico cheio de significado e memória;
- no consumo – ao selecionarmos o que comemos levamos em consideração os mais diferentes critérios (religiosos, afetivos, estéticos...).

A comida é cultura. É conhecimento. Segundo Montanari (2008), é possível pensar o gosto enquanto sabor e como saber. No primeiro caso é uma sensação individual relacionada ao palato, à língua. No segundo, implica numa avaliação sensorial do que é ou não bom, feita antes pelo cérebro que pela boca. O gosto enquanto saber pode então ser visto como experiência compartilhada, um conhecimento transmitido entre outras variáveis que definem histórias, memórias e identidade do grupo ao qual pertencemos. Enquanto saber, o gosto deve ser visto como algo em movimento, resultado de um processo contínuo de transformação cultural.

O comer enquanto sabor/saber é um ato social, histórico.

O alimento constitui uma categoria histórica, pois os padrões de permanência e mudanças dos hábitos e práticas alimentares têm referenciais na própria dinâmica social. Alimentar-se é um ato nutricional,

comer é um ato social, pois se constitui de atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações. Nenhum alimento que entra em nossas bocas é neutro. A historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais como espelho de uma época e que marcaram época. Nesse sentido, o que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come, como se come e com quem se come (SANTOS, 2005, p. 12-13).

Comer é memória. A comida tem o dom mágico e sobrenatural de provocar sensações e despertar lembranças capazes de re-construir a memória, e, assim, afirmar, redefinir ou manter identidades. Se cozinhar é uma atividade humana por excelência, o ato de cozer transforma o produto natural em alimento fabricado, dotado de significado e cultura. Nesse sentido, “*a cozinha é o símbolo da civilização e da cultura*” (MONTANARI, 2008, p. 71).

Mesmo estando sujeita a constante reformulação, a cozinha de um povo é resultado de um processo histórico, da articulação de um conjunto de elementos que foram referendados pela tradição, a fim de criar algo único, singular e reconhecível por esse povo, para outros povos. Projeto coletivo, a cozinha é mais que espaço de mistura entre ingredientes. A cozinha é local de produção identitária, simbólica e cultural.

Tratando de cozinhas como identidades, a conhecida frase de Brillat-Savarin, „Dize-me o que comes e te direi quem és”, foi transformada em „Dize-me o que comes e te direi de onde vens”. Indo mais longe, Sophie Bessis (1995:10)⁴⁹ afirma: „dize-me o que comes e te direi qual Deus adoras, sob qual latitude vives, de qual cultura nasceste e em qual grupo social te incluiis.a leitura da cozinha é uma fabulosa viagem na consciência que as sociedade tem delas mesmas, na visão que elas tem de sua identidade” (MACIEL, 2004, p. 27)

A comida é patrimônio. Engloba sabores, saberes, lugares e maneiras que comunicam algo sobre o povo ao qual pertence. Ora, enquanto símbolo de identidade e cultura de um grupo, o comer deve ser preservado, registrado, revitalizado (FEITOSA e SILVA, 2011). A cozinha enquanto culinária pode ser vista como arte (RODRIGUES, 2008). Também como arte a comida precisa ser patrimonializada. Principalmente num mundo globalizado, onde os limites locais

⁴⁹ BESSIS, Sophie. Avant-propos. Autrement, mille et une bouches: cuisines et identités culturelles. Serie Mutations. Mangeurs, n. 154, março, 1995.

começam a se confundir com os globais, onde as influências e transformações parecem acompanhar a velocidade de um clique.

Em sua dinâmica, a comida mantém viva toda uma simbologia identitária, histórica, reavivada constantemente em suas tradições, temperos e sabores. Nesse sentido, *“a alimentação deve ser considerada como patrimônio histórico gustativo de uma cultura, associada ao cotidiano dos indivíduos, das pessoas e dos grupos, e como espaço de vida que se destaca como categoria histórica”* (SANTOS, 2011, p. 120).

Comer é comunicar. Quem come viaja entre vocábulos/ingredientes que foram organizados pelas regras de gramática/receitas, de sintaxe/o cardápio e de retórica/comportamento de convívio. A analogia não funciona apenas no plano técnico-estrutural, mas também para os valores simbólicos de ambos.

Comer é ingerir, integrar, comunicar, falar pelos ingredientes, pelos temperos, pelas maneiras de fazer cada prato, pelas maneiras de consumir cada prato. Nossas características, nossos costumes, nossas tradições e permanentes criações estão presentes e representadas nos cardápios, nas muitas possibilidades de oferecer e de, finalmente, comer. Comer é existir enquanto indivíduo, enquanto história, enquanto cultura, dando o sentido de pertencimento a uma comunidade, a um povo. (LODY, 2008, p. 33)

O „comer junto“ mais do que caráter funcional tem valor comunicativo e „identificativo“. *“Assim como a língua falada, o sistema alimentar contém e transporta a cultura de quem a prática, é depositário das tradições e da identidade de um grupo”* (MONTANARI, 2008, p. 183). A comida, as práticas comensais acabam por expressar mecanismos de estruturação e diferenciação social. A participação na mesa comum é um sinal de pertencimento ao grupo. Para o autor o „comer“ é um importante veículo de auto-representação e troca cultural, mais forte, inclusive, que o próprio idioma, visto que comer a comida de outros é mais fácil do que decodificar sua língua. A comida é o *“melhor idioma entre os povos, sendo capaz de falar diretamente para os iguais e tocar na diferença, na abundância e na fome que assola milhões de pessoas no mundo”* (LODY, 2008, p. 23).

Comer é contar histórias. Amon e Menasche desenvolvem o argumento – também utilizado neste trabalho – de que *“a comida é uma voz que comunica, assim como a fala, ela pode contar histórias”* (2008, p. 13). Um caderno de receitas familiar pode narrar as vivências daquela família, do grupo no qual esta inserida.

Para as autoras a comida pode ser entendida enquanto sistema lingüístico. Os itens usados no preparo da comida são signos que podem ser categorizados e combinados. A comida é *“concebida como manifestação de uma estrutura subjacente, que pode ser apreendida, conduzindo ao conhecimento de características de uma sociedade”* (AMON e MENASCHE, 2008, p. 17).

A comida serve de canal de comunicação e funciona como veículo para manifestar significados, emoções, visões de mundo, identidades. As receitas podem narrar histórias, recuperando ou criando memórias da comunidade que as elegeram como valor.

(...) a voz da comida cotidiana, em contraposição à comida dos rituais, narra negociações de sentido e afirma a identidade de uma comunidade tanto quanto as suas transformações, em decorrência da convivência com outros grupos sociais. As histórias que a comida de um outro lugar conta no lugar que a hospeda resgatam a memória do lugar de origem. Ao mesmo tempo em que reafirmam e reconstróem essa memória para gerações futuras da comunidade, as narrativas da comida podem incorporar novos traços a memória. As narrativas da comida sedimentam e transformam a identidade, o sistema de pertencimentos e as visões de mundo da comunidade no novo contexto (AMON e MENASCHE, 2008, p. 20).

Apesar de comumente relacionadas à produção de saberes do senso comum, as narrativas são capazes de promover a reflexão, de possibilitar questionamentos e críticas sobre a vida, sua relação com a história. O contar histórias é uma das formas pelas quais os grupos compreendem, apreendem seu passado, presente. A comida enquanto narrativa pode auxiliar na construção, reconstrução ou manutenção da comunidade. Acreditamos que a comida enquanto narrativa pode auxiliar no processo de transformação dando entendimento sincrético ao sintético.

O Bom de Boca – ao difundir e representar as produções culturais alarga as possibilidades de acesso ao conhecimento das mesmas. A proposta é de valorização da memória e dos costumes da comunidade, de sua identidade.

Em lugar da fragmentação, o que se quer é aumentar as possibilidades de questionamentos e interpretações, busca-se ampliar a possibilidade de apreensão do conhecimento – visto de forma crítica, enquanto produção histórica, capaz de promover a transformação. O fato de tal conhecimento poder ser servido à mesa, num prato, bandeja ou cumbuca, vistoso e aromático, só torna o mesmo ainda mais saboroso.

PARTE II

MODO DE PREPARO

A verdade não é, de modo algum, aquilo que se demonstra, mas aquilo que se simplifica.

Antoine de Saint-Exupéry

Capítulo V – O BOM DE BOCA

“De modo suave, você pode sacudir o mundo.”

Mahatma Gandhi

5.1 Temperos

Na década de cinquenta, quando a TV analógica surgiu, e ao longo da década seguinte, enquanto se constituía, acabou por tomar emprestado muito de outros meios. Em especial, formatos e linguagens destes. Assim, viam-se programas semelhantes aos produzidos para o rádio, ou sequências “tal e qual” as criadas para o cinema ou para o teatro. Parece certo que, ao surgir, um novo meio acabe por construir sua linguagem e estética tomando emprestadas características dos meios que o antecedem (MURRAY, 2007).

Com a TV Digital o modo de produção dos conteúdos audiovisuais – agora, interativos – deve tomar emprestado o sistema utilizado pela TV analógica, pautado em suas três etapas produtivas: Pré-produção, Produção e, Pós-produção.

A **pré-produção** corresponde à fase inicial e mais importante do projeto audiovisual. Segundo WHITTAKER (2002, documento eletrônico, s/p/), “*La importancia de esta fase es usualmente admitida después de que las cosas han salido mal; entonces las personas hubiesen deseado apegarse a este axioma desde un principio*”. A pré-produção engloba a preparação do projeto, no que diz respeito ao desenvolvimento da idéia, ao seu dimensionamento, à pesquisa sobre o argumento, e à formatação inicial do produto. Abarca ainda a pré-produção propriamente dita, fase em que vemos a redação de pré-roteiros e roteiros, os agendamentos de equipe e das locações, o levantamento de custos, o orçamento.

A fase seguinte corresponde à **produção** do audiovisual, na qual ocorre a captação do material a ser editado ou transmitido ao vivo, sem edição

(RODRIGUES, 2007). Na produção todos os elementos listados anteriormente se vinculam para a concretização do produto final (WHITTAKER, 2002).

Todo o trabalho posterior à produção: seja ele o de esvaziar e arrumar o estúdio, guardar equipamentos ou o de avaliar o produto corresponde à fase de **pós-produção**. A última etapa da produção do audiovisual se constitui ainda através da edição do material gravado, quando o produto não é transmitido ao vivo e da finalização com ajustes no áudio, locução, e a colocação de gráficos, artes e efeitos relativos e necessários ao projeto (RODRIGUES, 2007).

A Figura 8 pode facilitar a visualização do processo de produção do audiovisual, baseado na TV analógica.

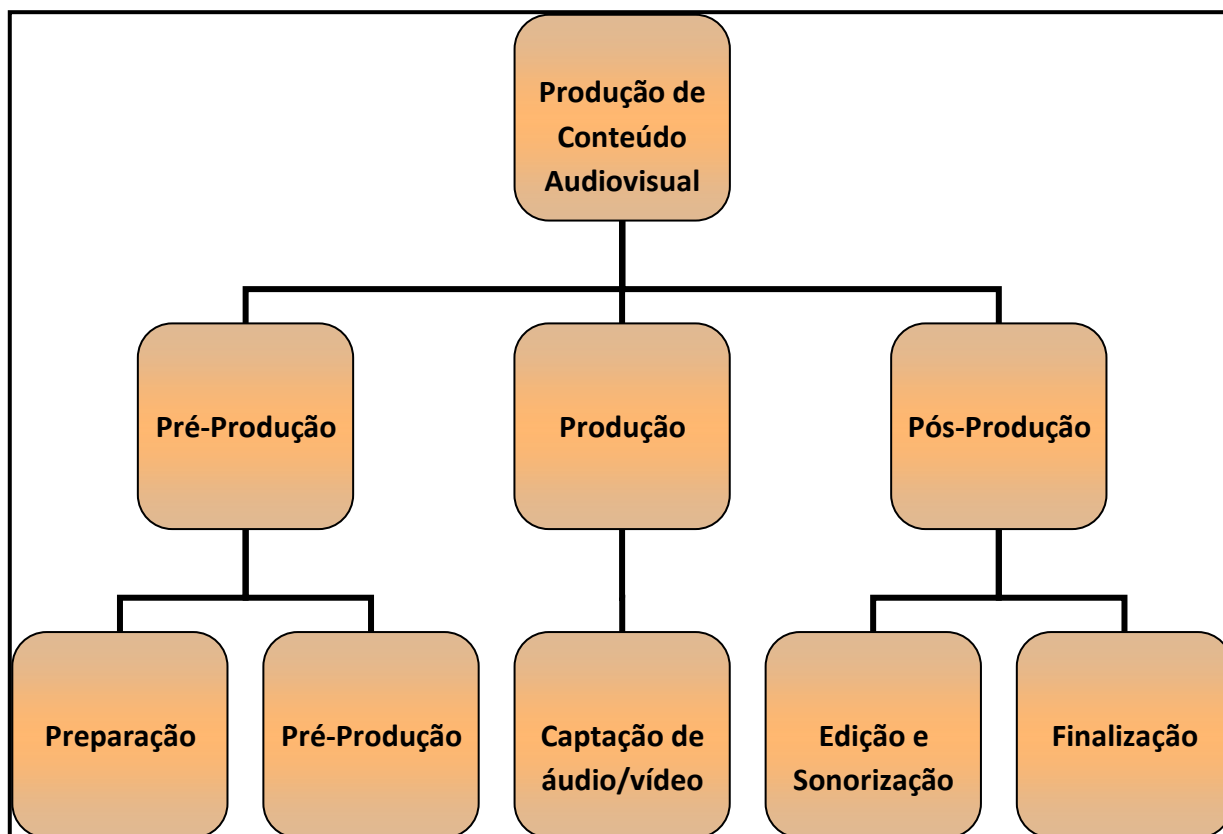


Figura 8 – Produção de Conteúdo Audiovisual. Organograma com o Processo de Produção de Conteúdo Audiovisual Televisivo. Baseado em Rodrigues (2007) e Whittaker (2002). Por Fabiana GIMENES.

Ainda em processo de implantação a TV digital deve tomar emprestada essa forma de produção analógica para o desenvolvimento de seus primeiros produtos. Pelo menos até que encontre seus próprios formatos e gêneros.

Mas, as possibilidades de novas tecnologias acopladas a essa nova TV podem „agilizar“ e nortear a transformação desse processo produtivo. A possibilidade de transmissão do conteúdo sob demanda pode modificar a estrutura linear de fluxo de informação até então conhecida, transformando programas em „módulos televisivos“. Já a inserção de recursos de interatividade, por exemplo, deve exigir a necessidade do desenvolvimento de softwares e um maior detalhamento das antigas etapas produtivas (BEVILAQUA, 2012).

Nas palavras da autora: *“o processo de produção televisiva, operado nos estágios de pré-produção, produção e pós-produção, com a digitalização, requer aprimoramentos em cada uma dessas fases, além, é claro, de investimentos em equipamentos e capacitação profissional”* (IDEM, IBDEM, p. 11).

Discutindo também a ampliação dos recursos de interatividade, Angeluci (2010) chega a propor um modelo de roteiro que utilize quatro colunas e não apenas duas. Além das tradicionais colunas de vídeo e áudio, que no modelo do autor deveriam ser invertidas; na extremidade esquerda teríamos a marcação da sequência das cenas. E na direita, a descrição de entrada e saída de interatividade.

Já Cannito (2009), mesmo entendendo que a TV Digital tende a herdar conquistas e sistemas da sua antecessora, aposta numa ruptura completa das estruturas que regem o processo produtivo desse antigo modelo. Para o estudioso, essas etapas devem esquecer suas subdivisões, tornando-se mais próximas e não delimitadas; contando inclusive com a inserção de novos profissionais, originários de outras áreas que não as relativas ao audiovisual.

Foi levando em consideração todo esse contexto e partindo desse cenário que passamos a preparar nosso cozido, o Bom de Boca.

5.2 Misturar e mexer

A construção do nosso produto, o Bom de Boca, deu-se através de um processo de experimentação.

Ao modelo de produção adotado pela TV analógica, acresceram-se etapas que pudessem dar conta de alguns recursos interativos⁵⁰ pensados para o produto. Mas, como sugere Cannito (2009) buscou-se retirar os limites dessas etapas e, de forma ousada, tentou-se balizar toda essa construção a partir de uma mescla entre as etapas produtivas e as etapas da PHC.

Durante todo o processo de criação e modelagem do conteúdo do Bom de Boca, a idéia foi seguir o ciclo pedagógico proposto por Saviani (2009), de tal forma que o produto fosse resultado do caminhar ao longo desse ciclo.

Assim, na pré-produção, ao dimensionar-se o projeto, ia-se ao mesmo tempo, problematizando-o e ao seu conteúdo. Ao roteirizar-se o Bom de Boca foi-se, aos poucos, instrumentalizando-se sua produção. Durante sua edição foi possível alcançar momentos de catarse, de modo que, finalizado, o bom de boca conduziu a síntese de seu próprio processo produtivo.

Foi a Pedagogia Histórico-crítica a responsável também pela formatação da grande estrutura do programa e da redação do pré-roteiro do piloto do Bom de Boca. A disposição dos quadros e a dinâmica do fluxo narrativo buscaram assemelhar-se a didática proposta por Gasparin (2012) ao por em prática o modelo de Saviani (2009).

Além disso, obedecendo a construção do saber proposta por esse teórico e, lembrando que o conhecimento advém da transformação do trabalho humano, da prática social, sempre plural, coletivo; para a criação do Bom de Boca ousou-se mais uma vez ao criar um grupo de estudos: O Grupo Bom de Boca.

⁵⁰ A interatividade do Bom de Boca é apenas simulada, dessa forma, as ferramentas ou softwares que permitem tal função não foram desenvolvidos. Os quadros interativos e a simulação da interatividade serão explicados na seção “No forno ou na panela”.



Figura 9 - Momentos de uma das reuniões do grupo de estudos. Primeiro, discussões e trabalho duro. Mais tarde, confraternização. Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Inicialmente, quatro professoras compraram a idéia, mas, aos poucos o aroma do que seria produzido acabou por seduzir outros profissionais e o Grupo Bom de Boca passou a contar com três pedagogas, uma diretora escolar, uma psicopedagoga, uma coordenadora educacional, dois jornalistas, uma fisioterapeuta, e uma série de colaboradores. Todos, atores responsáveis por “mexer e misturar” os ingredientes propostos pelo trabalho no desenvolvimento do programa piloto.

Embora embasada pelo modo de produção da TV analógica, a construção do Bom de Boca deu-se de forma não sequenciada, sem obedecer ao fluxo tradicional de produção, no que Belda (2010) já previa como tendência.

(...) Com frequência, sobretudo no âmbito das redes colaborativas, há nítida sobreposição cronológica de tarefas, com adaptações de seu fluxo conforme circunstâncias específicas de veiculação. (...) Nota-se, igualmente, que os modelos de classificação de equipes característicos das emissoras de televisão não se aplicam integralmente ao caso de grupos acadêmicos menos estruturados envolvidos com produção de conteúdo educativo audiovisual para mídias digitais. Considerando a emergência de comunidades televisivas de aprendizagem, no contexto da televisão digital interativa, faz-se necessária a formulação de equipes em que professores, estudantes e demais agentes ligados às práticas educativas assumam funções de protagonismo e operação, se não em substituição, ao menos de forma complementar as equipes técnicas de comunicação profissional, fundindo classificações já convencionalmente aplicadas nas áreas de

educação a distância por meios tradicionais (BELDA, documento eletrônico, 2010).

Mas, se para o autor o „fazer TV“ de forma colaborativa é o futuro necessário, para o Bom de Boca foi a única solução, já que a proposta de criar um produto educativo pedia outras e muitas especialidades diferentes da formação inicial da mestrandia.

Assim, cada reunião do Grupo Bom de Boca promoveu novos avanços junto à construção do produto. E, mesmo que de forma mais lenta o processo tornou-se mais e mais coletivo, exercício de prática social sincrética numa busca constante pela síntese.

5.3 No forno ou na panela: O Bom de Boca

E foi a muitas mãos e com muitas colheres que o Bom de Boca começou a ser preparado. Mexido e misturado com ingredientes escolhidos com cuidado, temperados no plural. No final das contas, muito embora ele tenha sido pensado para a TV Digital acabou por ganhar uma sugestão de versão analógica, podendo ser remodelado a gosto do consumidor. Apresentamos, nas páginas seguintes, a formatação inicial do projeto.



BOM DE BOCA

APRESENTAÇÃO

Programa de gastronomia, educativo e de entretenimento pensado para a TV Digital, baseado em Edutretenimento e pautado na Pedagogia Histórico-Crítica.

OBJETIVOS

Oferecer possibilidade de acesso a conteúdo educativo enquanto entretém seu público, não apenas com a receita do prato escolhido para o episódio, mas com a prática social desse prato, com ênfase nos atores envolvidos nesta práxis.

FORMATO

Grande reportagem entrecortada por quadros colaborativos e/ou interativos, narrativas paralelas e entrevistas, sob apresentação da jornalista Fabiana Gimenes. Para a primeira temporada que aborda “os sabores” da América, estão previstos 12 episódios.

O primeiro deles traz a receita da pamonha, ressaltando os aspectos de sua produção.

Muito embora tenha sido pensado para a TVDi e ofereça quadros de interatividade local, o Bom de Boca pode ser exibido pela TV analógica com a supressão de parte ou da totalidade dos quadros interativos.

DURAÇÃO



BOM DE BOCA

Os episódios têm entre 20 e 25 minutos podendo ser apresentados com um ou dois intervalos comerciais, ou sem intervalos.

PÚBLICO ALVO

Público em geral.

Donas de casa e amantes da gastronomia.

Professores e estudantes.

VEICULAÇÃO

O Bom de Boca tem veiculação semanal e pode ser re-assistido sob demanda, inicialmente, na internet, em seu blog de apoio, o WWW.bomdebocatv.blogspot.com.br/.

A sugestão é que o mesmo seja exibido de forma inédita nas manhãs dos domingos ou aos sábados, logo depois do horário de almoço.

RECURSOS OPERACIONAIS E FINANCEIROS

Obtidos a partir de parcerias e apoios. Com exceção do piloto, prevê-se o estabelecimento de convênios e a busca de financiamentos público ou privado.

O Programa Piloto

A materialização de todas as etapas da produção do episódio piloto do Bom de Boca foi custeada pela mestranda e realizada pela mesma.



BOM DE BOCA

Houve a contratação de cinegrafista, em esquema de diárias. Contudo, graças ao apoio e confiança da TV União, não houve cobrança de aluguel do equipamento utilizado. As ilhas de decupagem e edição, assim como estúdios virtuais e físicos, também puderam ser utilizadas quando necessário.

JUSTIFICATIVA

A TV Digital configura-se como uma mídia em implantação capaz de oferecer novas possibilidades de utilização, entre elas, a educativa. Ao mesmo tempo, a produção de conteúdo específico para esse novo meio é ínfima. Em meio a essa pequena produção, a existência de peças audiovisuais interativas que estejam voltadas à educação é ainda menor.

O Bom de Boca quer ajudar a suprir essa lacuna. Assim, pauta-se na pedagogia Histórico-crítica e obedece ao formato proposto pelo edutretenimento, divertindo, enquanto, na verdade, oferece educação.

Além disso, o programa acompanha a tendência do mercado televisivo⁵¹, que assiste a um crescimento na demanda por programas e produtos audiovisuais voltados a culinária e gastronomia, com ênfase nos personagens que preparam o prato e nas histórias envolvidas para a confecção do mesmo.

⁵¹ Na TV aberta ou por assinatura multiplicam-se os canais gastronômicos. Somente o canal GNT apresenta 10 programas de gastronomia, voltados a *“jovens, homens e mulheres que compreendem a cozinha como novo espaço social”* (DIAS, 2011), filão do mercado crescente. Ainda merecem destaque os canais: Bem Simples, Discovery Home and Health, Futura e CanalBrasil. Até mesmo a Sony, exibia realitys voltados ao universo gastronômico. Maiores informações podem ser encontradas no artigo “canais de televisão investem em programas gastronômicos”, da Universidade Metodista (ROASIO, 2012).

Desenhado o projeto do Bom de Boca, teve início a concepção do programa piloto da série. A receita escolhida para a estréia foi a da pamonha. Trabalharíamos todo o caminho de confecção da mesma, do plantio do milho à embalagem do quitute.

Um pré-roteiro foi estabelecido para estruturar o fluxo narrativo do episódio. As etapas e quadros criados para o mesmo buscaram seguir as etapas propostas pela PHC. A idéia seria partir da síntese junto ao interator e conduzi-lo a síntese, a um novo olhar sobre o assunto, teoricamente simples e cotidiano do episódio: a manufatura da pamonha.

As Figuras 10 e 11 ilustram as versões iniciais pensadas para a televisão analógica e para a digital.

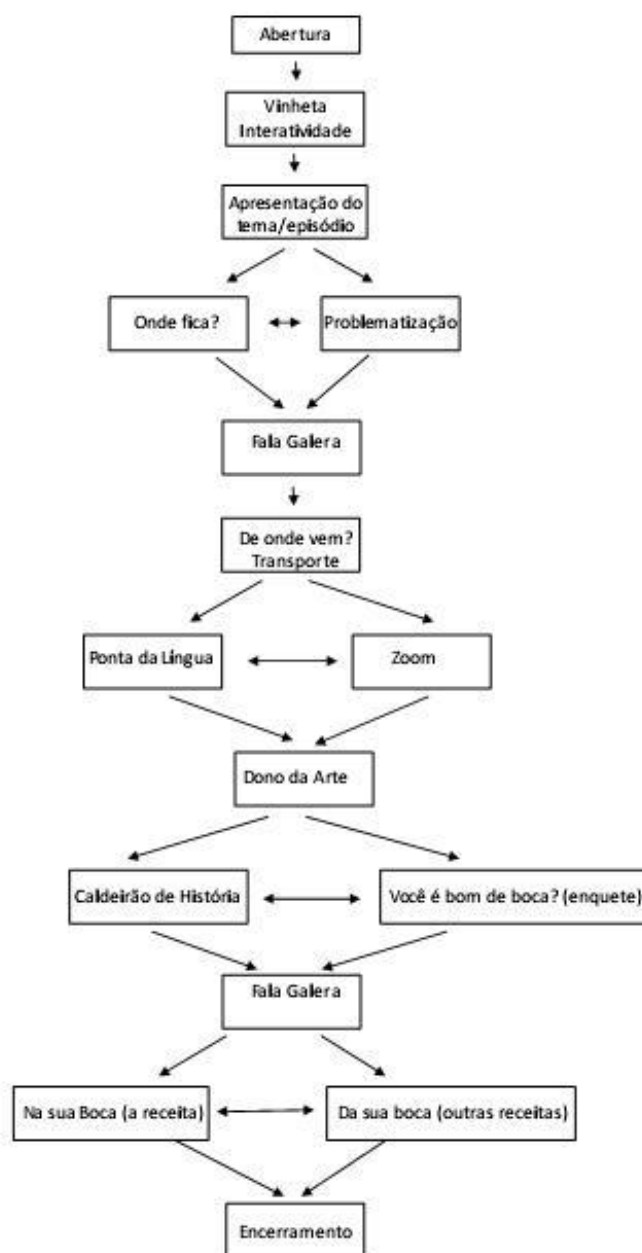
Versão para TV Digital

Figura 10 - Pré-roteiro do Bom de Boca, episódio piloto. Por Fabiana Gimenes.

Versão para TV Analógica



Figura 11 - Pré-roteiro do Bom de Boca, episódio piloto. Por Fabiana Gimenes.

Em seguida, passou-se a criação e modelagem dos quadros definidos pelo pré-roteiro. No decorrer desse processo foi necessário rever a referida peça e executar pequenas alterações na mesma, de modo que, ao final, foi redigido um roteiro base para o programa piloto e desenvolvidos os quadros que comporiam o Bom de Boca.

Para evitar repetições desnecessárias, apresentar e descrever roteiro e quadros do programa, os mesmos aparecem especificados e exemplificados já com a produção do episódio piloto nas próximas seções.

5.3.1. Abertura e apresentação

Para a abertura do Bom de Boca o grupo de estudo levantou idéias diversas e alguns modelos de difícil execução. Ao final, concluiu que a mesma deveria fugir das tradicionais aberturas de programas de gastronomia, dando ênfase ao aspecto plural do programa.

Depois de algumas pesquisas chegou-se ao consenso de que a trilha de abertura também deveria ser original, assim como toda a trilha utilizada durante o Bom de Boca.

Uma colagem de rostos em close foi feita e ritmada com a pronúncia *mixada* do nome do programa. As faces, em close e sem identificação, podem assumir diferentes identidades e retratar diferentes personagens, com diferentes paladares. Sempre no coletivo, um dos objetivos do Bom de Boca.



Figura 12 - Frames com registro da vinheta de abertura e identidade visual do projeto. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Além disso, a sonoridade da brincadeira é de fácil assimilação e serve para fixar o programa junto ao público.



Figura 13 - Fabiana Gimenes na apresentação do Bom de Boca. À direita, plano americano e ícone de anúncio de interatividade. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Com relação à apresentação, definiu-se que ela ficaria a cargo da própria mestrandia, já que a mesma atua enquanto apresentadora e repórter numa emissora regional, a TV União⁵².

⁵² Emissora regional geradora de conteúdo com sede em São João da Boa Vista, São Paulo. Sua abrangência atinge 12 municípios. A saber: Aguaí, Águas da Prata, Casa Branca, Espírito Santo do Pinhal, Estiva Gerbi, Itobi, Mogi Mirim, Mogi Guaçu, Pirassununga, Santo Antônio do Jardim, São João da Boa Vista e Vargem Grande do Sul. A emissora transmite regionalmente no canal aberto 47 UHF e no cabo canal 21 para a cidade de São João da Boa Vista

O enquadramento de câmera utilizado seria o frontal, nivelando a apresentadora ou entrevistados à câmera. Com relação aos planos, as „cabeças”⁵³ – participações da apresentadora – deveriam usar, preferencialmente, planos mais abertos como o geral ou o americano, de forma a facilitar a inserção dos ícones relativos à interatividade. Já durante a participação dos entrevistados e colaboradores haveria uma alternância entre closes e planos mais abertos, quando o cenário assim o permitisse⁵⁴.

5.3.2. Quadros

De onde vem

O primeiro quadro do Bom de Boca deveria contar a trajetória do principal ingrediente utilizado na receita tema do programa. No piloto, o „De onde vem” revelaria a origem do milho. Uma plantação do grão seria visitada, momento em que o seu produtor deveria contar aspectos da sua práxis com o cereal.

⁵³ A expressão „cabeça” é comumente utilizada no meio televisivo para indicar a participação do apresentador, âncora. Assim, na redação e *decupagem* de roteiros, seu texto e sua atuação são definidos como „cabeça”.

⁵⁴ O termo „enquadramento’ faz referencia ao local e modo de posicionamento da câmera durante as gravações. Ao determinar o enquadramento, define-se qual área aparece em cena e qual o ponto de vista de registro da ação. Já o „plano” diz respeito à proporção que os personagens/objetos são enquadrados. De forma geral tem-se o „plano geral” (mostra todos os elementos da cena), o „plano Americano” (focaliza as pessoas da cabeça a altura dos joelhos), e o „primeiro plano” (responsável por mostrar apenas a cabeça do personagem). O „close” traz detalhes em destaque (WOHLGEMUTH, 2005).



Figura 14 - Frames com a arte do quadro 'De onde vem?' e momentos da entrevista com o produtor rural Isaias Valim. Na imagem à esquerda ainda é possível observar a oferta de informação adicional sobre o alimento transgênico. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Teríamos aqui um momento agrícola, um olhar sobre o campo, sobre as especificidades da produção do ingrediente. A idéia seria possibilitar que o público espontâneo obtivesse novos ângulos do tema, e que os profissionais da educação pudessem trabalhar conteúdos como economia agrária, a sazonalidade do produto, o plantio, seu transporte, a manutenção do sistema, e, no caso do milho, as modificações genéticas do grão.

Zoom

Quadro construído a partir da colaboração de um nutricionista. O profissional deveria oferecer detalhes nutricionais sobre o ingrediente base da receita do dia. Assim, o Zoom acresceria novas informações ao público espontâneo e poderia servir como base e exemplificação para o trabalho docente e discente com temas da biologia e da química.

No Bom de Boca – piloto as discussões poderiam versar sobre a classificação dos alimentos, a importância dos minerais, vitaminas e fibras, a pirâmide alimentar, as dietas restritivas.

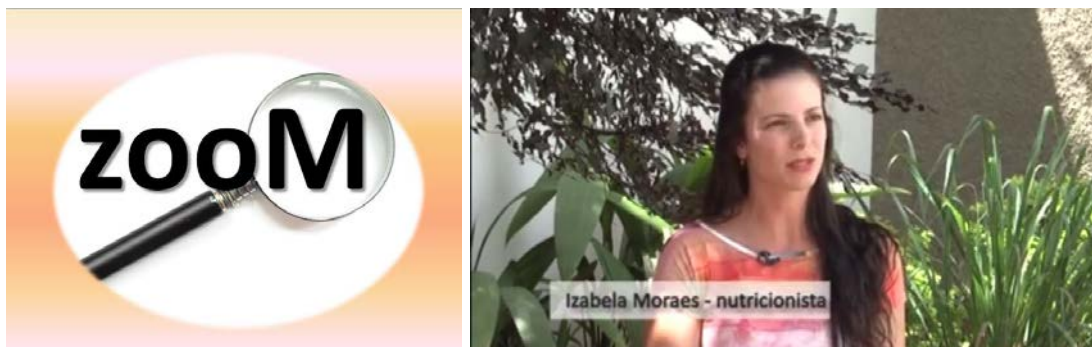


Figura 15 - Frame com a arte do quadro 'Zoom'. Ao lado, a gravação do quadro para o programa piloto com a nutricionista Izabela Moraes. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Caldeirão de histórias

Quadro de contextualização histórica da receita e/ou de seu ingrediente principal. Funcionaria como uma oportunidade de resgate das origens do consumo daquele alimento, daquela forma. Previa a participação de historiadores, sociólogos e antropólogos.

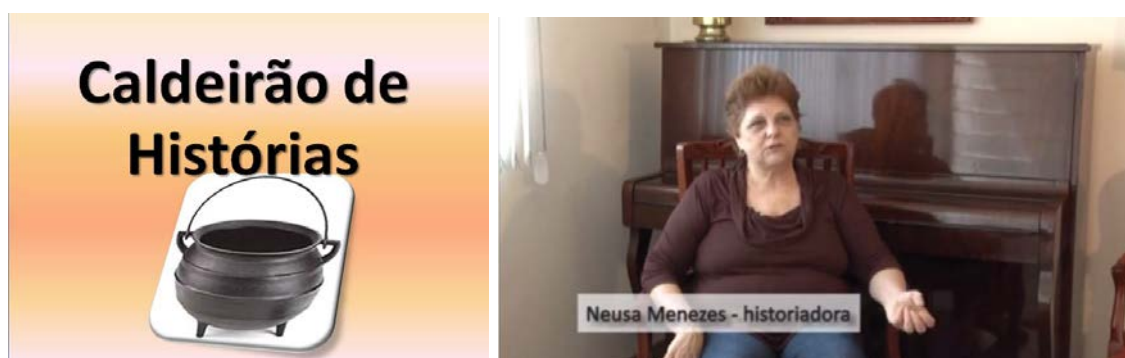


Figura 16 - Frame com a arte do quadro 'Caldeirão de Histórias' e momentos de participação da historiadora Neusa Menezes. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Para o programa piloto, o „Caldeirão de Histórias” construí-se a partir da participação da historiadora Neusa Menezes. Ela é a responsável por situar mundialmente a origem americana e indígena do cultivo do milho.

Acredita-se que o quadro possa ser usado como complemento ao ensino de conteúdos de história e geografia. No que se refere ao piloto, no ensino das antigas, andinas e indígenas; enriquecendo ou complementando as discussões sobre a cultura afro-americana.

Na sua boca

O quadro deve trazer a receita tema do programa, mas, mais que isso deve oferecer uma conversa com uma personagem relacionada à sua confecção. O „Na sua boca” oferece espaço para atores sociais geralmente esquecidos, embora responsáveis por toda uma práxis envolvendo o prato em questão.

No programa piloto o quadro apresenta, em destaque, duas personagens, amigas e „pamonheiras” que complementam a renda de casa com a venda da pamonha.

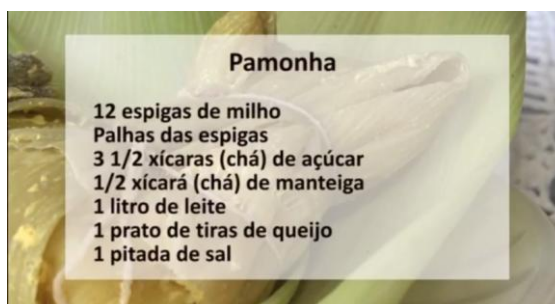




Figura 17 - Acima, frame da receita da pamonha. Abaixo, à esquerda, as pamonheiras. Ao lado, detalhe da preparação da pamonha. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Para o campo educacional o „Na sua boca” pode contribuir nas discussões dos temas transversais do ensino, tais como ética e pluralidade cultural.

Fala Galera

Embora sem uma vinheta de apresentação, o quadro deveria funcionar como um espaço com análises sintéticas da receita tema do programa. Seria ele a quase encerrar o programa.

Nas reuniões com o grupo de estudos, levantou-se que o mesmo deveria incluir a participação de estudantes e/ou professores, mostrando um ambiente escolar.

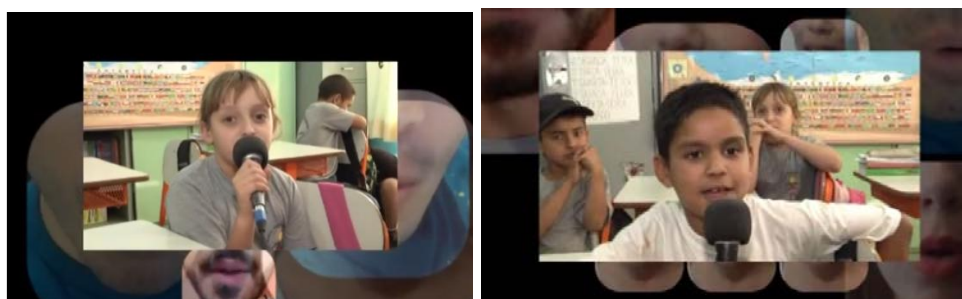


Figura 18 - Participações do 'Fala Galera' gravadas com alunos de 9 anos da rede municipal de ensino de São João da Boa Vista. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

No programa piloto, o „Fala galera“ foi gravado junto aos alunos do 2º. ano da EMEIF “Pedro Vaz de Lima”, de São João da Boa Vista.

Futuramente, a idéia é que o quadro cresça e funcione como „feedback“ do Bom de Boca a partir do trabalho de educadores em sala de aula. Um espaço para que o pessoal da escola possa mostrar projetos que tenha desenvolvido e sejam relacionados ao tema, sejam eles em forma de maquete, jogral ou produção de texto.

5.3.3. Quadros interativos ou Conteúdo adicional

O Bom de Boca aposta, a princípio numa interatividade local⁵⁵ e prevê o desenvolvimento de conteúdo interativo para esse formato. Contudo, pela falta de domínio da linguagem de programação utilizada pela TVDi e ,principalmente, pela falta da efetiva implantação dessa tecnologia, a opção feita para o programa foi a de uma interatividade simulada.

Sem formação alguma em ginga, o grupo de estudos apontou que os recursos (quadros, enquetes, curiosidades e outros pequenos VTs) de interatividade previstos durante o roteiro seriam produzidos, mas, não funcionariam de fato. De qualquer forma, serviriam de baliza e experimentação para exercícios futuros e possibilidades de novos trabalhos.

Assim, antes mesmo da abertura do programa o público assiste a uma mensagem de aviso de interatividade.

⁵⁵ A informação codificada em linguagem binária, em zeros e uns, pode ser compactada e enviada em forma de dados à casa dos telespectadores, juntamente com áudio e vídeo, mas em forma de aplicação interativa. Para que o público possa ter acesso a tal aplicação deve ter em casa um aparelho de TV com o middleware Ginga (adotado como Oficial pelo Sistema Brasileiro de TV Digital Terrestre) ou um conversor (set top box) com esse software instalado. Para outras informações sobre a interatividade local rever a seção 1.3. do primeiro capítulo desta tese.



Figura 19 - À esquerda, mensagem de aviso de interatividade. Ao lado, ícone de interatividade no canto superior da tela, durante a exibição do episódio. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Caso deseje interagir durante o Bom de Boca precisa assinalar essa vontade através de seu controle remoto – ação que deve ser repetida sempre que o ícone do Bom de Boca aparecer na tela, ofertando a possibilidade de expansão de conteúdo. Do contrário, vê apenas o conteúdo preparado para a versão analógica do programa.

Interatividade “Localização”

A idéia é de que o quadro traga conteúdo adicional sobre o local onde as gravações do programa foram feitas, oferecendo informações geográficas, históricas e sociais a cerca da locação.

Para o episódio da pamonha, o quadro de localização apresenta um breve panorama sobre a cidade de Águas da Prata, São Paulo.



Figura 20 - Registro do quadro interativo de localização. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Interatividade “Na ponta da Língua”

Momento utilizado para explicar a origem de uma expressão popular ou o significado de um termo mais complexo relacionado ao tema do programa, possibilitando a ampliação de vocabulário.

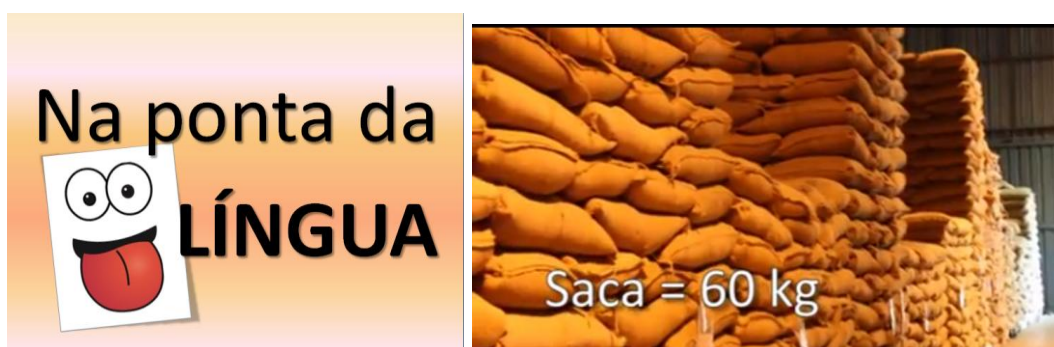


Figura 21 - Frames com a arte de abertura do quadro e um registro da explicação promovida pelo "Na ponta da língua". Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

No piloto, o quadro traz uma explicação para o uso da palavra „saca” na contagem da produção do milho. Aqui, além do potencial educativo do quadro para o ensino de linguagens, vê-se a possibilidade de trabalho com unidades de medidas, uma vez que „saca” é uma unidade de medida.

Interatividade “Está esperto?”

O quadro faz questionamentos a respeito de assuntos anteriormente pontuados pelo programa. Os testes apresentam múltipla escolha e, anunciados de forma lúdica, são um convite à participação, contribuindo com a interação da platéia. Para a PHC, funcionam como catarse daquilo que já foi visto e apreendido durante o episódio.



Figura 22 - Telas do quadro interativo "Está esperto?". A da esquerda apresenta todas as alternativas da questão, a da direita oferece a resposta correta. Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

No programa piloto foram elaboradas três questões sobre o milho. Depois da locução de cada pergunta, a resposta correta aparece na tela e simula a participação do público.

Interatividade “Da sua boca”

Espaço criado para que outros atores sociais diferentes daqueles mostrados durante a confecção da receita apresentem suas versões para o prato, ofereçam dicas ou opiniões. Mais uma vez, o quadro quer evidenciar o plural.

Para o episódio piloto foram gravadas dicas espontâneas, durante a captação das cabeças do programa.



Figura 23 - Registro de um dos personagens a dividir outras receitas de pamonha para o quadro interativo "Da sua boca". Programa piloto, Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

5.3.4 O roteiro

Peça base do audiovisual, o roteiro serve como guia para a produção de um programa, sendo fundamental não apenas na captação de imagens, mas na edição das mesmas.

A construção e re-construção do roteiro do primeiro episódio do “Bom de Boca”: “Olha a pamonha” foram obtidas a partir de uma adaptação entre o roteiro tradicional e o proposto por Angeluci (2010).

No Bom de Boca, experimentamos uma receita diferente, nem apenas duas colunas – como a versão original do roteiro audiovisual – nem quatro colunas, como o modelo sugerido pelo autor citado. Para o programa adotamos um modelo com três colunas. A da esquerda dedicada ao áudio; a coluna do meio voltada às informações de vídeo; e ao seu lado direito, uma coluna nova para descrição da interatividade.

O roteiro na íntegra, bem como a ficha de locução dos VTs e *offs*⁵⁶ utilizados no piloto podem ser analisados na seção de „Apêndice” desta tese. Recomendamos a leitura dos mesmos ou, ao menos, uma visita a referida parte do trabalho para a melhor compreensão da discussão a seguir.

⁵⁶ VT, termo utilizado para abreviar vídeotape. Embora o uso de tapes e vídeotapes tenha sido superado, a expressão ainda é utilizada no meio televisivo para denominar peças audiovisuais, vídeos. Já o termo “*off*” é empregado quando apenas a voz do apresentador/locutor aparece na peça, ficando sua imagem „*off line*”.

Roteiro e PHC

Durante toda a redação do roteiro e montagem do Bom de Boca estivemos atentos ao nosso objetivo principal: obter um cozido saboroso, mas nutritivo. Por isso, fizemos da PHC nossa „farinha“ base. Dessa forma, ao estabelecermos o eixo narrativo, íamos percorrendo as etapas descritas por Saviani (2009).

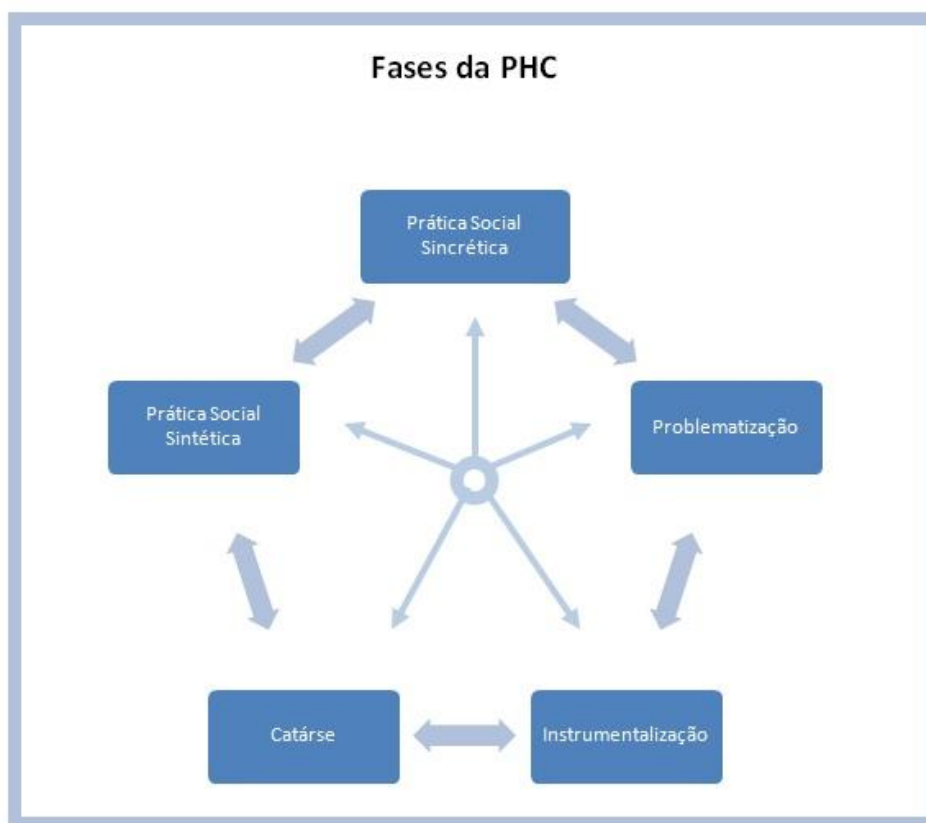


Figura 24 – Cópia da figura 6 apresentada anteriormente. Fases da Pedagogia Histórico-crítica. Criado a partir de Saviani (2010). Por Fabiana GIMENES.

Muito embora tais fases não sejam estanques e aconteçam de forma paralela, concomitante e não sequencial, de modo grosseiro, o Bom de Boca passeia por elas.

Logo depois da apresentação do tema do programa, as entrevistas espontâneas, realizadas na própria gravação das „cabeças“ do episódio, funcionam como ponto de partida jornada, exemplos de **prática social sincrética**.

A seguir, as intervenções da apresentadora, **problematizam** o assunto. Já a entrevista com a vendedora de pamonha, assim como os quadros “De onde vem?”, “Zoom” e “Na ponta da língua” funcionam enquanto **instrumentalização** sobre o tema. O mesmo pode ser percebido com os quadros “Na sua boca” e “Da sua boca”. Ambos contribuem com o enriquecimento social do assunto chave do programa, uma vez que apresentam a „práxis“ dos agentes cotidianos envolvidos com a receita apresentada.

Já o quadro “Está esperto?” seria momento de **catarse**, espaço de avaliação de conhecimentos já adquiridos/transmitidos anteriormente.

Por fim, o quadro “Fala galera”, já no finalzinho do programa, pode ser tomado como uma volta à **prática social** inicial, agora **sintética**.

5.3.5. Produção e Pós-Produção

Com o projeto formatado, roteiro definido, partiu-se para a produção do episódio piloto. Em meio a muitas reuniões e extensos fins de semana de trabalho, o Bom de Boca saiu do papel, ganhou vida.

As imagens e entrevistas utilizadas para o piloto foram realizadas a partir de uma parceria com a TV União, emissora na qual a mestranda atua. Foram disponibilizados bancos de imagem e equipamentos de captação e edição para a produção do primeiro episódio do programa.

Já o cinegrafista foi custeado pela mestranda, que arcou ainda com todos os custos de transporte da equipe e viabilização de produção das gravações.

Numa fase posterior à de captação foi feita a decupagem de todo o material e uma edição grosseira dos quadros e VTs que compõe o piloto. Seguiu-se, então, uma edição mais afinada do produto, com colocação de GCs e vinhetas, e, finalmente sua sonorização. Aqui merecem destaque as colaborações de colegas de trabalho que contribuíram com o Bom de Boca, alguns, atualmente membros do grupo de estudos.

Por fim, o material foi colocado em DVD, a partir de um *menu* que disponibiliza as versões analógicas e digitais do Bom de Boca, bem como seus quadros de interatividade.

Uma cópia do “Bom de Boca” foi colocada junto às páginas iniciais desta tese. Sirva-se à vontade.

PARTE III

“A LA CARTE”

“Entendo, pois, que o processo educativo é a passagem da desigualdade à igualdade.”

Demerval Saviani.
Escola e Democracia, 2009, p. 70.

Capítulo VI – SIRVA-SE À VONTADE

Mude o modo que você olha para as coisas, e as coisas
que você olha mudarão.

Wayne Dyer

Existe apenas um bem, o saber, e apenas um mal, a
ignorância.

Sócrates

6.1 Na mesa: degustação

Por a prova um prato novo, uma receita inédita, com tempero diferente - principalmente para quem acabou de ingressar no ambiente culinário - nem sempre é tarefa simples. Da mesma forma, colocar o Bom de Boca na bandeja, a espera da degustação, exigiu desprendimento e coragem, muito embora ele tenha nascido para o serviço da mesa: recheado de sabor e saber.

Para manter a coerência com os ingredientes utilizados no trabalho e com o próprio modo de preparo do produto, optou-se aqui por validar e avaliar o Bom de Boca – no método proposto pela Pedagogia Histórico Crítica – através do grupo de estudos criado por e para ele. Assim, juntos, professores, coordenadores, profissionais da comunicação e mestrandos partiram da síntese e obtiveram a síntese. Tanto do processo produtivo do fazer televisivo quanto do próprio conhecimento no assunto escolhido para o programa piloto. Como sobremesa, os envolvidos ainda reforçaram e ampliaram seus conhecimentos sobre a própria PHC.

De um sincretismo inicial sobre a realidade social do conteúdo trabalhado para a construção do programa, concluiu-se, com síntese, um novo pensamento sobre as questões levantadas inicialmente; houve incorporação de conteúdos, aquisição de um novo olhar, um novo saber.

Saber esse que entende que a própria construção do Bom de Boca e a criação do grupo de estudos são produtos sociais e históricos, nascidos num determinado momento, envoltos em determinada cultura. Não neutros, nem naturais.

Ao início do processo tudo era percebido como empírico, um tanto confuso. Agora, a mesma realidade passa a ser vista e compreendida em sua forma concreta, é entendida como fruto de plurideterminações: já não se apresenta como natural, mas histórica. O conteúdo empírico torna-se concreto (GASPARIN, 2012, p. 126).

Nesse aspecto, a avaliação do Bom de Boca é positiva, de obtenção e conquista de êxito. O exercício do quinto passo proposto por Saviani na PHC – ou seja, a volta à prática social – conduz todo o grupo de estudos, grupo avaliador, a uma nova proposta de ação a partir de tudo que foi vivenciado e aprendido.

Contudo, buscando oficializar a “catarse”, a avaliação propriamente dita do produto, e ao mesmo tempo alcançar o quinto passo proposto pelo método teorizado por Saviani, “a volta a pratica social modificada”, o Grupo de Estudos assistiu e discutiu de forma coletiva a versão final do Programa Piloto.

Foi realizada, então, uma conversa dirigida, e, na sequência, todos os membros do grupo, agora agente avaliador, respondeu a um questionário padrão semelhante ao proposto na Figura 25.

Questionário – Bom de Boca	
Cargo ocupado:	
Se professor, série em que ministra aulas:	Tipo de escola: () pública () particular
Tempo de profissão:	
1. Como você avalia a apresentação do programa? <input type="checkbox"/> muito boa <input type="checkbox"/> boa <input type="checkbox"/> regular <input type="checkbox"/> ruim <input type="checkbox"/> péssima	6. Você considera ter aprendido alguma coisa nova com o Bom de Boca? <input type="checkbox"/> com certeza <input type="checkbox"/> talvez <input type="checkbox"/> não
Observações e/ou sugestões: _____	Outras observações e/ou sugestões: _____
_____	_____
_____	_____

Questionário – Bom de Boca

2. Qual sua avaliação sobre a duração do Bom de Boca?

- muito boa boa
 regular ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões:

3. Quanto ao tema, você o considerou interessante e pertinente à formação/educação dos alunos/público? Em que nível?

- muito bom bom
 regular ruim
 péssimo

Observações e/ou sugestões:

4. Você conhece a Pedagogia Histórico-crítica? Se sim, consegue perceber proximidades entre o Bom de Boca e essa escola pedagógica? (Caso não conheça a PHC desconsidere a pergunta.)

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões:

5. Você usaria o Bom de Boca enquanto objeto de aprendizagem em suas aulas/e ou trabalho?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões:

7. Você assistiria outros episódios do Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões:

8. Que nota você daria ao Bom de Boca:

- 10 5
 9 4
 8 3
 7 2
 6 1 0

Observações e/ou sugestões: ___-

9. Gostaria de sugerir ou comentar sobre o programa, futuras edições e/ou sugerir usos didáticos para o mesmo?

Figura 25 - Questionário de Avaliação do episódio piloto do programa Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Os dados relativos às respostas obtidas pelo questionário foram tabelados e analisados na próxima seção, que apresenta ainda os principais pontos ressaltados durante a conversa posterior à exibição.

6.2 Sabores e saberes, sobre ajustes e notas

Visualizar a concretização das várias reuniões, assim como a transformação das discussões num produto audiovisual exigiu fôlego. Foi preciso olhar de forma crítica e, principalmente, histórica, o trabalho dos últimos meses. E nesse exercício, o grupo de estudos⁵⁷, eleito como grupo de avaliação, ressignificou o próprio trabalho, completando o quinto passo proposto pela Pedagogia Histórico-crítica, num „retorno a própria prática social“, agora ampliada, melhorada, modificada.

As análises feitas depois da exibição do piloto devem balizar correções e ajustes, mas funcionam, também, para mensurar acertos.

A partir do questionário base, elaborado com oito questões de múltipla escolha, tabulamos gráficos que podem auxiliar na discussão dos resultados.

Apresentação do Bom de Boca

A primeira pergunta do questionário buscou averiguar a aceitação do grupo a respeito da apresentação do piloto. Deveriam ser levados em consideração não apenas a atuação da apresentadora, mas a participação da mesma ao longo do episódio, assim como a apresentação geral do produto: as cores escolhidas para preencherem o episódio, os enquadramentos utilizados, as sequências e suas continuidades.

⁵⁷ O Grupo de Estudos Bom de Boca foi escolhido como platéia para avaliação do produto. Serão os integrantes deste grupo nossos “membros avaliadores”. Diverso, O Grupo Bom de Boca é composto em sua maioria por professoras, coordenadoras pedagógicas, psicopedagogas, estudantes de pedagogia e jornalistas, residentes em São João da Boa Vista, ligados ou não à Diretoria de Educação do Município. Todos têm entre 26 e 60 anos e mantêm alguma relação com a educação, seja ela formal ou informal. Para mais informações rever o item 5.2 deste trabalho, “Misturar e Mexer”, páginas 96 à 99.

De forma geral, a totalidade das respostas considerou a apresentação como „muito boa“.



Figura 26 - Gráfico com os percentuais das respostas da questão 01 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

As ressalvas feitas à apresentação geral do produto versaram sobre os tipos e tamanhos tipográficos utilizados como caracteres durante o programa. Houve ainda a sugestão de que a participação da apresentadora durante o quadro “Na sua boca” acontecesse também com o quadro “De onde vem?”. O mesmo ganharia mais vida e espaço.

Duração do Bom de Boca

A duração do episódio, mencionada na pergunta número 2 do questionário, foi avaliada, de forma geral, como adequada, mas, gerou debate.

Mais da metade da platéia considerou o tempo do programa, com a exibição de todos os seus quadros interativos, ideal. Para o restante do grupo, 40 por cento do total, a duração do programa mereceu a avaliação “boa”.

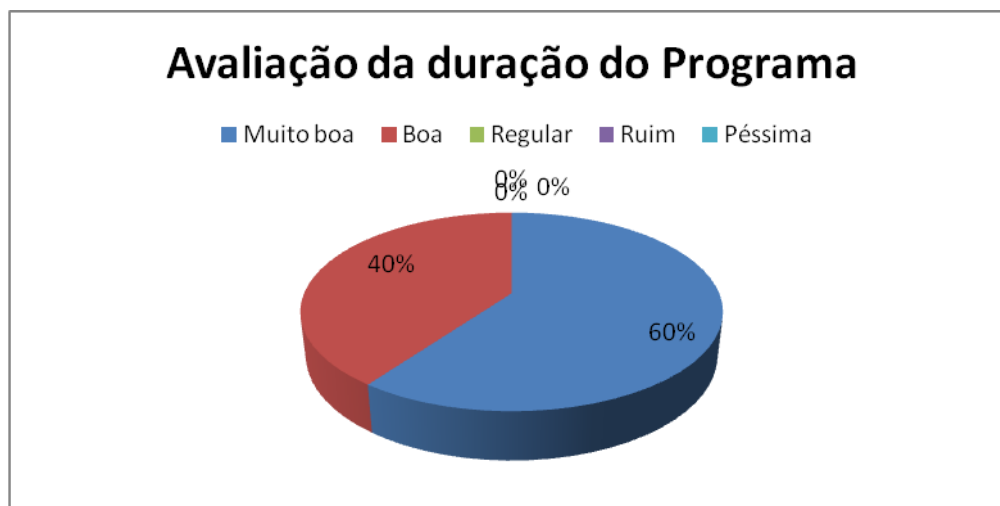


Figura 27 - Gráfico com os percentuais obtidos a partir das respostas da questão 02 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Como argumento para essa divergência, membros avaliadores apontaram a dificuldade de conservar a atenção dos alunos durante toda a exibição do programa, de pouco mais de 20 minutos. Já os demais profissionais observaram que, mesmo que a atenção da platéia fosse dispersa em algum momento, por serem estanques, facilmente isoláveis, e, mais curtos, os quadros poderiam ser trabalhados de forma mais focada, segundo a necessidade de cada público.

Interesse e pertinência à educação

O terceiro questionamento feito durante a avaliação buscava descobrir se o uso de um tema relativo à mesa e de uma estrutura conhecida pela culinária poderia ser interessante para a educação e/ou formação da platéia.

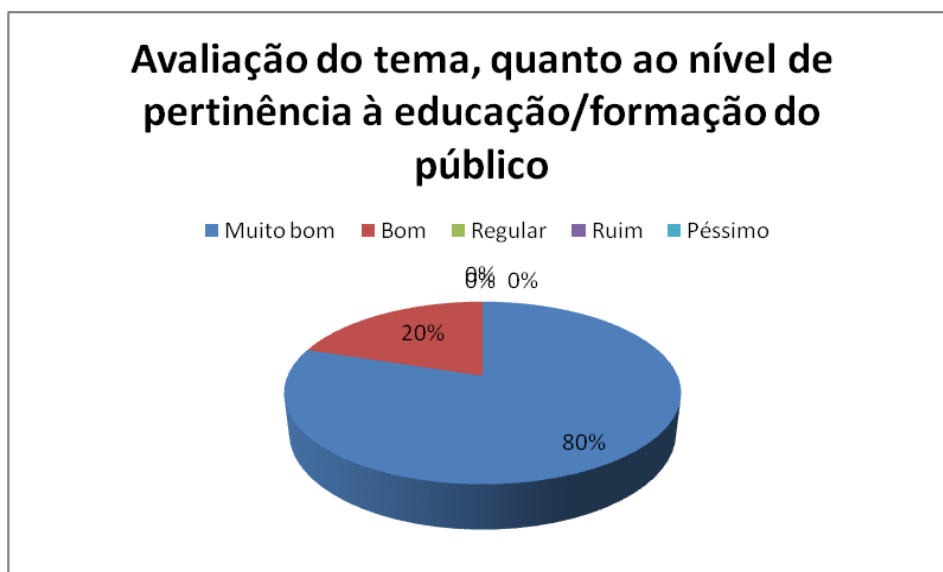


Figura 28 - Gráfico com os percentuais obtidos a partir das respostas da questão 03 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Pela Figura 28 observamos que „a pamonha“ e o seu universo foram considerados por 80% dos avaliadores como muito pertinentes à educação. Entre as observações feitas sobre essa escolha, uma delas apontou que o fato do tema fazer parte “da nossa história, estar na nossa cultura” enriqueceria as possibilidades educativas do mesmo.

O restante do grupo avaliou o nível de pertinência do tema do programa com a educação, „bom“.

Proximidade com a Pedagogia Histórico-crítica

Com as reuniões e os trabalhos desenvolvidos pelo grupo de estudo, mesmo os membros não relacionados ao ambiente pedagógico acabaram por estabelecer contato próximo com a Pedagogia histórico-crítica.

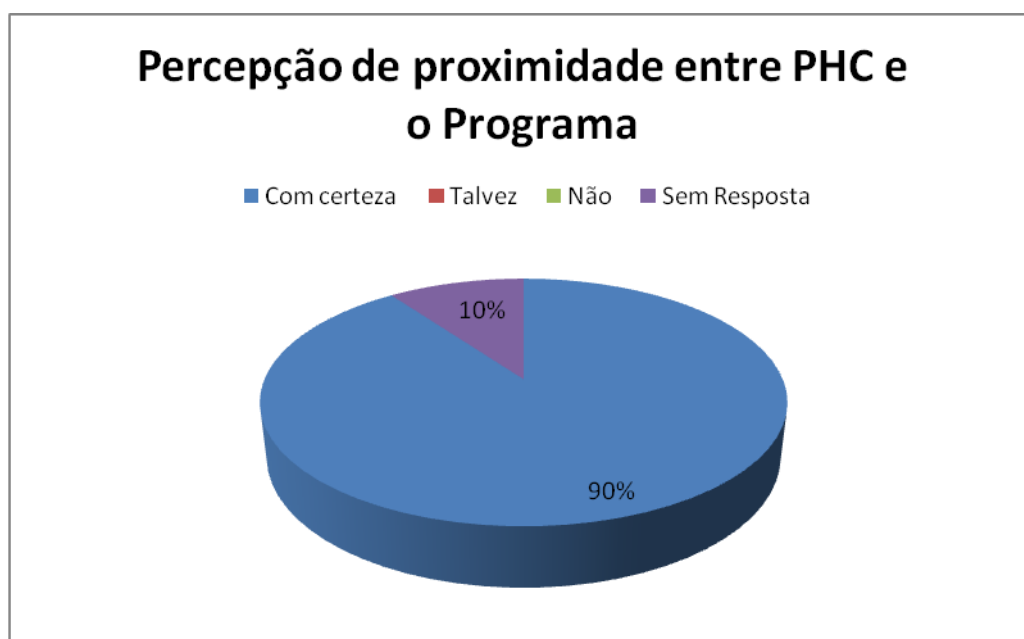


Figura 29 - Gráfico com os percentuais obtidos a partir das respostas da questão 04 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

As respostas obtidas pela questão 04 constataram esse novo conhecimento. Todas vislumbraram “com certeza” proximidades entre o episódio piloto, a estrutura do roteiro, os quadros, e a referida pedagogia.

Apenas um questionário⁵⁸ ficou sem a resposta da pergunta por desconhecimento teórico e prático a respeito da educação proposta por Saviani⁵⁹.

Usabilidade do Produto

⁵⁸ A distribuição de questionários para a avaliação do produto limitou-se ao número de integrantes do Grupo de Estudos Bom de Boca. Com dez membros efetivos, foram distribuídos e respondidos dez questionários de avaliação.

⁵⁹ Embora os integrantes do Grupo de Estudos Bom de Boca tenham algum tipo de relação com a educação, nem todos têm formação enquanto educadores, estando sua atuação educacional limitada à informalidade. O desconhecimento da teoria e prática de Saviani advém de um desses membros. Em conversa posterior a aplicação dos questionários, o mesmo argumentou que, embora tivesse recebido informações sobre a PHC através das reuniões do grupo, ainda não se sentia a vontade para se dizer „conhecedor“ de tal proposta teórica.

Constatada a proximidade entre o Bom de Boca e a PHC, gostaríamos então de descobrir se a mesma seria aplicável em sala de aula ou no trabalho. A idéia era verificar se o nosso cozido teria ficado realmente saboroso.

Sobre esse questionamento, a totalidade das respostas nos assegura que o produto teria uso certo.



Figura 30 - Gráfico com os percentuais obtidos a partir das respostas da questão 05 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Durante a discussão, o grupo concluiu ainda, que se aplicado ao ensino formal, para sua efetiva funcionalidade – considerando-se os próprios pressupostos da Pedagogia Histórico-crítica – deveria contar com a atuação/intervenção do professor, de forma a tornar-se mais efetivo.

Ocorrência de Aprendizado com o Programa

Com o sexto item do questionário base buscamos nos certificar de que mesmo os integrantes da platéia que não tinham relação com o universo escolar tivessem percebido um aprendizado, a ampliação do conhecimento inicial, a modificação do mesmo.



Figura 31 - Gráfico com os percentuais obtidos a partir das respostas da questão 06 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Como observado na Figura 31, tabulada a partir dos dados obtidos com a questão, a totalidade da platéia observou esse aprendizado, “com certeza”.

Verificação de manutenção de público

Uma peça audiovisual nasce para ser assistida. O Bom de Boca surgiu para ser visto, revisto, usado. Enquanto projeto ambicioso quer continuar. Existir em forma de temporadas que ao mostrar os mais diferentes pratos pode fornecer novos e mais saborosos, cheios de um novo saber. Por isso mesmo, o questionário proposto buscou avaliar a existência de um público para os episódios futuros.



Figura 32 - Gráfico com os percentuais obtidos a partir das respostas da questão 07 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Mais uma vez, a totalidade das respostas confirmou que estamos manipulando uma receita acertada, com futuro promissor. Cem por cento dos „avaliadores“ asseguraram „com certeza“ assistirem os próximos episódios do Bom de Boca.

Avaliação Geral

Para finalizar os questionamentos de múltipla escolha, pedimos ao grupo de avaliação que atribuísse ao Bom de Boca uma nota de 0 a 10.



Figura 33 - Gráfico com os percentuais obtidos a partir das respostas da questão 08 do questionário proposto para avaliação do episódio piloto do Bom de Boca. Por Fabiana GIMENES.

Numa visão geral, o programa passou de ano com nota azul. A média obtida com a soma das notas foi de 9,5.

Para 60% do público avaliador o Bom de Boca mereceu nota máxima. Outros 30% do total, deram ao episódio piloto nota nove, uma vez que o mesmo ainda precisa de alguns ajustes. Apenas 10% do grupo de avaliação concederam ao programa a nota oito.

Contudo, de forma geral, a análise do grupo foi de que a proposta do Bom de Boca é pioneira, e sua idéia, além de muito boa, oferece um número incontável de possibilidades.

Sugestões e comentários

A última pergunta do formulário abria espaço à realização de observações, sugestões e comentários sobre o programa.

Seria o momento de o grupo sintetizar tudo o que havia visto, caso essa síntese ainda não houvesse acontecido. E foi na partilha das respostas individuais que a discussão alcançou seu ápice de participação e coletividade.

As análises versaram sobre as possibilidades de aplicação do produto junto ao ensino formal, sobre o futuro da TV e a necessidade da oferta de produtos semelhantes ao Bom de Boca.

De forma geral, essa platéia de avaliadores concluiu que a existência de um produto já adequado a nova mídia televisiva e, principalmente, pensado segundo os preceitos da Pedagogia Histórico-crítica pode contribuir com a socialização do conhecimento, pode servir como porta de entrada a ele, convite.

O público composto por membros pedagógicos ressaltou a necessidade da oferta de conteúdo adicional ao programa, conteúdo este que pudesse ser utilizado como material de apoio ao profissional da educação, como guia de aproveitamento do produto.⁶⁰

Houve ainda sugestões de ampliação de alguns quadros como “De onde vem” que deveria mostrar também o plantio do milho, a preparação do campo; e o “Da sua boca” que poderia dedicar mais espaço a confecção da receita, e principalmente, à personagem que confecciona o prato.

Outro apontamento feito com aceitação de todo o grupo controle diz respeito à existência de um convite mais frequente e constante ao espaço do programa na internet. O grupo acredita que a visita ao site e aos conteúdos complementares e adicionais que serão disponibilizados neste espaço deve ser mencionada em outros momentos, além do encerramento do episódio.

Foram feitas, ainda, observações quanto ao tamanho e ao tipo dos caracteres utilizados ao longo do programa. O pedido é para que os mesmos sejam maiores e estejam em caixa alta, facilitando a aplicabilidade do produto junto às crianças em alfabetização.

Também foram feitas algumas sugestões para os próximos episódios do Bom de Boca. O chocolate apareceu como o mais constante entre as possibilidades de temas uma vez que atrairia com maior facilidade o interesse do público infantil.

⁶⁰ O site do programa na internet deve suprir essa lacuna. Pelo menos enquanto as aplicações de interatividade não são transformadas em programas, já que, no futuro, o conteúdo adicional, mesmo que em forma de texto, pode ser enviado ao telespectador junto com as informações de áudio e vídeo.

Também foram elencados: café, cana, sorvete, pizza, churrasco, leite, pão, feijão e feijoada. Embora óbvios, por estarem mais presentes no cotidiano do grande público, mereceriam um olhar diferenciado, ressignificado.

Por fim, membros mais entusiastas expressaram a vontade de que outras e novas aventuras do Bom de Boca entrem no forno e sejam servidos à degustação.

6.3 Repeteco?

Poder desfrutar de uma refeição saborosa e nutritiva sempre que se desejar ou se fizer necessário. É essa a possibilidade que a TV Digital em parceria com a convergência midiática deve permitir. Mas, enquanto a TVDi não está implantada, para garantir tal liberdade e ampliar o próprio cardápio da refeição, o Bom de Boca criou um espaço online, onde o público poderá ter “repeteco” dos programas e de seu conteúdo interativo quantas vezes achar necessário.

Fala-se em programas, porque com formato já constituído e fortificado pelo Grupo de Estudos, o Bom de Boca tende a transformar-se num produto real, que ultrapassa os muros da academia, ganhando novos episódios. Inicialmente o programa piloto será veiculado na TV União, emissora regional com sede em São João da Boa Vista, mas, a proposta é de que ele ganhe novos episódios.

A captação de recursos para essas produções ainda está em estudo, algumas leis de incentivo e outros editais de financiamento para produções audiovisuais estão em análise pelo próprio Grupo de Estudo, grande parceiro dessa “aventura gastronômica de conhecimento”.

Paralelamente a isso, a página do Bom de Boca na internet⁶¹, inicialmente configurada a partir de um blog deve permitir livre acesso ao conteúdo do programa, facilitando o manuseio pelo público e principalmente pelos educadores, transformando-o de forma efetiva em objeto de aprendizagem. A ideia é que cada programa apareça enriquecido com outros conteúdos e conteúdos expandidos. Ali será possível descobrir também estratégias e sugestões de atividades que

⁶¹ O blog mencionado pode ser acessado através do endereço: bomdebocatv.blogspot.com.br

fortifiquem o uso do programa, ou ainda, o uso de seus quadros e conteúdos adicionais. Além disso, enquanto a interatividade da TVD não estiver disponível, o blog se configura como canal de retorno, um espaço de comunicação possível, à medida que permite a inserção de comentários, a troca de e-mails e informações, aproximando o Bom de Boca da realidade de seu público e do seu público.

Além do blog, o canal do programa no Youtube complementa as ferramentas de interação entre o programa e o usuário, possibilitando, inclusive a produção de conteúdo audiovisual por parte deste último, e, o envio e compartilhamento de vídeos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

“O ponto de chegada do processo pedagógico na perspectiva histórico-crítica é o retorno à Prática Social.”

João Luis Gasparin. Uma didática para a Pedagogia Histórico-crítica.p. 139. 2011

Preparar o Bom de Boca foi antes de tudo uma experiência cognitivo-sensorial, de descobertas de novos sabores e saberes. De mudança de prática social e passagem de síncrese à síntese.

Foi apenas depois de conversas, longas orientações, algumas negativas, que o projeto acabou ganhando corpo. Inicialmente pensou-se na produção de um programa de culinária que recebesse entrevistados relacionados à determinada cultura gastronômica e, entre uma e outra receita, discutisse questões relacionadas a outros campos do conhecimento: o “Caldeirão do Saber”. O projeto foi amadurecendo e por uma questão de viabilidade acabou transformado numa grande reportagem, uma aventura a partir da comida, a paisagens distintas; narrativa e sem preconceitos. Mais fácil de ser executada e com menor duração. Surgia assim o “Bom de Boca”.

Essa mudança de rumo, sem sombra de dúvidas, demandou tempo, mas o processo quase a “banho Maria” foi responsável por engrossar o caldo do cozido. Leituras densas e a pesquisa bibliográfica do corpus deste trabalho acabaram então por acelerar tal cozimento, mas nos conduziram ao maior questionamento da pesquisa: seria possível mesmo colocar PHC e edutretenimento dentro da mesma panela?

A princípio, o que sentíamos era que o sabor não seria agradável. Abaixamos o fogo e nos demoramos – um pouco mais – no cozimento do Bom de Boca. Embora aparentemente antagônica à “leveza” e à “diversão” propostas pelo edutretenimento, a PHC abre espaço para o lúdico. Conforme estudávamos as fases da proposta teórica de Saviani íamos descobrindo brechas onde a aplicabilidade do edutretenimento poderia ser muito saborosa. Essa “receita” foi mostrada na segunda parte do trabalho, e “experimentada” em sua terceira seção, durante a validação do produto.

O coletivo, embora enriquecedor, oferece o desafio da obtenção de consenso. Trabalhar com uma equipe multidisciplinar, composta de membros antes não acostumados ao universo de produção audiovisual foi realmente desafiador. Por vezes foi necessário recomeçar, rever prioridades e, então, prosseguir com as

discussões. Contudo, foi a pluralidade de visões a responsável por conceder ao Bom de Boca um tempero único, com sabor de possibilidades.

Pequenos reparos num cozido que se propõe ter “sustança” ainda são necessários. Todas as observações levantadas pelo grupo de estudos serão consideradas e deverão estar contempladas numa reedição do programa piloto.

Contudo, audaciosos que somos, enxergamos o Bom de Boca – inspirado pela Pedagogia Histórico-crítica – como alternativa e via de acesso ao que Martín-Barbero classifica como “*concepção mais democrática e eficiente, isto é, criadora e produtiva*” (2000, p. 55), à medida que busca mostrar não apenas a cultura livresca, mas, principalmente aquela construída a partir do trabalho, no dia a dia, na transformação da natureza pelo homem. A idéia é promover conhecimento, e conhecimento na acepção da PHC, enquanto resultado do:

(...) **trabalho humano no processo histórico de transformação do mundo** e da sociedade, **através da reflexão sobre esse processo**. O conhecimento, portanto, como fato histórico e social supõe sempre continuidades, rupturas, reelaborações, reincorporações, permanências e avanços. (GASPARIN, 2012, p. 4).

Para tanto, o Bom de Boca, quando usado em sala de aula, necessita e muito da intervenção do professor. Ele deve ser discutido, questionado e utilizado de modo a fugir da função “ilustração” comumente assumida pelos filmes e reportagens utilizados na escola, ele deve servir à “reflexão”, a uma nova “construção”.

Ao se pautar pela Pedagogia Histórico-crítica e utilizar a teoria na sua própria construção enquanto peça audiovisual o Bom de Boca quer auxiliar no fortalecimento da consciência histórica, possibilidade de fuga da moda „retrô” que conduz à evasão das complexidades do hoje.

O Bom de Boca quer ser instrumento de mudança. Sabemos que os problemas enfrentados pela escola não serão solucionados com uma simples ajuda do tipo tecnológica. Principalmente porque, como aponta Martín-Barbero, o grande desafio do ambiente escolar é modificar seu modelo comunicativo pedagógico, ainda vertical na relação professor-aluno e linear-sequencial no aprendizado (2000); contudo, o Bom de Boca pode ser um começo.

Um começo ao oferecer uma estrutura não linear, ao promover a cultura audiovisual, tão aceita pela nova geração, ao oferecer oportunidade de democracia e democracia real.

Ao sugerir a visita ao canal do programa na internet, ao oferecer conteúdo adicional e interativo; ao assumir o formato do edutretenimento e, ao mesmo tempo, ainda retratar um modo por muito pouco não esquecido de se fazer pamonha, quase sem preocupações sanitárias, preservado dentro do núcleo familiar, cheio de oralidade e historicidade, o Bom de Boca une o hipertexto ao palimpsesto⁶². Buscando manter ambos.

Enquanto o tecido do palimpsesto nos põe em contato com a memória, com a pluralidade de tempos carregada, acumulada por qualquer texto, o hipertexto remete à enciclopédia, às possibilidades presentes de intertextualidade e intermedialidade, duplo e imbricado movimento que está exigindo que substituamos o lamento moralista por um projeto ético: o do fortalecimento da consciência histórica. (...) Só assumindo a tenacidade midiática como dimensão estratégica da cultura é que a escola poderá inserir-se de novo nos processos de mudança atravessados pela sociedade e interagir com os campos de experiência em que se processam essas mudanças (Martín-Barbero, 2000, p. 59).

Essa união ficará ainda mais evidenciada se o programa contar com a mediação do professor, como prevê e preconiza a Pedagogia Histórico-crítica. Esse profissional será capaz de ampliar a problematização iniciada pelo programa, ou de facilitar a instrumentalização de seus alunos, e ainda, comprovar de forma efetiva a obtenção de uma prática social ressignificada, diferente da inicial.

Mas, ainda que não utilizado pela educação formal, ainda que visto enquanto programa televisivo, o Bom de Boca, a partir de sua construção narrativa – por sua parte inspirada na PHC – possibilita uma reflexão sobre o fazer cotidiano. Cria a oportunidade de que a visão inicial, sobre o tema e a final, o ponto de partida e de chegada do interator/usuário a respeito do assunto abordado no programa (e seus mais diversos desdobramentos) embora ainda sejam iguais, constituam diferenças.

Além disso, ao utilizar como sua grande fonte parte da cultura oral e suas múltiplas memórias, sejam elas raciais, étnicas, locais e de gênero, assumindo,

⁶² O termo palimpsesto corresponde a um pergaminho antigo que teve seu texto apagado para ser reutilizado, e que, atualmente, graças ao avanço tecnológico tem sido passível de recuperação ("palimpsesto", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008-2013, Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/palimpsesto>. Acesso em 12 de dez. de 2013).

portanto, a diferença enquanto riqueza, o Bom de Boca quer promover o desenvolvimento do que Martín-Barbero chama de „gente livre“.

Gente livre significa gente capaz de saber ler a publicidade e entender para que serve, e não gente que deixa massagear o próprio cérebro; gente que seja capaz de distanciar-se da arte que está na moda, dos livros que estão na moda, gente que pense com sua cabeça e não com as idéias que circulam ao seu redor (2000, p. 60).

Gente capaz de ver na educação contextualizada historicamente e repleta de criticidade a melhor receita para transformar as relações sociais que impedem a construção de uma sociedade com equidade.

Retomando uma citação de Saviani (2011, p. 59), já utilizada neste trabalho:

A pedagogia revolucionária é crítica. E, por ser crítica, sabe-se condicionada. Longe de entender a educação como determinante principal das transformações sociais, reconhece ser ela elemento secundário e determinado. Entretanto, longe de pensar, como o faz a concepção crítico-reprodutivista, que a educação é determinada unidirecionalmente pela estrutura social, dissolvendo-se a sua especificidade, entende que a educação se relaciona dialeticamente com a sociedade. Nesse sentido, ainda que elemento determinado, não deixa de influenciar o elemento determinante. Ainda que secundário, nem por isso deixa de ser instrumento importante e por vezes decisivo no processo de transformação da sociedade.

Há ainda muitas e outras observações a acrescentar ao Bom de Boca, talvez seja necessário retemperá-lo, uma vez que esperamos que o mesmo consiga ser o mais nutritivo possível.

Mas, o fato é que durante seu preparo nos deliciamos com tantos e muitos sabores e saberes que recomendamos, sim, seu consumo e sem nenhuma parcimônia.

Bom apetite!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Vagner de. **Edutainment, a união entre educação e entretenimento**. Publicado em 26 de abril de 2013. Disponível em <http://porvir.org/porpensar/edutainment-uniao-entre-educacao-entretenimento/20130426>. Acesso em 08 de maio de 2013.

AMERICO, Marcos. **Propostas para Desenvolvimento de Conteúdos em Animação para o Ensino de Ciências**. 2010. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru.

AMERICO, Marcos & YONEZAWA, Wilson. **Edutreinamento: uma abordagem histórica e conceitual**. LECOTEC. II Simpósio de Comunicação, Tecnologia e Educação Cidadã 2009. 11 a 13 de novembro, Bauru-SP. FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.

AMON, Denise e MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e Cultura**, v.11, n. 1, jan/jun. 2008. pg. 13 a 21. Disponível em <http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/525.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2013.

ANGELUCI, Alan César Belo. **Produção de Conteúdos na Era Digital: a experiência do “Roteiro do Dia”**. 2010. 109f. Dissertação (Mestrado em Televisão Digital: Informação e Conhecimento) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Bauru, 2010.

ARAÚJO, Alessandra Naves; FACIOLI, Erick Renato Fogar e SCAVRONI, Joseane. **Uma Proposta de Edutreinamento: Projeto Educação por Esporte**. Revista Eletrônica de Educação e Ciência – REEC. Volume 02, Número 01. Março/2012. Páginas 67 – 76. ISSN 2237 – 3462. Disponível em http://www.fira.edu.br/revista/reec_vol2_num1_pag67.pdf. Acesso em 08 de abril de 2013.

ARAUJO, Danilo Alves. **A ludoeducação como estratégia de ensino da gramática normativa da Língua Portuguesa no Espaço Social Sete de Setembro, em Paulo Afonso - Bahia**. 2010. 74 f. Monografia (Licenciatura em Letras – Português e Inglês). Faculdade Sete de Setembro – FASETE. Paulo Afonso – BA. Disponível em http://200.255.167.162/pesquisa/pdf_monografias/letras/2010/5109.pdf. Acesso em 10 de abril de 2013.

BARBOSA, Sílvio Henrique Vieira. **Cidadania: A Educação que passa pela TV Brasileira**. Tese apresentada à área de Concentração: Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação, 2005. Disponível em: http://poseca.incubadora.fapesp.br/porta/bdtd/2006/2006-do-barbosa_silvio.pdf. Acesso em 10 de junho de 2013.

BATISTA, Cláudio Magalhães. Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. **Caderno Virtual de Turismo**. Vol. 5, N° 3, 2005. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/>. Acesso em 30 de abril de 2013.

BECKER, Valdecir & MONTEZ, Carlos. **TV Digital interativa: conceitos, desafios e perspectivas para o Brasil**. Florianópolis: I2TV, 2004a.

BELDA, Francisco Rolfsen. **Televisão Digital Educativa**. Modelagem de Conteúdos Interativos. Processo de Produção. Set. de 2010. Disponível em <http://tvdigitaleducativa.wordpress.com/processo-de-producao-de-conteudo/>. Acesso em 11 de dez. de 2013.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BEVILAQUA, Leire. Produção de conteúdo para televisão digital no Brasil: desafios e tendências. **CELACOM. XVI Colóquio Internacional da Escola Latino-Americana de Comunicação**. Unesp, Bauru, São Paulo. 08 a 10 de agosto de 2012. Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/celacom/anais/Trabalhos%20Completo/GT1-%20Pensar%20e%20Comunicar%20a%20Am%C3%A9rica%20Latina/96.Leire%20Bevilaqua%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20conte%C3%BDado%20para%20televis%C3%A3o%20digit.pdf/>. Acesso em 10 de dez. de 2013.

BIZELLI, José Luis; STIPP, Silvia Brandão Cuenca. Desafíos educativos para la construcción de la televisión digital interactiva universitaria. In: HEREDERO, Eladio Sebastián; BRIS, Mario Martín. (Orgs.). **La escuela de la sociedad del conocimiento. Perspectivas innovadoras en Brasil y España**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2011, v. 1, p. 79-91.

BIZELLI, José Luis; CARAM, Nirave Reigota. Ensino a Distância através da Televisão Digital: desafios e possibilidades. In: HEREDERO, Eladio Sebastián; BRIS, Mario Martín; VÁSQUEZ, Víctor Aguilera (Org.). **Reflexiones y realidades sobre Educación desde la perspectiva Iberoamericana**. Santillana: Santiago de Chile, p. 79-98, 2012.

BIZELLI, José Luis; MACHADO, Flávia Oliveira. A audiodescrição na TV digital brasileira: ações e não ações de uma política. In: MARTINS, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira; GIROTO, Claudia Regina Mosca; SOUZA, Claudio Benedito Gomide de. (Org.). **Diferentes Olhares sobre a Inclusão**. 1ªed. Marília: Oficina Universitária, 2013, v. 1, p. 181-209.

BIZELLI, José Luis; SANTOS, Patrícia Basseto. O papel dos games na construção de conteúdos midiáticos educativos. **Conexão – Comunicação e Cultura**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul (UCS), v. 10, p. 1-12, 2011.

BOLAÑO, César & VIEIRA, Vinícius Rodrigues. TV digital no Brasil e no mundo: estado da arte. In **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, vol. 6, num. 2. 2004. Disponível em <http://www.eptic.com.br>. Acesso em 26 de maio de 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL, **Decreto no. 4.901** [26 Nov. 2003]. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil/decreto/2003/D4901.htm. Acesso em 24 de junho de 2012.

BRASIL, **Decreto no. 5.820** [29 Jun. 2006]. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2004-2006/2006/Decreto/D5820.htm. Acesso em 24 de junho de 2012.

BRASIL, **Lei no. 9.394** [20 Dez. 1996]. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 08 de abril de 2013.

BRASIL, IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amstras de Domicílio 2009-2011. Síntese de Indicadores de 2011**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <ftp://ftp.ibge.gov.br/>. Acesso em 12 de dez. de 2013.

BRASIL, IBGE, 2011. **Pesquisa Nacional por amostra de domicílios 2011**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

BUCKINGHAM, David. Aprendizagem e Cultura Digital. **Revista Pátio**, Ano XI - Nº 44 - A escola multimídia - Novembro de 2007 à Janeiro de 2008. Editora Artmed. Disponível em: http://www.revistapatio.com.br/sumario_conteudo.aspx?id=596. Acesso em 14 de mar. de 2013.

BUENO, Osvaldo Ademir. **A Televisão Digital: uma história resumida**. 2010. Videocolor.com. Disponível em http://www.vcolor.com.br/nova/tv_digital.htm. Acesso em 14 de mar. de 2013.

BURKE, Peter. História como memória social. In: **Variiedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 67-89.

CANNITO, Newton Guimarães. **A TV 1.5 – A televisão na era digital**. 2009. 302f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CARDOSO, Ana Carolina. **Edutainment: uma Revisão de Conceitos e Definições**. Portal Educaonline. UFRJ. Documento eletrônico. 2009. Disponível em <http://www.latec.ufrj.br/educaonline/>. Acesso em 20 de abril de 2013.

CLAXTON, Mervyn. **Cultura y Desarrollo**. Estudio. Paris: UNESCO, 1994. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0009/000970/097070s.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**. Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1986.

COLACE, Francesco; DE SANTO, Massimo; PIETROSANTO, Alfredo e TROIANO, Alfredo. Work in Progress: Bayesian Networks for Edutainment. **Frontiers in Education Conference**, 36th Annual, p.13-14, 27-31 Oct. 2006. Disponível em: <http://ieeexplore.iee.org/stamp/stamp.jsp?arnumber=4117188&isnumber=4116830>. Acesso em 14 de mar. de 2013.

CRUZ, José Anderson Santos; MAGNONI, Maria da Graça Melo; BIZELLI, José Luis. Ensino Superior na Era Digital: O Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação na Pós-graduação meios e fins. Documento eletrônico publicado em 7 de setembro de 2013. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0175-1.pdf> Acesso em 21 de abril de 2013.

CRUZ, Renato. **A TV Digital no Brasil: tecnologia versus política**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008

DAVID, Camila Nascimento. Petrtv. **EDUTRETENIMENTO – O casamento perfeito entre entretenimento e educação**. Documento eletrônico publicado em 18 de abril de 2013. Disponível em <http://www.petrvtv.com.br/2013/04/edutretenimento-o-casamento-perfeito.html>. Acesso em 21 de abril de 2013.

DELLA FONTE, Sandra Soares. Fundamentos teóricos da pedagogia histórico-crítica. In: MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão (org). **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011

DELLA GIUSTINA, Adelina Padilha de Souza e SELAU, Mauricio da Silva. A culinária como patrimônio cultural imaterial. **Cadernos do CEOM** – Ano 23, n. 31 – Espaço de memória: abordagens e práticas. 2009. pg 45 a 67. Disponível em <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/535/357>. Acesso em 30 de abril de 2013.

DE LISLE, Jethro S. **Experiencing Entertainment-Education: The Influence of Transportation and Identification on Story-Consistent Beliefs and Attitudes**. Dissertação de Mestrado para obtenção de título de Master of Arts in Communication. Edward R. Murrow School of Communication – Washington State University, 2006.

DIAS, Juliana. A gastronomia na TV a cabo. Ardidias. **Malagueta News**. Publicado em 2011. Disponível em <http://www.malaguetaNews.com.br/ardidas/a-gastronomia-na-tv-a-cabo/>. Acesso em 09 de dez. de 2013.

DICIONÁRIO etimológico. **Dicionário Etimológico online**. 2012. Disponível em <http://www.dicionarioetimologico.com.br/>. Acesso em 10 de jul. de 2013.

DICIONÁRIO Michaelis. **Dicionário Michaelis online**. 2009. Disponível em: www.uol.com.br/michaelis. Acesso em 10 de jul. 2013.

DOMINGUES DA SILVA, Juliano. **A política da política de TV digital no Brasil: desenho institucional e judicialização do debate**. Intercom. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

DOS SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n.42, p.11-31, 2005, Editora UFPR. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewArticle/4643>. Acesso em 30 de abril de 2013.

DOS SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A comida como lugar de história: as dimensões do gosto. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n.54, p. 103-124, Editora UFPR, jan/jun 2011. Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewArticle/25760>. Acesso em 30 de abril de 2013.

DTV. Site Oficial da TV Digital. **História da TV Digital no Brasil. 2010**. Disponível em www.dtv.org.br/informacoes-tecnicas/historia-da-tv-digital-no-brasil/. Acesso em 13 de março de 2013.

“Entreter”, “entretenimento”. In. **Origem da palavra. Site de etimologia**. 2012. Disponível em <http://origemdapalavra.com.br/site/>. Acesso em 10 de jul. de 2013.

FEITOSA, Mônica Nascimento e SILVA, Sandra Siqueira da. **Patrimônio cultural imaterial e políticas públicas: os saberes da culinária regional como fator de desenvolvimento local**. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia – UFBA - Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011. Disponível em <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/>. Acesso em 30 de abril de 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio eletrônico: século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexicon Informática, 1998.

FERRETI, Stefano; MIRRI, Silva; SALOMONI, Paola. Transcoding in Online Rich-Media Edutainment: a Dynamic Approach Based on Context/Context Awareness. **Consumer Communications and Networking Conference**, 2007. CCNC 2007, 4th IEEE, p. 1078-1082, 11-13, Jan. 2007. Disponível em <http://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?arnumber=4199305&isnumber=4199088>. Acesso em 14 de mar. de 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5.ed.rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e Cultura Política**. Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 2ª. Ed. São Paulo, Cortez, 2001.

GOMES, Thiago e CARVALHO, Ana Amélia. **Jogos como ferramenta educativa: de que forma os jogos online podem trazer importantes contribuições para a aprendizagem.** Actas da Conferência ZON Digital games 2008, Universidade do Minho. Disponível em:

<http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/zondgames08/article/view/351/327>.

Acesso em: 18 de abril de 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vertice, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** DA SILVA, Tomaz Tadeu (org). Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2000.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa.** São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p. Documento eletrônico. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/15752456/A-Industria-Cultural-ADORNO>. Acesso em 18 de abril de 2013.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o Jogo como Elemento da Cultura.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

ITVBR. Engenharia de Sistemas. **Interatividade.** 2012. Disponível em: http://www.itvbr.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=86&Itemid=77&lang=en/. Acesso em 10 de março de 2013.

JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia.** 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1996.

KASHIMOTO, Emilia Mariko, MARINHO, Marcelo e RUSSEFF, Ivan. Cultura, Identidade e Desenvolvimento Local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. **Interações.** Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 3, n.4, p. 35-42, mar. 2002. Disponível em <http://anagrama.art.br/textos/livros/culturadesenvKASHIM.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2013.

MACIEL, Maria Eunice. Uma cozinha à brasileira. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, n. 33, janeiro-junho de 2004, p. 25-39. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2217/1356>. Acesso em 30 de abril de 2013.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão (org). **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos.** Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação,** Brasil, n. 18, p. 51-61, set. 2000. ISSN 2316-9125. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920/39642>>. Acesso em 13 de out. de 2013.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo, editora SENAC São Paulo, 2008.

MONTEIRO, Juliana Lima. **Jogo, Interatividade e Tecnologia: Uma Análise Pedagógica**. Trabalho apresentado aos Departamentos de Metodologia de Ensino e de Educação da Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia. Orientador: Prof^o. Ms. Eng. Leonardo Antonio Andrade. 2007. Disponível em: http://www.ies.ufscar.br/leoandrade/uploads/Docs/Monografias/Monografia_Juliana_Lima_Monteiro.pdf. Acesso em 02 de julho de 2009

MONTEZ, Carlos; BECKER, Valdecir. **TV Digital Interativa: Conceitos e Tecnologias**. In: WebMidia e LA-Web 2004 – Joint Conference. Ribeirão Preto, SP, Outubro de 2004.

MOORE, Michel; KEARSLEY, Greg. **Educação à distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MURRAY, Janet Horowitz. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Unesp, Itaú Cultural, 2007.

PEIXOTO, Madalena Guasco. Multiculturalismo: educação e miscigenação. p. 51-67. In FELDMANN, Maria Graziela (org.). **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

PEREIRA, Livia Cirne de Azevedo & BEZERRA, Ed Porto. **Televisão Digital: do Japão ao Brasil**. Revista do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Culturas Midiáticas – Ano I, n. 01 – jul./dez./2008. Disponível em: www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/cm/article/download/11628/6. Acesso em 14 de março de 2013.

PERISSÉ, Gabriel. **Palavras e origens**. 2ª. edição. São Paulo: Saraiva, 2010.

PETERS, Otto. **A educação à distância em transição**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

PORTO, Ed; CIRNE, Livia. **Mapeamento sobre a interatividade na TV Digital**. Ver. Estud. Comun., Curitiba, v.10, n.22, p. 169-178, mai/ago. 2009.

QUEIROGA, Alessandro. **O que é edutretenimento?**. Documento eletrônico: 2005. Disponível em <http://www.aqb.com.br/aqb/artigo.php?no=02>. Acesso em 05 de abril de 2013.

RYAN, Marie-Laure. **Narrative as virtual reality: immersion and interactivity in Literature and Electronic Media**. Baltimore / London: The Johns Hopkins University Press, 2001.

ROASIO, Joanna. Canais de televisão investem em programas gastronômicos. In **Rudge Ramos Jornal. Universidade Metodista de São Paulo**. Publicado em 19 de dez de 2012. Disponível em:

<http://www.metodista.br/rroonline./noticias/entretenimento/2012/10/canais-de-televisao-investem-em-programas-gastronomicos/>. Acesso em 09 de dez. 2013.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

RODRIGUES, Selma da Glória Guerreiro. A contemporaneidade da Gastronomia Ludovicense: (Cuxá) X Big Mac/Mac Donald na cultura, identidade e tradição. **Revista Cambiassu**. Publicação Científica do departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão – UFMA – São Luís – MA, Ano XVIII, no. 4 – jan/dez 2008. Disponível em http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2008/selma.pdf. Acesso em 30 de abril de 2013.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes. A comida como lugar de História: As dimensões do Gosto. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 54, Editora UFPR, p. 103-124, jan./jun. 2011.

SAVIANI, Demerval. A pedagogia histórico-crítica e a educação escolar. In: BERNARDO, Maristela Veloso Campos et al (Org.). **Pensando a educação: ensaios sobre a formação do professor e a política educacional**. São Paulo: UNESP, 1989. p. 23-33. Disponível em: boletimef.org/biblioteca/2883/artigo/Pedagogia-historico-critica-e-a-educacao-escolar.pdf. Acesso em 25 de abril de 2013.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 41. ed. revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SAVIANI, Demerval. Antecedentes, origem e desenvolvimento da pedagogia histórico-crítica. In: MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão (org). **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 12 ed. Campinas (SP); Autores Associados, 1996.

SAVIANI, Demerval, e DUARTE, Newton (orgs.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SINGHAL, Arvind; ROGERS, Everett. **Entertainment-Education: A communication Strategy for Social Change**. Lawrence Erlbaum Associates, Inc. Publishers. New Jersey, EUA: 1999. Disponível em: <http://books.google.com.br/>. Acesso em 10 de abril de 2013.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 71, julho de 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v21n71/a08v2171.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2013.

SOOD, Suruchi. Audience Involvement and Entertainment-Education. **Communication Theory**. Volume 12, Issue 2, May 2002. p. 153-172.

SOTIROVA, Kalina. **Edutainment Games – Homo Culturalis vs Homo Ludens**. Institute of Mathematics and Informatics, Bulgarian Academy of Science, 2004. Disponível em: http://www.math.bas.bg/~kalina/IS-2004-Sotirova_Serbia.pdf. Acesso em 05 de abril de 2013.

SOUZA, Maicon Ferreira; BIZELLI, José Luís. Televisão digital interativa na educação: desenvolvimento de um conteúdo complementar ao ensino. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v.7, n. 1, 2012.

TEMPASS, Martín César. Sobre a questão do Patrimônio Cultural: repensando princípios e fins. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. n. 35, ano 19, p. 133-144, 2006. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/504/474>. Acesso em 30 de abril de 2013.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Entretenimento: uma crítica aberta**. São Paulo: Senac São Paulo, 2003.

TUDO SOBRE TV. **A história da televisão: da sua invenção ao início da transmissão em cores**. Disponível em: tudosobretv.com.br. Acesso em 10 de março de 2013.

TUFTE, Thomas. El edu-entretenimiento: buscando estrategias comunicacionales contra la violencia y los conflictos. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 31, n. 1, 2008.

UNESCO. **Convención sobre la protección y promoción de la diversidad de las expresiones culturales**. Paris, UNESCO, 2005. Disponível em www.unesco.org. Acesso em 30 de abril de 2013.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 2003. Disponível em www.unesco.org. Acesso em 30 de abril de 2013.

VALINHO, Patrícia. **Edutainment: facilitação da aprendizagem?** Saber (e) Educar. n. 13. 2008. Disponível em: http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/154/SeE_13Edutainment.pdf. Acesso em 10 de abril de 2013.

VELTMAN, Kim. **Edutainment, Technotainment and Culture**. Civita Annual Report 2003, Florence: Giunti, 2004. Disponível em <http://www.mmi.unimaas.nl/people/Veltman/veltmanarticles/>. Acesso em 05 de abril de 2013.

WALLDÉN, Sari e SORONEN, Anne. **Edutainment. From Television and Computers to Digital Television**. University of Tampere Hypermedia Laboratory, 2004. Disponível em: <http://www.uta.fi/hyper/julkaisut/b/fitv03b.pdf>. Acesso em 16 de mar. de 2013.

WANG, Yan; ZUO, MingZhang; LI, XiangYong. Edutainment technology - a new starting point for educational development of China. **Frontiers in education conference - global engineering: knowledge without borders, opportunities without passports**, 2007. FIE 07. 37th annual, p.T1B-5-T1B-8, 10-13 Oct. 2007. Disponível em: <http://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?arnumber=4417994&isnumber=4417795>. Acesso em 16 de mar. de 2013.


WHITTAKER, Ron. Produção de Televisão. Um Tutorial sobre Produção em Estúdio e em Campo. Traduzido por Graça Barreiros. Colaboração de Fernando José Garcia Moreira. Documento eletrônico. 2002. Disponível em http://www.cybercollege.com/port/tpv_ind.htm/. Acesso em 11 de dezembro de 2013.


WOHLGEMUTH, Júlio. **Vídeo Educativo: uma pedagogia audiovisual**. Brasília: Senac-DF, 2005.


ZIN, Nor Azan Mat; NASIR, Nur Yuhanis Mohd. Evaluation of an Edutainment Animated Folktales Software to Motivate Socio-cultural Awareness among Children. **Convergence and Hybrid Information Technology**, 2008. ICCIT '08. Third International Conference on, vol.1, p.315-319, 11-13 Nov. 2008. Disponível em: <http://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?arnumber=4682044&isnumber=4681984>. Acesso em 16 de mar. de 2013.


APÊNDICES


A - Roteiro do Bom de Boca


BOM DE BOCA		
ROTEIRO EPISÓDIO PILOTO OLHA A PAMONHA!		 Fabiana Gimenes
AUDIO	VIDEO	INTERATIVIDADE
<p>(NARRAÇÃO EM OFF)</p> <p>O PROGRAMA QUE VOCE VAI ASSISTIR AGORA FOI PENSADO PARA A TV DIGITAL, E TEM CONTEÚDO INTERATIVO// SEMPRE QUE VOCE VIR ESTE ÍCONE, PODERÁ AJUDAR A CONSTRUIR O BOM DE BOCA, MODIFICANDO A ESTRUTURA DO ENREDO E PARTICIPANDO COM A GENTE//</p> <p>PARA OPTAR POR ESSE MODO INTERATIVO VOCE DEVE CLICAR AGORA SOBRE O LOGO DO BOM DE BOCA// USE O BOTÃO VERMELHO DO SEU CONTROLE REMOTO//</p> <p>E BOM APETITE///</p>	<p>TELA COM A LOGO DO PROGRAMA// TEXTO DO AUDIO EM GC//</p>	<p>(ATT: SE ÍCONE DO BOM DE BOCA FOR ATIVADO OS RECURSOS INTERATIVOS DO PROGRAMA DEVEM ESTAR DISPONIVEIS//)</p> <p>ICONE DO BOM DE BOCA INTERATIVO//</p>


BOM DE BOCA		
ROTEIRO EPISÓDIO PILOTO		
OLHA A PAMONHA!		Fabiana Gimenes
<p>== BLACK ==</p> <p>== (CABEÇA 01) APRESENTADORA INTRODUZ O TEMA DO PROGRAMA, A PAMONHA.</p> <p>== VINHETA DE ABERTURA DO PROGRAMA ==</p> <p>(ENTREVISTAS RAPIDAS ESPONTANEAS SOBRE A PAMONHA. IMPRESSÃO INICIAL DAS PESSOAS)</p> <p>== EF. DE TRANSIÇÃO ==</p> <p>== (CABEÇA 02) APRESENTADORA „LINKA“</p>		
	<p>== BLACK ==</p> <p>== CABEÇA 01 APRESENTADORA NO BOSQUE DE AGUAS DA PRATA. PLANO ABERTO. TERMINA COM CLOSE DA PAMONHA.</p> <p>== VINHETA DE ABERTURA DO PROGRAMA ==</p> <p>(COLAGEM COM ENTREVISTAS ESPONTANEAS – FALA POVO)</p>	


BOM DE BOCA		
ROTEIRO EPISÓDIO PILOTO OLHA A PAMONHA!		 Fabiana Gimenes
ENTREVISTAS COM A LOCAÇÃO – O BOSQUE DE AGUAS DA PRATA.	== EF. DE TRANSIÇÃO == == (CABEÇA 02) PLANO ABERTO. APRESENTADORA AO CENTRO.	
== OFF INTERATIVIDADE 01 ==	APARECE ICONE DE INTERATIVIDADE NO CANTO SUPERIOR DIREITO DA TELA VÊEM-SE IMAGENS DO COMERCIO ACQUO- PRATENSE, DE SUAS FONTES HIDROMINERAIS, DAS BARRAQUINHAS	== INTERATI VIDADE 01== LOCALIZA – ÇÃO. OFF COM INFOS

BOM DE BOCA		
ROTEIRO EPISÓDIO PILOTO		
OLHA A PAMONHA!		
		Fabiana Gimenes
<p>== ENTREVISTA COMERCIANTE DE PAMONHA</p> <p>== (CABEÇA 03)</p> <p>APRESENTADORA QUESTIONA O QUE A PAMONHA TEM, DE ONDE ELA VEM. PROBLEMATIZAÇÃO.</p> <p>== ENTREVISTA ESPONTANEA ==</p> <p>== OFF: DE ONDE VEM? ==</p> <p>OFF DE ONDE VEM + ENTREVISTA PRODUTOR</p>	<p>== ENTREVISTA</p> <p>GC: <u>PAMELA SANTOS - VENDEDORA</u></p> <p>INSERTS DA CONVERSA E DE CONSUMIDORES</p> <p>== CABEÇA 03</p> <p>APRESENTADORA COMENDO PAMONHA. PLANO AMERICANO MAIS FECHADO.</p> <p>== ENTREVISTA ESPONTANEA ==</p>	<p>RAPIDAS SOBRE O LOCAL DE GRAVAÇÃO DO PROGRAMA.</p>


BOM DE BOCA		
ROTEIRO EPISÓDIO PILOTO OLHA A PAMONHA!		 Fabiana Gimenes
RURAL (INSTRUMENTALIZAÇÃO)	== ARTE: DE ONDE VEM? == IMAGENS DE PAMONHA, MILHO E DA PLANTAÇÃO DO MILHO + IMAGENS DO PRODUTOR RURAL GC: <u>ISAIAS VALIM – PRODUTOR RURAL</u> IMAGENS DO SORGO + IMAGENS PLANTAÇÃO + IMAGENS DA COLHEITA. GC: TRANSGÊNICOS – QUADRO COM INFO ADICIONAL (BREVE EXPLICAÇÃO) GC: ICONE DE INTERATIVIDADE	
== EFEITO SONORO ENTRADA DO QUADRO INTERATIVO 02	== INTERATIVIDADE 02: NA	


BOM DE BOCA		
ROTEIRO EPISÓDIO PILOTO OLHA A PAMONHA!		 Fabiana Gimenes
==	PONTA DA LÍNGUA ==	
OFF INTERATIVIDADE 02	IMAGENS DE SACOS E SACOLAS DE DIFERENTES MATERIAIS E DE SACAS DE PRODUTOS AGRICOLAS. CAFÉ, FEIJÃO, MILHO. GC: <u>SACA = 60KG</u> == CABEÇA 04 PLANO AMERICANO, APRESENTADORA CAMINHA EM DIREÇÃO A CAMERA. == ARTE: ZOOM == NUTRICIONISTA SENTADA, FORA DO CONSULTORIO GC: <u>IZABELA MORAES – NUTRICIONISTA</u>	== INTERATI VIDADE 02 == NA PONTA DA LÍNGUA
== CABEÇA 04 APRESENTADORA CHAMA O QUADRO ZOOM == EFEITO SONORO DE ENTRADA DO QUADRO ZOOM == ENTREVISTA COM NUTRICIONISTA (INSTRUMENTALIZAÇÃO)		


BOM DE BOCA		
ROTEIRO EPISÓDIO PILOTO		
OLHA A PAMONHA!		Fabiana Gimenes
	INSERTS DE MILHO	
== CABEÇA 05	== CABEÇA 05	
APRESENTADORA RESSALTA BENEFÍCIOS DO MILHO E DÁ A DEIXA DO CALDEIRÃO DE HISTÓRIAS.	AINDA COMENDO PAMONHA, PLANO PROXIMO.	
== EFEITO SONORO: CALDEIRÃO DE HISTÓRIAS. TAMBORES.	== ARTE: CALDEIRÃO DE HISTÓRIAS.	
ENTREVISTA NEUSA MENEZES.	ENTREVISTA HISTORIADORA	
(INSTRUMENTALIZAÇÃO)	GC:NEUSA MENEZES – HISTORIADORA	
	INSERTS COM IMAGENS DAS CIVILIZAÇÕES ANDINAS.	
	GC: VOCE SABIA? QUADRO	


BOM DE BOCA		
ROTEIRO EPISÓDIO PILOTO		
OLHA A PAMONHA!		Fabiana Gimenes
	<p>COM INFO ADICIONAL SOBRE TIPOS DE MILHO.</p> <p>INSERTS DO CONSUMO DO MILHO PELOS INDIGENAS. DO ANGU.</p> <p>GC: ÍCONE INTERATIVIDADE</p> <p>== ARTE QUADRO INTERATIVIDADE 03: ESTÁ ESPERTO?</p> <p>TELAS APRESENTAM 3 QUESTÕES PARA O PÚBLICO RESPONDER:</p> <p><u>NUTRICIONALMENTE, O MILHO É UM ALIMENTO RICO EM: //</u></p> <p><u>() CARBOIDRATO//</u></p> <p><u>() PROTEINA//</u></p> <p><u>() LIPÍDEOS //</u></p>	
== EFEITO SONORO ENTRADA DO QUADRO INTERATIVIDADE 03 – ESTÁ ESPERTO?		

BOM DE BOCA		
ROTEIRO EPISÓDIO PILOTO OLHA A PAMONHA!		 Fabiana Gimenes
OFF ESTÁ ESPERTO.	<u>O MAIOR ESTADO</u> <u>PRODUTOR DE MILHO NO</u> <u>BRASIL É O://</u> <u>RIO DE JANEIRO//</u> <u>PARANA//</u> <u>AMAZONAS//</u> <u>O MILHO É UMA PLANTA</u> <u>NATIVA DA://</u> <u>() EUROPA//</u> <u>() AFRICA//</u> <u>() AMERICA//</u> == CABEÇA 06 GRAVADA EM MOVIMENTO, NA CASA DAS PERSONAGENS.	== INTERATI VIDADE 03 == ESTÁ ESPERTO? QUIZZ/JOGO DE PERGUNTAS PARA TESTAR CONHECIMEN TOS DO PUBLICO. (CATARSE)


BOM DE BOCA		
ROTEIRO EPISÓDIO PILOTO		
OLHA A PAMONHA!		Fabiana Gimenes
	IMAGENS DO LOCAL DE PRODUÇÃO DAS PAMONHEIRAS, IMAGENS DAS PERSONAGENS	
== CABEÇA 06	GCS: <u>ANA DUARTE JUSTINO</u> – <u>PAMONHEIRA</u>	
APRESENTADORA INTRODUZ AS DONAS DA ARTE, AS PAMONHEIRAS	<u>SONIA RUI SANCHES</u> – <u>PAMONHEIRA</u>	
== OFF NA SUA BOCA	ARTE: NA SUA BOCA	
+ ENTREVISTA PAMONHEIRAS	TELA FRISADA	
	GC:	
	<u>12 ESPIGAS DE MILHO</u>	
	<u>PALHAS DAS ESPIGAS.</u>	
	<u>3 1/2 XÍCARAS (CHÁ) DE AÇÚCAR</u>	
	<u>1/2 XÍCARA (CHÁ) DE MANTEIGA</u>	
	<u>1 LITRO DE LEITE</u>	

BOM DE BOCA	
ROTEIRO EPISÓDIO PILOTO OLHA A PAMONHA!	 Fabiana Gimenes
<p>== EFEITO SONORO QUADRO: NA SUA BOCA</p> <p>OFF DA RECEITA</p> <p>COM INGREDIENTES E MODO DE PREPARO</p>	<p><u>TIRINHAS DE QUEIJO</u> <u>BRANCO</u></p> <p><u>1 PITADA DE SAL</u></p> <p>IMAGENS DO MODO DE PREPARO ACOMPANHANDO A NARRAÇÃO</p> <p>CONVERSA PAMONHEIRA E PROVA DO PRATO</p> <p>GC: ICONE INTERATIVIDADE</p> <p>== ARTE INTERATIVIDADE 04==</p> <p>DA SUA BOCA</p> <p>COLAGEM DE PESSOAS COM DICAS DE RECEITAS</p>

BOM DE BOCA		
ROTEIRO EPISÓDIO PILOTO OLHA A PAMONHA!		 Fabiana Gimenes
== CONT. ENTREVISTA PAMONHEIRA E OFF NA SUA BOCA == EFEITO SONORO: QUADRO INTERATIVIDADE 04: DA SUA BOCA ENTREVISTAS ESPONTANEAS	== CABEÇA 07: ENCERRAMENTO PLANO AMERICANO GC: BOMDEBOCATV.BLOGSPOT. COM.BR == VINHETA DE ENCERRAMENTO ==	
== CABEÇA 07 ENCERRA EPISODIO,	== FALA GALERA ENTREVISTAS SOBRE O INGREDIENTE BASE DA RECEITA OU DA PROPRIA	== INTERATI

BOM DE BOCA		
ROTEIRO EPISÓDIO PILOTO OLHA A PAMONHA!		 Fabiana Gimenes
CONVIDA PARA O CANAL DA INTERNET, ANUNCIA O BOM DE BOCA DA PROXIMA SEMANA	RECEITA == VINHETA RETORNA == == GCS FINAIS ==	VIDADE 04 == DA SUA BOCA DICAS E RECEITAS DE OUTRAS PESSOAS SOBRE A PAMONHA
== VINHETA DE ENCERRAMENTO == == FALA GALERA == ENTREVISTAS COM ESTUDANTES. (SABER SINTETICO)		
== VINHETA RETORNA ==		


B - Roteiro/Ficha de Locução de VTs

BOM DE BOCA – PROGRAMA PILOTO	
OLHA A PAMONHA!	
ROTEIRO: FABIANA GIMENES	
Off abertura – Convite interatividade	
Narração: Biagione Neto	

O PROGRAMA QUE VOCE VAI ASSISTIR AGORA FOI PENSADO PARA A TV DIGITAL, E TEM CONTEÚDO INTERATIVO// SEMPRE QUE VOCE VIR ESTE ÍCONE, PODERÁ AJUDAR A CONSTRUIR O BOM DE BOCA, MODIFICANDO A ESTRUTURA DO ENREDO E PARTICIPANDO COM A GENTE//

PARA OPTAR POR ESSE MODO INTERATIVO VOCE DEVE CLICAR AGORA SOBRE O LOGO DO BOM DE BOCA// USE O BOTÃO VERMELHO DO SEU CONTROLE REMOTO// DO CONTRARIO APENAS AGUARDE, EM INSTANTES VOCE PODERÁ SABOREAR AS AVENTURAS DO BOM DE BOCA DA SEMANA//

BOM APETITE///


BOM DE BOCA – PROGRAMA PILOTO	
A PAMONHA	
ROTEIRO: FABIANA GIMENES	
OFF interatividade 01 – Localização	
Narração: Fabiana Gimenes	

ESTAMOS EM AGUAS DA PRATA, INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, QUASE MINAS GERAIS...

A CIDADE QUE JÁ FOI CONHECIDA COMO RAINHA DAS AGUAS E UTILIZADA COMO ROTEIRO


TURISTICO NOS TRATAMENTOS DE SAUDE COM AS FONTES TERMAIS, É HOJE LEMBRADA MESMO
PELO COMERCIO DO BOSQUE...

E PRINCIPALMENTE, PELA PAMONHA...//

BOM DE BOCA – PROGRAMA PILOTO	
A PAMONHA	
ROTEIRO: FABIANA GIMENES	
OFF De onde vem Narração: Bruno Lazzari	

(narração cômica para vinheta)

DE ONDE VEM....

BOM DE BOCA – PROGRAMA PILOTO	
A PAMONHA	
ROTEIRO: FABIANA GIMENES	
OFF De onde vem Narração: Fabiana Gimenes	

A PAMONHA VEM DO MILHO./ ESSA PLANTA COM CARA BRASILEIRA, VERDINHA E AMARELA... QUE É MESMO AMERICANA!//

SEU NOME CIENTIFICO É “ZEA MAYS”//

CULTIVADO EM GRANDE PARTE DO MUNDO ELE TAMBÉM É CHAMADO ABATI, AUATI E AVATI//

O MAIOR PRODUTOR MUNDIAL DE MILHO SÃO OS ESTADOS UNIDOS/ MAS O BRASIL TAMBÉM TEM BOA PRODUTIVIDADE DO GRAO, QUE CHEGA A SER EXPORTADO.// O DESTAQUE FICA PARA O ESTADO DO PARANÁ, RESPONSÁVEL POR CERCA DE 27 POR CENTO DA PRODUÇÃO NACIONAL//

== SOBE SONZINHO ==

CONSIDERADO UM DOS IMPULSORES DO NOSSO AGRONEGÓCIO, O MILHO TAMBÉM É UMA DAS CULTURAS MAIS COMUNS NA AGRICULTURA FAMILIAR BRASILEIRA, TANTO PARA A SUBSISTÊNCIA QUANTO PARA A VENDA LOCAL// É O CASO DO AGROPRODUTOR ISAIAS VALIM, QUE CULTIVA UMA ÁREA DE 5 HECTARES, NUMA PROPRIEDADE ENTRE SÃO JOÃO DA BOA VISTA E SANTO ANTONIO DO JARDIM, INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO.//

== ENTREVISTA == Arq. 402

Tcs. 0'10'' fabiana, aqui nós ... a ... muitos produtos 0'55''

Tcs. 2'43'' na nossa região ... a ... muito boa 2'55''

Tcs. 3'49'' e aqui vcs cultivaram o milho ... a ... transgenico 4'20''

*podemos colocar legenda do que é o milho transgenico

ISAIAS EXPLICA QUE O PLANTIO DE MILHO É FEITO TANTO NA CHAMADA "SAFRINHA" QUANTO NA SAFRA PRINCIPAL, OU SEJA, A SAFRA DE VERÃO//. NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL, O MÊS DE PLANTIO MAIS INDICADO GERALMENTE É SETEMBRO, MAS É COMUM ELE SER SEMEADO ATÉ NOVEMBRO, JÁ QUE ASSIM, O AGRICULTOR CONSEGUE DRIBLAR A QUANTIDADE DE CHUVA SOBRE O GRAO... GRANDE DIFICULDADE DA AGRICULTURA//


== ENTREVISTA == arq. 402

Tcs. 1'29'' esse milho é um milho ... a ... da lavoura 2'06''

Ou do 1'37'' esse ano o tempo ta nos ajudando ... a ... lavoura 2'06''

Ou do 3'02'' é uma delas ... a ...planta o milho 3'36''

A PRODUTIVIDADE MÉDIA VARIA ENTRE 250 E 350 SACAS POR ALQUEIRE.// NAS REGIÕES DE PRODUTIVIDADE RECORDE DO BRASIL, HÁ PRODUTORES QUE CHEGAM A ALCANÇAR 520 SACAS POR ALQUEIRE//

BOM DE BOCA – PROGRAMA PILOTO	
A PAMONHA	
ROTEIRO: FABIANA GIMENES	
OFF Na ponta da Língua – interativo	
Narração: Bruno Lazzari	

VOCE SABE PORQUE FALAMOS EM SACAS DE MILHO E NÃO EM SACOS?//


É QUE ENQUANTO A PALAVRA SACO SIGNIFICA UMA ESPECIE DE BOLSA FEITA DE PANO, COURO OU PAPEL, SEM ALÇAS,CLARO...//

A PALAVRA SACA CORRESPONDE A UMA UNIDADE DE MEDIDA DE PESO EQUIVALENTE A 60 QUILOGRAMAS/ ELA É UTILIZADA NO BRASIL PARA MEDIR GRÃOS//

A SACA TEM SEMPRE 60 QUILOS: DE CAFÉ, DE FEIJAO, DE MILHOOOOO...//


JÁ O SACO NÃO TEM UM PESO DEFINIDO! //

É UM SACO!/ SACOU???

BOM DE BOCA – PROGRAMA PILOTO	
A PAMONHA	
ROTEIRO: FABIANA GIMENES	
OFF Zoom - Vinheta Narração: Fabiana Gimenes	


(voz esticada)

ZOOOOOOOOOOOOOM//

BOM DE BOCA – PROGRAMA PILOTO	
A PAMONHA	
ROTEIRO: FABIANA GIMENES	
OFF Caldeirão de Histórias – vinheta Narração: Fabiana Gimenes	

(voz mais grave)

CALDEIRAAAAÃO DE HISTÓRIAS//

BOM DE BOCA – PROGRAMA PILOTO	
A PAMONHA	
ROTEIRO: FABIANA GIMENES	
OFF Está Espero? Interativo Narração: Bruno Lazzari	

ESTA ESPERTO???// ENTÃO RESPONDA RÁPIDO NOSSAS ENQUETES E TESTE SEUS CONHECIMENTOS:

//

NUTRICIONALMENTE, O MILHO É UM ALIMENTO RICO EM: //

() CARBOIDRATO//

() PROTEINA//

() LIPÍDEOS //

O MAIOR ESTADO PRODUTOR DE MILHO NO BRASIL É O://

RIO DE JANEIRO//

PARANA//


AMAZONAS//

O MILHO É UMA PLANTA NATIVA DA://

() EUROPA//

() AFRICA//

() AMERICA//


BOM DE BOCA – PROGRAMA PILOTO	
A PAMONHA	
ROTEIRO: FABIANA GIMENES	
OFF Na sua Boca Narração: Fabiana Gimenes	

(divertido)

NA

SUA

BOCA//

BOM DE BOCA – PROGRAMA PILOTO	
A PAMONHA	
ROTEIRO: FABIANA GIMENES	
OFF Na sua boca (entrevista + receita)	
Narração: Fabiana Gimenes	

TODA SEMANA A DONA ANA REUNE OS COLABORADORES E PREPARA CENTENAS DE PAMONHA PARA VENDER// NA CONFECCÃO DO QUITUTE VALE PEDIR AJUDA PRO CUMPADRE, PRO AMIGO E PRINCIPALMENTE PARA SÓCIA E VIZINHA, AMIGA DE DECADAS//

Arq. 135 tc. 0'03'' e quando ... A ... Sim 0'15''/

Tc. 0'24'' a gente foi crescendo ... A ... Tudo bem 1'32''//

Arq. 145 - tc. 0'03'' bom uma pamonha desse ... A ... Pamonha 0'45''

Arq. 135

Tc. 2'00'' essa palha ela fica assim ... A ... Não fica bom não rende 2'58''

Ou ate sal ... 3'06'' VERSÃO 1

VERSÃO 1: TARÃ... A PROSA ESTA BOA, MAS, COMO VOCES PERCEBERAM TA NA HORA DA RECITA//

VERSÃO 2: O CLIMA REALMENTE É UMA DELICIA... E, NA PROSA, A GENTE NEM SENTE O TEMPO PASSAR... PRINCIPALMENTE PORQUE DÁ PRA BELISCAR O TEMPO TODO... MAS CHEGA DE CONVERSA MOLE... TA NA HORA DA RECEITA//

== VINHETA== NA SUA BOCA

PAPEL E CANETA NA MÃO PRA NÃO PERDER NADA: VOCE VAI PRECISAR DE MILHO. NO MÍNIMO 12 ESPIGAS.

SEPARE TAMBÉM, AS PALHAS INTEIRAS DAS ESPIGAS DO MILHO.

3 1/2 XÍCARAS (CHÁ) DE AÇÚCAR

1/2 XÍCARA (CHÁ) DE MANTEIGA

1 LITRO DE LEITE

1 PRATO DE PEDACINHOS DE QUEIJO BRANCO

1 PITADA DE SAL

DESCASQUE E LIMPE AS ESPIGAS./ SEPARE A PALHA, HEIN.// O PRÓXIMO PASSO É RALAR O MILHO./ MISTURE O MILHO RALADO COM OS DEMAIS INGREDIENTES E MEXA ATÉ OBTER UM CREME GROSSO.//

FAÇA COPINHOS COM A PALHA RESERVADA, DOBRE AO MEIO, ENCHA COM A MISTURA, RECHEIE COM QUEIJO// DAÍ É SÓ AMARRAR COM UM BARBANTE OU COM TIRAS DA PRÓPRIA PALHA E LEVAVAS AO FOGO EM ÁGUA QUENTE.//


Arq. 135 - tc. 2'00'' essa palha ela fica assim ... a ... não fica bom não rende 2'58''

Ou ate sal ... 3'06''

Arq. 145 - Tc. 0'46'' vc tava me contando que o ponto... a ... cozida 1'06''

NO COMECINHO DA NOITE, DEPOIS DE TODO TRABALHO, DONA ANA E DONA SONIA FIZERAM QUESTÃO DE DIVIDIR O DOCE COM A GENTE... EITA HORA BOA... VONTADE DE IR EMBORA NUNCA MAIS... HUMMM...

SOBE SOM

BOM DE BOCA – PROGRAMA PILOTO	
A PAMONHA	
ROTEIRO: FABIANA GIMENES	
OFF Na sua boca (a receita)	
Narração: Fabiana Gimenes	

PAPEL E CANETA NA MÃO PRA NÃO PERDER NADA!!!

VOCE VAI PRECISAR DE MILHO. NO MÍNIMO 12 ESPIGAS.

SEPARE TAMBÉM, AS PALHAS INTEIRAS DAS ESPIGAS DO MILHO.

3 1/2 XÍCARAS (CHÁ) DE AÇÚCAR

1/2 XÍCARA (CHÁ) DE MANTEIGA


1 LITRO DE LEITE

1 PRATO DE PEDACINHOS DE QUEIJO BRANCO

1 PITADA DE SAL

DESCASQUE E LIMPE AS ESPIGAS./ SEPARE A PALHA, HEIN.// O PRÓXIMO PASSO É RALAR O MILHO./
MISTURE O MILHO RALADO COM OS DEMAIS INGREDIENTES E MEXA ATÉ OBTER UM CREME
GROSSO.//

FAÇA COPINHOS COM A PALHA RESERVADA, DOBRE AO MEIO, ENCHA COM A MISTURA, RECHEIE
COM QUEIJO// DAÍ É SÓ AMARRAR COM UM BARBANTE OU COM TIRAS DA PRÓPRIA PALHA.//

BOM DE BOCA – PROGRAMA PILOTO	
A PAMONHA	
ROTEIRO: FABIANA GIMENES	
OFF Da sua boca Narração: Fabiana Gimenes	

(locução divertida)

DA...

SUA ...

BOCA//

C- Questionários de Avaliação Preenchidos

Questionário -- Bom de BocaCargo ocupado: *Professora*

Se professor, série em que ministra aulas:

Tipo de escola: () pública () particular

Tempo de profissão:

1. Como você avalia a apresentação do programa?

- (X) muito boa () boa
 () regular () ruim
 () péssima

Observações e/ou sugestões: _____

6. Você considera ter aprendido alguma coisa nova com o Bom de Boca?

- (X) com certeza
 () talvez
 () não

Outras observações e/ou sugestões: _____

2. Qual sua avaliação sobre a duração do Bom de Boca?

- (X) muito boa () boa
 () regular () ruim
 () péssima

Observações e/ou sugestões: _____

7. Você assistiria outros episódios do Bom de Boca?

- (X) com certeza
 () talvez
 () não

Observações e/ou sugestões: _____

3. Quanto ao tema, você o considerou interessante e pertinente à formação/educação dos alunos/público?

- (X) muito boa () boa
 () regular () ruim
 () péssima

Observações e/ou sugestões: _____

8. Que nota você daria ao Bom de Boca:

- (X) 10 () 5
 () 9 () 4
 () 8 () 3
 () 7 () 2
 () 6 () 1 () 0

Observações e/ou sugestões: _____

4. Você conhece a Pedagogia Histórico-crítica? Se sim, consegue perceber proximidades entre o Bom de Boca e essa escola pedagógica? (Caso não conheça a PHC desconsidere a pergunta.)

- (X) com certeza
 () talvez
 () não

Observações e/ou sugestões: _____

9. Gostaria de sugerir ou comentar sobre o programa, futuras edições e/ou sugerir usos didáticos para o mesmo?

Opinião que o programa "Bom de Boca" fosse semanal, muito interessante, e com umas variação viriam desobrir vários momentos e aprenderiam mais.

5. Você usaria o Bom de Boca enquanto objeto de aprendizagem em suas aulas?

- (X) com certeza
 () talvez
 () não

Outras observações e/ou sugestões: _____

Questionário – Bom de BocaCargo ocupado: *Servidor público*

Se professor, série em que ministra aulas:

Tipo de escola: () pública () particular

Tempo de profissão: *3 anos e 8 meses*

1. Como você avalia a apresentação do programa?

- muito boa () boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

2. Qual sua avaliação sobre a duração do Bom de Boca?

- muito boa () boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

3. Quanto ao tema, você o considerou interessante e pertinente à formação/educação dos alunos/público?

- muito boa () boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

4. Você conhece a Pedagogia Histórico-crítica? Se sim, consegue perceber proximidades entre o Bom de Boca e essa escola pedagógica? (Caso não conheça a PHC desconsidere a pergunta.)

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões: _____

5. Você usaria o Bom de Boca enquanto objeto de aprendizagem em suas aulas?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões: _____

6. Você considera ter aprendido alguma coisa nova com o Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões: _____

7. Você assistiria outros episódios do Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões: _____

8. Que nota você daria ao Bom de Boca:

- 10 () 5
 9 () 4
 8 () 3
 7 () 2
 6 () 1 () 0

Observações e/ou sugestões: _____

9. Gostaria de sugerir ou comentar sobre o programa, futuras edições e/ou sugerir usos didáticos para o mesmo?

*Programa semanal
 vai do em sala de aula com
 o professor como mediador ou
 mesmo em casa com os pais
 no papel de mediadores.*

Questionário – Bom de Boca

Cargo ocupado: Professor.

Se professor, série em que ministra aulas:

Tipo de escola: pública () particular

Tempo de profissão: 6 anos

1. Como você avalia a apresentação do programa?

- muito boa () boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

6. Você considera ter aprendido alguma coisa nova com o Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões: _____

2. Qual sua avaliação sobre a duração do Bom de Boca?

- muito boa () boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: Como é

um piloto, precisa de alguns ajustes

7. Você assistiria outros episódios do Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões: _____

3. Quanto ao tema, você o considerou interessante e pertinente à formação/educação dos alunos/público?

- muito boa () boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

8. Que nota você daria ao Bom de Boca:

- 10 () 5
 9 () 4
 8 () 3
 7 () 2
 6 () 1 () 0

Observações e/ou sugestões: _____

4. Você conhece a Pedagogia Histórico-crítica? Se sim, consegue perceber proximidades entre o Bom de Boca e essa escola pedagógica? (Caso não conheça a PHC desconsidere a pergunta)

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões: _____

9. Gostaria de sugerir ou comentar sobre o programa, futuras edições e/ou sugerir usos didáticos para o mesmo?

Café São alimentos
chocolate que fazem
parte da
vida das
crianças que
churrasco
Feijão
Feijão/Feijoadinha
Pão

5. Você usaria o Bom de Boca enquanto objeto de aprendizagem em suas aulas?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões: Apresentar

do a tab de alguns momentos

intervindo de acordo com a

faixa etária.

Questionário -- Bom de Boca

Cargo ocupado: _____

Se professor, série em que ministra aulas: _____

Tipo de escola: () pública () particular

Tempo de profissão: _____

1. Como você avalia a apresentação do programa?

- muito boa () boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

2. Qual sua avaliação sobre a duração do Bom de Boca?

- muito boa () boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

3. Quanto ao tema, você o considerou interessante e pertinente à formação/educação dos alunos/público?

- muito boa () boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

4. Você conhece a Pedagogia Histórico-crítica? Se sim, consegue perceber proximidades entre o Bom de Boca e essa escola pedagógica? (Caso não conheça a PHC desconsidere a pergunta.)

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões: _____

5. Você usaria o Bom de Boca enquanto objeto de aprendizagem em suas aulas?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões: _____

6. Você considera ter aprendido alguma coisa nova com o Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões: _____

7. Você assistiria outros episódios do Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões: _____

8. Que nota você daria ao Bom de Boca:

- 10 () 5
 9 () 4
 8 () 3
 7 () 2
 6 () 1

Observações e/ou sugestões: _____

A resposta é muito boa. Só falta acrescentar os detalhes!

9. Gostaria de sugerir ou comentar sobre o programa, futuras edições e/ou sugerir usos didáticos para o mesmo?

Acredito que o momento da receita a conversa com a padroeira, a história, sua música, com mais histórias e mais dicas de culinária.

Questionário – Bom de Boca

Cargo ocupado: JORNALISTA

Se professor, série em que ministra aulas:

Tipo de escola: () pública () particular

Tempo de profissão: 8 ANOS

1. Como você avalia a apresentação do programa?

- muito boa () boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

6. Você considera ter aprendido alguma coisa nova com o Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões: _____

2. Qual sua avaliação sobre a duração do Bom de Boca?

- muito boa boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

7. Você assistiria outros episódios do Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões: _____

3. Quanto ao tema, você o considerou interessante e pertinente à formação/educação dos alunos/público?

- muito boa () boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

8. Que nota você daria ao Bom de Boca:

- 10 () 5
 9 () 4
 8 () 3
 7 () 2
 6 () 1 () 0

Observações e/ou sugestões: _____

4. Você conhece a Pedagogia Histórico-crítica? Se sim, consegue perceber proximidades entre o Bom de Boca e essa escola pedagógica? (Caso não conheça a PHC desconsidere a pergunta)

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões: _____

9. Gostaria de sugerir ou comentar sobre o programa, futuras edições e/ou sugerir usos didáticos para o mesmo?

O PROGRAMA DEVE FAZER
MAIS CONVITES AO SEU SITE
E OPERECER OUTROS
CONTEUDOS (TB AUDIOVISUAIS)
NESSA ESPAÇO.

5. Você usaria o Bom de Boca enquanto objeto de aprendizagem em suas aulas?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões: _____

QUADROS DO PROGRAMA
TB DEVEM APARECER ISOLADOS
NOMENCL. PT. A. PÚBLICO

Quadro 1 - Questionário de Avaliação Bom de Boca - Piloto

ROSA ALESSAN

CADA 1 DELES ISOLADAMENTE.

Questionário -- Bom de Boca

Cargo ocupado: *professor*

Se professor, série em que ministra aulas:

Tipo de escola: pública particular

Tempo de profissão: *13 anos*

1. Como você avalia a apresentação do programa?

- muito boa boa
 regular ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

6. Você considera ter aprendido alguma coisa nova com o Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões: _____

2. Qual sua avaliação sobre a duração do Bom de Boca?

- muito boa boa
 regular ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

7. Você assistiria outros episódios do Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões: _____

3. Quanto ao tema, você o considerou interessante e pertinente à formação/educação dos alunos/público?

- muito boa boa
 regular ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

8. Que nota você daria ao Bom de Boca:

- 10 5
 9 4
 8 3
 7 2
 6 1 0

Observações e/ou sugestões: _____

4. Você conhece a Pedagogia Histórico-crítica? Se sim, consegue perceber proximidades entre o Bom de Boca e essa escola pedagógica? (Caso não conheça a PHC desconsidere a pergunta.)

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões: _____

9. Gostaria de sugerir ou comentar sobre o programa, futuras edições e/ou sugerir usos didáticos para o mesmo?

*plantas do milho
 arroz/da terra
 separar entre as coisas*

5. Você usaria o Bom de Boca enquanto objeto de aprendizagem em suas aulas?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões: _____

Quadro 1 - Questionário de Avaliação Bom de Boca - Piloto

Questionário -- Bom de Boca

Cargo ocupado:

Se professor, série em que ministra aulas:

Tipo de escola: pública particular

Tempo de profissão:

1. Como você avalia a apresentação do programa?

- muito boa boa
 regular ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

6. Você considera ter aprendido alguma coisa nova com o Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões: _____

2. Qual sua avaliação sobre a duração do Bom de Boca?

- muito boa boa
 regular ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

7. Você assistiria outros episódios do Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões: _____

3. Quanto ao tema, você o considerou interessante e pertinente à formação/educação dos alunos/público?

- muito boa boa
 regular ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

8. Que nota você daria ao Bom de Boca:

- 10 5
 9 4
 8 3
 7 2
 6 1 0

Observações e/ou sugestões: *Porque precisa de ajuste, mas a ideia em geral é 10.*

4. Você conhece a Pedagogia Histórico-crítica? Se sim, consegue perceber proximidades entre o Bom de Boca e essa escola pedagógica? (Caso não conheça a PHC desconsidere a pergunta.)

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões: _____

9. Gostaria de sugerir ou comentar sobre o programa, futuras edições e/ou sugerir usos didáticos para o mesmo?

Mostrar como se planta as sementes, explicar qual o espaço entre as sementes e tempo de maturação. mostrar a higienização das mãos até o antibiótico antes de iniciar o trabalho da panelinha. Petrus maiores na blaca da espanta ou Pastão. mudar a colher qd o alimento qd está sendo trabalhado. Paratêis amex!!!

5. Você usaria o Bom de Boca enquanto objeto de aprendizagem em suas aulas?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões: _____

Quadro 1 - Questionário de Avaliação Bom de Boca - Piloto

Questionário – Bom de Boca

Cargo ocupado: Professora

Se professor, série em que ministra aulas: 2º ano Tipo de escola: pública () particular

Tempo de profissão: 7 anos

<p>1. Como você avalia a apresentação do programa?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> muito boa () boa <input type="checkbox"/> regular () ruim <input type="checkbox"/> péssima</p> <p>Observações e/ou sugestões: _____</p> <p>_____</p>	<p>6. Você considera ter aprendido alguma coisa nova com o Bom de Boca?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> com certeza <input type="checkbox"/> talvez <input type="checkbox"/> não</p> <p>Outras observações e/ou sugestões: _____</p> <p>_____</p>
<p>2. Qual sua avaliação sobre a duração do Bom de Boca?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> muito boa () boa <input type="checkbox"/> regular () ruim <input type="checkbox"/> péssima</p> <p>Observações e/ou sugestões: _____</p> <p>_____</p>	<p>7. Você assistiria outros episódios do Bom de Boca?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> com certeza <input type="checkbox"/> talvez <input type="checkbox"/> não</p> <p>Observações e/ou sugestões: _____</p> <p>_____</p>
<p>3. Quanto ao tema, você o considerou interessante e pertinente à formação/educação dos alunos/público?</p> <p><input type="checkbox"/> muito boa <input checked="" type="checkbox"/> boa <input type="checkbox"/> regular () ruim <input type="checkbox"/> péssima</p> <p>Observações e/ou sugestões: _____</p> <p>_____</p>	<p>8. Que nota você daria ao Bom de Boca:</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> 10 () 5 <input type="checkbox"/> 9 () 4 <input type="checkbox"/> 8 () 3 <input type="checkbox"/> 7 () 2 <input type="checkbox"/> 6 () 1 () 0</p> <p>Observações e/ou sugestões: _____</p> <p>_____</p>
<p>4. Você conhece a Pedagogia Histórico-crítica? Se sim, consegue perceber proximidades entre o Bom de Boca e essa escola pedagógica? (Caso não conheça a PHC desconsidere a pergunta.)</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> com certeza <input type="checkbox"/> talvez <input type="checkbox"/> não</p> <p>Observações e/ou sugestões: <u>é possível perceber os passos em cada pedaço do programa</u></p> <p>_____</p>	<p>9. Gostaria de sugerir ou comentar sobre o programa, futuras edições e/ou sugerir usos didáticos para o mesmo?</p> <p><u>- trazer alimentos que atraíam as crianças - CHOCOLATE</u> <u>- trazer no blog mais conteúdos sobre o milho, ou alimentos de programa.</u></p> <p>_____</p> <p>_____</p>
<p>5. Você usaria o Bom de Boca enquanto objeto de aprendizagem em suas aulas?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> com certeza <input type="checkbox"/> talvez <input type="checkbox"/> não</p> <p>Outras observações e/ou sugestões: _____</p> <p>_____</p>	<p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>

Quadro 1 - Questionário de Avaliação Bom de Boca - Piloto

Questionário -- Bom de Boca

Cargo ocupado: Fisioterapia

Se professor, série em que ministra aulas:

Tipo de escola: () pública () particular

Tempo de profissão: 7 anos

1. Como você avalia a apresentação do programa?

- () muito boa () boa
 () regular () ruim
 () péssima

Observações e/ou sugestões: _____

6. Você considera ter aprendido alguma coisa nova com o Bom de Boca?

- () com certeza
 () talvez
 () não

Outras observações e/ou sugestões: _____

2. Qual sua avaliação sobre a duração do Bom de Boca?

- () muito boa () boa
 () regular () ruim
 () péssima

Observações e/ou sugestões: _____

7. Você assistiria outros episódios do Bom de Boca?

- () com certeza
 () talvez
 () não

Observações e/ou sugestões: _____

3. Quanto ao tema, você o considerou interessante e pertinente à formação/educação dos alunos/público?

- () muito boa () boa
 () regular () ruim
 () péssima

Observações e/ou sugestões: _____

8. Que nota você daria ao Bom de Boca:

- () 10 () 5
 () 9 () 4
 () 8 () 3
 () 7 () 2
 () 6 () 1 () 0

Observações e/ou sugestões: _____

4. Você conhece a Pedagogia Histórico-crítica? Se sim, consegue perceber proximidades entre o Bom de Boca e essa escola pedagógica? (Caso não conheça a PHC desconsidere a pergunta)

- () com certeza
 () talvez
 () não

Observações e/ou sugestões: _____

9. Gostaria de sugerir ou comentar sobre o programa, futuras edições e/ou sugerir usos didáticos para o mesmo?

Sugestão: trazer alimentos que atraíam a atenção.
ex: chocolate.

5. Você usaria o Bom de Boca enquanto objeto de aprendizagem em suas aulas?

- () com certeza
 () talvez
 () não

Outras observações e/ou sugestões: _____

Questionário – Bom de Boca

Cargo ocupado:

Se professor, série em que ministra aulas:

Tipo de escola: pública () particular

Tempo de profissão:

1. Como você avalia a apresentação do programa?

- muito boa () boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: *diminuir quadros repetitivos (comendo) e mostrar como plantar o milho. tamanho de letra do questionário*

6. Você considera ter aprendido alguma coisa nova com o Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões: *higiene das mãos como é realizada*

2. Qual sua avaliação sobre a duração do Bom de Boca?

- muito boa () boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: _____

7. Você assistiria outros episódios do Bom de Boca?

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões: _____

3. Quanto ao tema, você o considerou interessante e pertinente à formação/educação dos alunos/público?

- muito boa () boa
 regular () ruim
 péssima

Observações e/ou sugestões: *o tema está na minha história, na minha cultura*

8. Que nota você daria ao Bom de Boca:

- () 10 () 5
 9 () 4
 8 () 3
 7 () 2
 6 () 1 () 0

Observações e/ou sugestões: _____

4. Você conhece a Pedagogia Histórico-crítica? Se sim, consegue perceber proximidades entre o Bom de Boca e essa escola pedagógica? (Caso não conheça a PHC desconsidere a pergunta.)

- com certeza
 talvez
 não

Observações e/ou sugestões: _____

9. Gostaria de sugerir ou comentar sobre o programa, futuras edições e/ou sugerir usos didáticos para o mesmo?

Questionamentos que devem ser colocados ou tipo de agenda como foi proposto.

5. Você usaria o Bom de Boca enquanto objeto de aprendizagem em suas aulas?

- com certeza
 talvez
 não

Outras observações e/ou sugestões: _____

Excelente!

Quadro 1 - Questionário de Avaliação Bom de Boca - Piloto

D - Listagem de Colaboradores

1. Grupo de Estudos Bom de Boca

Bruno Lazzari - jornalista

Carina Marcondes Romualdo – pedagoga

Carla Cristina Domingues – funcionária pública

Carolina Moraes Gimenes – pedagoga

Elmiza Maria Silva – diretora

Fabiana Gimenes – jornalista

Joselane Rodrigues – fisioterapeuta

Patrícia Campos - psicopedagoga

Rosa Helena Dias Moraes Gimenes – psicopedagoga

Sonia Kátia Sabiá – coordenadora pedagógica

2. Consultores e Participantes do Episódio Piloto

Alberto Abreu – gerente industrial

Ana Duarte Justino – pamonheira

Ariane Antonini Coloti – professora

Barbara Souza – estudante

Bruno Lazzari - produtor

Carmem Braz Falda – produtora executiva

Celestino Pereira Coelho – aposentado

César Augusto – editor de arte

Cristina Salgado – gerente de faturamento

Danilo Freitas – cinegrafista

Davis Carvalho - cinegrafista

Fernando Masili Giglio – editor de VT

Gleicele Azarias Rodrigues – estudante

Isaías Valim – produtor rural

Izabela Moraes - nutricionista

Jéssica Silva - secretária

João Vitor Rodrigues – estudante

José Donizete Cazaroto – pedreiro

Joselias Torres – zelador

Luis Ricardo – auxiliar contábil

Neusa Menezes – historiadora

Pamela Regina de Souza Santos – vendedora e estudante

Paulo Falda – diretor

Pedro Correia – estudante

Sonia Rui Sanches – pamonheira

Tadsio Coloti – gerente de vendas

Tereza Coelho – diarista

Thiessa Torres - produtora

ANEXOS

A - Autorização de Disponibilização de Trabalho

B - Currículo Lattes

Fabiana Cristina Gimenes Moraes

Curriculum Vitae

Dados pessoais

Nome Fabiana Cristina Gimenes Moraes
CPF 314.154.398-42

Formação acadêmica/titulação

- 2012** Mestrado Profissionalizante em Televisão Digital.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Sao Paulo, Brasil
Título: BOM DE BOCA: Educação e Cultura na Cozinha da TV Digital
Orientador: José Luis Bizelli
- 2001 - 2005** Graduação em comunicação social habilitação em jornalismo.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Sao Paulo, Brasil
Título: Nas Asas da Perseverança
Orientador: Maria Helena Gamas
Bolsista do(a): Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- Graduação interrompido(a) em turismo.
Universidade de São Paulo, USP, Sao Paulo, Brasil
Ano de interrupção: 2000
-

Formação complementar

- 2011** Aperfeiçoamento: Inglês Instrumental p/ Proeficiên.
Instituto Federal de São Paulo, IFSP, Sao Paulo, Brasil
- 2011** Extensão universitária em Educação para os Meios e os Fins: a Informação e o.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Sao Paulo, Brasil
- 2011 - 2011** Curso de curta duração em Produção Coletiva de Projetos em Arranjos Produtiv.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Sao Paulo, Brasil
- 2011 - 2011** Extensão universitária em Desenvolvimento de Projetos de Programas Educativo.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Sao Paulo, Brasil
- 2011 - 2011** Curso de curta duração em Curso Livre para Gestores de RH: Como Evitar Ações.
Escola Superior de Administração e Gestão, ESAGS, Brasil
- 2011 - 2011** Curso de curta duração em De Acordo com o Novo Acordo.
Escola Virtual - Fundação Bradesco, EV, Brasil
- 2011 - 2011** Curso de curta duração em Introdução ao E-Learning.
Escola Virtual - Fundação Bradesco, EV, Brasil
- 2011 - 2011** Curso de curta duração em Sustentabilidade no dia a dia: Orientações.
Fundação Getúlio Vargas Online, FGV ONLINE, Brasil

2011 - 2011	Curso de curta duração em Comportamentos de Excelência. Escola Superior de Administração e Gestão, ESAGS, Brasil
2011 - 2011	Curso de curta duração em Quiz - Falando e Escrevendo Melhor. Escola Superior de Administração e Gestão, ESAGS, Brasil
2011 - 2011	Curso de curta duração em Princípios do Design em Apresentações Eletrônicas. Escola Superior de Administração e Gestão, ESAGS, Brasil
2011 - 2011	Curso de curta duração em Formação de Líderes. Escola Superior de Administração e Gestão, ESAGS, Brasil
2011 - 2011	Curso de curta duração em Gestão do Tempo. Escola Superior de Administração e Gestão, ESAGS, Brasil
2011 - 2011	Curso de curta duração em Inclusão: Primeiros Passos. Escola Superior de Administração e Gestão, ESAGS, Brasil
2008 - 2008	Curso de curta duração em Adobe Premiere e Edição. TV UNIÃO - FUNDAÇÃO UNIÃO DE COMUNICAÇÃO, TVU, Brasil
2008 - 2008	Curso de curta duração em Adobe After Effects - Edição não-Linear. TV UNIÃO - FUNDAÇÃO UNIÃO DE COMUNICAÇÃO, TVU, Brasil
2008 - 2008	Curso de curta duração em Iniciando um Pequeno Grande Negócio. Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo, SEBRAE/SP, Sao Paulo, Brasil
2007 - 2007	Curso de curta duração em Saber Empreender - EMPRETEC. Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo, SEBRAE/SP, Sao Paulo, Brasil
2002 - 2004	Extensão universitária em Espanhol - nível intermediário. Centro Cultural PCAB - USP, PCAB - USP, Brasil
2001 - 2001	Extensão universitária em Espanhol - nível básico. Centro Cultural PCAB - USP, PCAB - USP, Brasil
1996 - 1996	Curso de curta duração em Técnicas de Estudo Memorização e Aprendizagem. CURSO TEMA, TEMA, Brasil
1996 - 1996	Curso de curta duração em IPD, MS-DOS, WINDOWS e WORD. Micro Line Informática, MICRO LINE, Brasil
1995 - 1995	Curso de curta duração em Sistema Operacional MS-DOS. Valcam Computação LTDA, VALCAM, Brasil

Atuação profissional

1. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP

Vínculo institucional

2012 - Atual Vínculo: Aluna Regular , Enquadramento funcional: aluna , Carga horária: 20, Regime: Parcial

2011 - 2012	Vínculo: Aluna Especial , Enquadramento funcional: aluna , Carga horária: 6, Regime: Parcial
2003 - 2004	Vínculo: aluna bolsista , Enquadramento funcional: bolsista
2001 - 2005	Vínculo: aluna , Enquadramento funcional: aluna , Carga horária: 24, Regime: Dedicção exclusiva

Atividades

02/2011 - Atual	Pesquisa e Desenvolvimento, Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação de Bauru <i>Linhas de pesquisa:</i> <i>Educação Assistida por Televisão Digital</i>
------------------------	--

2. TV UNIÃO - FUNDAÇÃO UNIÃO DE COMUNICAÇÃO - TVU

Vínculo institucional

2013 - Atual	Vínculo: Celetista , Enquadramento funcional: Produtora , Carga horária: 30, Regime: Parcial
2005 - Atual	Vínculo: empregatício , Enquadramento funcional: reporter, locutora, entrevistadora , Carga horária: 40, Regime: Integral

3. TimeCode produções Audiovisuais - TIMECODE

Vínculo institucional

2013 - 2013	Vínculo: Celetista , Enquadramento funcional: roteirista e produtora , Carga horária: 30, Regime: Parcial
2012 - 2012	Enquadramento funcional: roteirista e produtora , Carga horária: 30, Regime: Parcial

Linhas de pesquisa

1. Educação Assistida por Televisão Digital

Objetivos: Tem como objetivo o desenvolvimento de produtos e soluções voltados à educação assistida por televisão digital. Abordar as potencialidades da tecnologia disponível para a criação, melhoria e utilização de plataformas educacionais interativas. Investiga o fluxo e a transferência da informação em contextos educacionais, abordando a geração, veiculação e a construção de conhecimentos específicos, os processos de inovação tecnológica na produção e transmissão de conteúdos educativos por televisão digital e as tecnologias emergentes e convergentes na área.

Áreas de atuação

1. Comunicação
2. Radiodifusão
3. TV DIGITAL
4. Educação

Projetos

Projetos de pesquisa **2012 - Atual** BOM DE BOCA: Educação e Cultura na Cozinha da TV Digital

Descrição: Desde sua proposição no Brasil, a TV Digital Interativa apresenta enquanto suas finalidades: a promoção da inclusão social, da diversidade cultural, da democratização da informação, e da educação. Salientadas a importância e as possibilidades oferecidas pela TV Digital, o presente trabalho busca oferecer considerações e objetos de aprendizagem que possam facilitar a concretização de tais objetivos. Para tanto, propõe o desenvolvimento de um produto: uma peça audiovisual interativa, baseada em Edutretenimento e pautada pela Pedagogia Histórico-Crítica, que parte da descoberta dos sabores/saberes regionais, reconta a história de suas origens e dos sujeitos históricos envolvidos neste processo. A dissertação redigida de forma paralela a essa construção embasa toda a produção do programa piloto: Bom de Boca. PALAVRAS CHAVE: TV DIGITAL. EDUTRETENIMENTO. PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA. CULTURA. CULINÁRIA.

Situação: Em andamento Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Mestrado profissionalizante (1);

Integrantes: Fabiana Cristina Gimenes Moraes (Responsável); ; Jose Luis Bizelli

2003 - 2004 Apogeu e Declínio da Companhia Paulista de Estradas de Ferro

Descrição: Projeto de Iniciação Científica desenvolvido sob orientação do prof. doutor Célio José Losnak, com bolsa da Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (1);

Integrantes: Fabiana Cristina Gimenes Moraes (Responsável); ;

Financiador(es): Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo-FAPESP

Número de produções C,T & A: 1/

Idiomas

Inglês Compreende Bem , Fala Razoavelmente , Escreve Razoavelmente , Lê Bem

Espanhol Compreende Bem , Fala Bem , Escreve Bem , Lê Bem

Português Compreende Bem , Fala Bem , Escreve Bem , Lê Bem

Produção

Produção bibliográfica

Livros publicados

1. **GIMENES, Fabiana C. M.**, GIMENES, Carolina. M., SANTOS NETO, J. L.

Um horizonte chamado educação - perspectivas e caminhos. São Carlos : Pedro & João Editores,

2013 p.396.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788579931505

Livro publicado a partir da junção de vários pesquisadores da Educação, alguns, membros do GEPEC, da Faculdade de Educação da Ufscar. A obra tem na apresentação um texto de Manoel Nelito M. Nascimento.

Capítulos de livros publicados

1. GIMENES, Fabiana C. M., GIMENES, Carolina. M.

A Pedagogia Histórico-crítica, a TV Digital Interativa e as Possibilidades de Aplicação na Educação no Campo In: Um horizonte chamado educação - perspectivas e caminhos.1a. ed.São Carlos : Pedro & João Editores, 2013, p. 33-49.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788579931505, Home page: www.pedrojoaoeditores.com.br

Capítulo de publicação redigido em parceria com a pedagoga e mestranda Carolina Moraes Gimenes. Salienta as possibilidades da junção entre a TVDi e a PHC, na produção de conteúdos audiovisuais que podem auxiliar o trabalho do profissional de educação no campo.

2. GIMENES, Fabiana C. M., GIMENES, Carolina. M.

A TV Digital interativa, suas possibilidades de aplicação na Educação do Campo e a Pedagogia Histórico-crítica In: Anais do I Seminário internacional de Educação no Campo da Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB; II Seminário Estadual de Educação do campo (Bahia); III Seminário Educação do Campo no Recôncavo e Vale do Jiquiriça.1a. ed.Amargosa : UFRB, 2013, p. 110-.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio magnético, ISBN: 9788561346539, Home page: www.ufrb.edu.br

Artigo apresentado junto ao eixo 12 - Novas Tecnologias e a Educação no Campo, durante o I Seminário internacional de Educação no Campo da Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB; II Seminário Estadual de Educação do campo (Bahia); III Seminário Educação do Campo no Recôncavo e Vale do Jiquiriça e IV Encontro de Educação do Campo de Amargosa: "A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação". O evento ocorreu entre 4 e 6 de setembro de 2013, no município de Amargosa, Bahia.

3. GIMENES, Fabiana C. M., GIMENES, Carolina. M.

Caderno de Resumos do I Seminário Internacional de Educação no Campo In: A TV Digital Interativa, suas possibilidades de aplicação na Educação do Campo e a Pedagogia Histórico-crítica.1a. ed.Amargosa : UFRB, 2013, p. 70-70.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários, ISBN: 9788561346522

O resumo é parte do artigo apresentado durante o I Seminário internacional de Educação no Campo da Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB; II Seminário Estadual de Educação do campo (Bahia); III Seminário Educação do Campo no Recôncavo e Vale do Jiquiriça e IV Encontro de Educação do Campo de Amargosa: "A Educação dos Camponeses na América Latina: da subalternidade à emancipação". O evento foi realizado entre 4 e 6 de setembro de 2013, no município de Amargosa, Bahia.

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. GIMENES, Fabiana C. M., GIMENES, Carolina. M.

Anais do I Seminário internacional de Educação no Campo da Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB; II Seminário Estadual de Educação do campo (Bahia); III Seminário Educação do Campo no Recôncavo e Vale do Jiquiriça In: I Seminário Internacional de Educação no Campo da Universidade do Recôncavo da Bahia, 2013, Amargosa, BA.

Anais do I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB / II Seminário Estadual de Educação do Campo (Bahia) / II Seminário de Educação do Campo do Recôncavo e Vale do Jiquiriçá / IV Encontro de Educação do Campo de Amargosa. Amargosa, BA: UFRB, 2013. v.1. p.110 - 124

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários

O trabalho foi apresentado entre 04 e 06 de setembro de 2013, durante o referido Seminário.

2. GIMENES, Fabiana C. M., GIMENES, Carolina. M.

Caderno de Resumos do I Seminário Internacional de Educação do Campo In: I Seminário Internacional de Educação no Campo da Universidade do Recôncavo da Bahia, 2013, Amargosa, BA.

Caderno de Resumos do I seminário Internacional de Educação no Campo da Universidade do Recôncavo da Bahi. Amargosa, BA: UFRB, 2013. v.1. p.72 - 72

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários

O caderno de resumos pode ser acessado através do link: www.ufrb.edu.br/educampo/downloads/...internacional/.../download.

Apresentação de trabalho e palestra

1. **GIMENES, Fabiana C. M., GIMENES, Carolina. M.**

A TV Digital Interativa, suas possibilidades de aplicação na Educação do Campo e a Pedagogia Histórico-crítica, 2013. (Seminário, Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Trabalho apresentado II Seminário Estadual de Educação do Campo (Bahia): III Seminário de Educação do Campo do Recôncavo e Vale do Jiquiriçá: IV Encontro de Educação do. Campo de Amargosa: A Educação dos camponeses na América Latina, realizo entre os dias 04 e 06 de setembro de 2013.; Local: UFRB; Cidade: Amargosa, BA; Evento: II Seminário Estadual de Educação do Campo (Bahia): III Seminário de Educação do Campo do Recôncavo e Vale do Jiquiriçá: IV Encontro de Educação do. Campo de Amargosa.; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

2. **GIMENES, Fabiana C. M.**

BOM DE BOCA - A CONSTRUÇÃO DOS SABORES, 2013. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português.

Apresentação realizada junto aos alunos do curso de Graduação de. Licenciatura em Pedagogia sobre o processo de construção e produção do Bom de Boca, produto audiovisual educativo e interativo, embasado pelo Edutretenimento e pautado pela Pedagogia Histórico-crítica sobre a culinária enquanto cultura, para a TV Digital. Evento realizado em 28 de novembro de 2013.; Local: Unesp: Faculdade de Ciências; Cidade: Bauru; Evento: BOM DE BOCA - A CONSTRUÇÃO DOS SABORES; Inst.promotora/financiadora: Departamento de Pedagogia - Faculdade de Ciências

3. **GIMENES, Fabiana C. M.**

BOM DE BOCA: EDUCAÇÃO E CULTURA NA COZINHA DA TV DIGITAL, 2013. (Outra, Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português. . Home page: www.faac.unesp.br/#67,1313‏

Evento realizado em 23 de outubro de 2013.; Local: FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - UNESP; Cidade: Bauru; Evento: Colóquio de Mídia e Tecnologia; Inst.promotora/financiadora: Coordenadoria de Pós-Graduação em TVD - FAAC - UNESP

Produção técnica

Entrevistas, mesas redondas, programas e comentários na mídia

1. **GIMENES, Fabiana C. M., MAINETTI, M., MORAES, Marco**

São João Ideal - Educação e Novas Tecnologias, 2012

Referências adicionais : Brasil/Português.

A mesa-redonda fez parte de uma série especial de programas produzidos e veiculados pelo radio Jovem Pan de São João da Boa Vista - SP. O convite à participação do programa deu-se graças a atuação junto ao Programa de Pós Graduação em TV Digital - UNESP, Bauru - SP.

Produção artística/cultural

Artes Visuais

1. **TIMECODE, GIMENES, Fabiana C. M.**

Evento: **São João: Uma cidade... muitas histórias...**, 2007. País: Brasil. Instituição promotora: TIMECODE - TV UNIÃO. Tipo de evento: Outro.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio magnético

O Documentário foi distribuído à bibliotecas e instituições de ensino da cidade de São João da Boa Vista e vem sendo utilizado enquanto recurso pedagógico.

Outra produção artística/cultural

1. **GIMENES, Fabiana C. M.**

Evento: **Reportagens**, 2014. Local Evento: TV União - Fundação União de Comunicação - canal 47 UHF. Cidade do evento: São João da Boa Vista. País: Brasil. Instituição promotora: TV União - Fundação União de Comunicação. Duração: 4. Tipo de evento: Reportagens Jornalísticas.

Atividade dos autores: Roteiro/Entrevista. Data da estreia: 01/01/2014. Local da estreia: TV União - canal 47UHF ou 21 a cabo. Temporada: Anual.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

Reportagens diárias realizadas para o programa Jornal do Dia, veiculado pela TV União, emissora regional com sede em São João da Boa Vista, durante todo o ano de 2014.

2. **GIMENES, Fabiana C. M., LAZZARI, B.**

Evento: **Retrospectiva 2013**, 2014. Local Evento: TV União - Fundação União de Comunicação. Cidade do evento: São João da Boa Vista. País: Brasil. Instituição promotora: TV União - Fundação União de Comunicação. Duração: 60. Tipo de evento: Produção Audiovisual.

Atividade dos autores: Apresentação. Data da estreia: 11/01/2014. Local da estreia: TV União - canal 47UHF ou 21 a cabo.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

Grande Documentário contendo um levantamento sobre os principais fatos noticiosos da região de São João da Boa Vista - SP (area de 16 municípios com cobertura da TV União) durante o ano de 2013. Além da apresentação assino também a roteirização e produção do programa especial.

3. **GIMENES, Fabiana C. M.**

Evento: **Reportagens**, 2013. Local Evento: TV União - Fundação União de Comunicação - canal 47 UHF. Cidade do evento: São João da Boa Vista. País: Brasil. Instituição promotora: TV União - Fundação União de Comunicação - canal 47 UHF. Duração: 4. Tipo de evento: Reportagens Jornalísticas.

Atividade dos autores: Roteiro/Entrevista. Data da estreia: 01/01/2013. Local da estreia: TV União - canal 47UHF ou 21 a cabo. Temporada: Anual.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

Reportagens diárias realizadas para o programa Jornal do Dia, veiculado pela TV União, emissora regional com sede em São João da Boa Vista, durante todo o ano de 2013.

4. **GIMENES, Fabiana C. M., MAINETTI, M., TV UNIÃO - FUNDAÇÃO UNIÃO DE COMUNICAÇÃO**

Evento: **Retrospectiva 2012**, 2013. Local Evento: TV União - Fundação União de Comunicação. Cidade do evento: São João da Boa Vista. País: Brasil. Instituição promotora: TV União - Fundação União de Comunicação. Duração: 30. Tipo de evento: Produção Audiovisual.

Atividade dos autores: apresentação. Data da estreia: 11/01/2013. Local da estreia: TV União - canal 47UHF ou 21 a cabo.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Filme

Grande Documentário contendo um levantamento sobre os principais fatos noticiosos da região de São João da Boa Vista - SP (area de 16 municípios com cobertura da TV União) durante o ano de 2012. Além da apresentação assino também a roteirização do programa especial.

5. **GIMENES, Fabiana C. M., TIMECODE**

Evento: **São João Respira Cultura**, 2013. Local Evento: Avenida Dona Gertrudes, Praça Joaquim José, São Joao da Boa Vista. Cidade do evento: São João da Boa Vista. País: Brasil. Instituição promotora: TimeCode produções Audiovisuais. Duração: 4. Tipo de evento: Produção Audiovisual.

Atividade dos autores: produção. Data da estreia: 08/02/2013. Local da estreia: Praça Joaquim José, São Joao da Boa Vista.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Filme

Produção e roteirização de peça audiovisual sobre os atrativos culturais e turísticos de São Joao da Boa Vista - SP. O vídeo atualmente é utilizado para promoção/divulgação da cidade em eventos publicos e encontros regionais.

6. **GIMENES, Fabiana C. M., TV UNIÃO - FUNDAÇÃO UNIÃO DE COMUNICAÇÃO**

Evento: **Epic 2012 - Melhores Momentos**, 2012. Local Evento: TV União - Fundação União de Comunicação. Cidade do evento: São João da Boa Vista. País: Brasil. Instituição promotora: TV União - Fundação União de Comunicação. Duração: 30. Tipo de evento: Produção Audiovisual.

Atividade dos autores: apresentação. Data da estreia: 21/07/2012. Local da estreia: TV União - canal 47UHF ou 21 a cabo.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Filme

Programa Especial contendo os destaques da 39a. Exposição Agropecuária Industrial e Comercial de São Joao da Boa Vista - SP, a EAPIC, evento que recebe cobertura ao vivo da emissora. Além da apresentação, assino ainda a roteirização do programa especial.

7. **GIMENES, Fabiana C. M.**

Evento: **Reportagens**, 2012. Local Evento: TV União - Fundação União de Comunicação - canal 47 UHF. Cidade do evento: São João da Boa Vista. País: Brasil. Instituição promotora: TV União - Fundação União de Comunicação. Duração: 4. Tipo de evento: Reportagens Jornalísticas.

Atividade dos autores: Roteiro/Entrevista. Data da estreia: 01/01/2012. Local da estreia: TV União - canal 47UHF ou 21 a cabo. Temporada: Anual.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

Reportagens diárias realizadas para o programa Jornal do Dia, veiculado pela TV União, emissora regional com sede em São João da Boa Vista, durante todo o ano de 2012.

8. GIMENES, Fabiana C. M., MAINETTI, M., RISARDO, Giovana, TV UNIÃO - FUNDAÇÃO UNIÃO DE COMUNICAÇÃO

Evento: **Retrospectiva 2011**, 2012. Cidade do evento: São João da Boa Vista. País: Brasil. Instituição promotora: TV União - Fundação União de Comunicação. Duração: 45. Tipo de evento: Produção Audiovisual.

Atividade dos autores: apresentação. Data da estreia: 07/01/2012. Local da estreia: TV União - canal 47UHF ou 21 a cabo.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Filme

Grande Documentário contendo um levantamento sobre os principais fatos noticiosos da região de São João da Boa Vista - SP (area de 16 municípios com cobertura da TV União) durante o ano de 2011. Além da apresentação assino também a roteirização do programa especial.

9. GIMENES, Fabiana C. M., TV UNIÃO - FUNDAÇÃO UNIÃO DE COMUNICAÇÃO

Evento: **EAPIC 2011: Melhores Momentos**, 2011. Cidade do evento: São João da Boa Vista. País: Brasil. Instituição promotora: TV União - Fundação União de Comunicação. Duração: 30. Tipo de evento: Produção Audiovisual.

Atividade dos autores: apresentação.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Filme

Programa Especial contendo os destaques da 38a. Exposição Agropecuária Industrial e Comercial de São Joao da Boa Vista - SP, a EAPIC, evento que recebe cobertura ao vivo da emissora. Além da apresentação, assino ainda a roteirização do programa especial.

10. GIMENES, Fabiana C. M.

Evento: **Reportagens**, 2011. Local Evento: TV União - Fundação União de Comunicação - canal 47 UHF. Cidade do evento: São João da Boa Vista. País: Brasil. Instituição promotora: TV União - Fundação União de Comunicação. Duração: 4. Tipo de evento: Reportagens Jornalísticas.

Atividade dos autores: Roteiro/Entrevista. Data da estreia: 01/04/2011. Local da estreia: TV União - canal 47UHF ou 21 a cabo. Temporada: Anual.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

Reportagens diárias realizadas para o programa Jornal do Dia, veiculado pela TV União, emissora regional com sede em São João da Boa Vista, durante todo o ano de 2011.

11. GIMENES, Fabiana C. M., TV UNIÃO - FUNDAÇÃO UNIÃO DE COMUNICAÇÃO

Evento: **Romaria dos Cavaleiros de Santana - Melhores Momentos**, 2011. Local Evento: TV União - Fundação União de Comunicação. Cidade do evento: SAO JOAO DA BOA VISTA. País: Brasil. Instituição promotora: TV União - Fundação União de Comunicação. Duração: 120. Tipo de evento: Produção Audiovisual.

Atividade dos autores: apresentação. Data da estreia: 08/08/2011. Local da estreia: TV União - canal 47UHF ou 21 a cabo.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Filme

O programa foi apresentado "ao vivo" com os melhores momentos do evento: Romaria dos Cavaleiros de Santana - de Vargem Grande do Sul. Contou com a participação da Diretora do Depto de Cultura de Vargem Grande do Sul, do Chefe de Gabinete da mesma cidade e de locutores e comentaristas de rodeio regionais.

12. GIMENES, Fabiana C. M.

Evento: **TVU Notícia**, 2011. Cidade do evento: São João da Boa Vista. País: Brasil. Instituição promotora: TV União - Fundação União de Comunicação. Duração: 3. Tipo de evento: Programa Televisivo.

Atividade dos autores: apresentação.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

A produção e apresentação do referido programa começou a ser realizada em maio de 2011 e continua em realização.

13. GIMENES, Fabiana C. M., TV UNIÃO - FUNDAÇÃO UNIÃO DE COMUNICAÇÃO

Evento: **Jornal do Dia**, 2008. Cidade do evento: São João da Boa Vista. País: Brasil. Instituição promotora: TV União - Fundação União de Comunicação. Duração: 30. Tipo de evento: Programa Televisivo.

Atividade dos autores: apresentação.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

A produção e apresentação do telejornal diário da emissora TV União se deu de maneira efetiva entre agosto de 2008 e maio de 2009. Desde abril de 2011, a produção e apresentação do referido telejornal dá-se de maneira frequente.

14. GIMENES, Fabiana C. M., Gregório, Marcelo

Evento: **Jornal do Dia Especial: Retrospectiva 2008**, 2008. Cidade do evento: SAO JOAO DA BOA VISTA. País: Brasil. Instituição promotora: TV União - Fundação União de Comunicação. Duração: 50. Tipo de evento: Produção Audiovisual.

Atividade dos autores: apresentação.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

Responsável ainda pela idealização e pelo roteiro do referido programa.

15. GIMENES, Fabiana C. M., TIMECODE

Evento: **São João: uma cidade, muitas histórias**, 2007. Local Evento: TimeCode produções Audiovisuais. Cidade do evento: São João da Boa Vista. País: Brasil. Instituição promotora: TimeCode produções Audiovisuais. Duração: 120. Tipo de evento: Produção Audiovisual.

Atividade dos autores: roteiro. Data da estreia: 24/06/2007. Local da estreia: Sao Joao da Boa Vista.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Filme

Grande Documentário sobre a história de São João da Boa Vista, desde a sua fundação até os dias atuais.

Educação e Popularização de C&T

Capítulos de livros publicados

1. GIMENES, Fabiana C. M., GIMENES, Carolina. M.

A Pedagogia Histórico-crítica, a TV Digital Interativa e as Possibilidades de Aplicação na Educação no Campo In: Um horizonte chamado educação - perspectivas e caminhos. 1a. ed. São Carlos : Pedro & João Editores, 2013, p. 33-49.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788579931505, Home page: www.pedroejoaoeditores.com.br

Capítulo de publicação redigido em parceria com a pedagoga e mestrandia Carolina Moraes Gimenes. Salienta as possibilidades da junção entre a TVDi e a PHC, na produção de conteúdos audiovisuais que podem auxiliar o trabalho do profissional de educação no campo.

Apresentação de trabalho e palestra

1. GIMENES, Fabiana C. M.

BOM DE BOCA: EDUCAÇÃO E CULTURA NA COZINHA DA TV DIGITAL, 2013. (Outra, Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português. . Home page: www.faac.unesp.br/#67,1313‏

Evento realizado em 23 de outubro de 2013.; Local: FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - UNESP; Cidade: Bauru; Evento: Colóquio de Mídia e Tecnologia; Inst.promotora/financiadora: Coordenadoria de Pós-Graduação em TVD - FAAC - UNESP

Participação em eventos, congressos, exposições, feiras e olimpíadas

1. I Seminário Internacional de Educação no Campo, 2013. (Seminário)

A TV Digital Interativa, suas possibilidades de aplicação na Educação do Campo e a Pedagogia Histórico-crítica.

2. II SEMINARIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2013. (Seminário)

Pedagogia Histórico-crítica, a TV Digital Interativa e as Possibilidades de Aplicação na Educação no Campo.

3. **Mesa-redonda: A transição da TV Pública na era digital**, 2013. (Outra)

.

4. **XVI Semana da Educação de São Joao da Boa Vista**, 2012. (Outra)

.

Demais trabalhos

1. **GIMENES, Fabiana C. M.**, PADOVAN, Roberta, ALVES, Patrícia, AVELINO, R., MAGNONI, Maria da Graça Mello **Educativa**, 2012.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Filme

Eventos

Eventos

Participação em eventos

1. **I Seminário Internacional de Educação no Campo**, 2013. (Seminário)

A TV Digital Interativa, suas possibilidades de aplicação na Educação do Campo e a Pedagogia Histórico-crítica.

2. **II SEMINARIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO**, 2013. (Seminário)

Pedagogia Histórico-crítica, a TV Digital Interativa e as Possibilidades de Aplicação na Educação no Campo.

3. **XVII Semana da Educação de São João da Boa Vista**, 2013. (Outra)

.

4. **IV Jornada de Educação Especial do Campo**, 2013. (Outra)

.

5. **Oficina: Desenvolvimento de produtos de software: como começar?**, 2013. (Oficina)

.

6. **Mesa-redonda: A transição da TV Pública na era digital**, 2013. (Outra)

.

7. **XVI Semana da Educação de São Joao da Boa Vista**, 2012. (Outra)

.

8. **Oficina De Currículo Lattes - PET/RTV/FAAC - UNESP**, 2011. (Oficina)

.

9. **XV Semana de Educação de São João da Boa Vista**, 2011. (Outra)

.

10. **I Fórum do Lixo**, 2011. (Outra)

.

11. **IV Semana de Tecnologia - IFSP - São João da Boa Vista**, 2011. (Outra)

.

12. 5o. Encontro de Formação de Educadores, 2011. (Encontro)**Organização de evento****1. GIMENES, Fabiana C. M.****Cinema e Religião**, 2011. (Outro, Organização de evento)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários

Os encontros do Cineclube Monte Tabor são mensais e ocorrem desde maio de 2011.

Outras informações relevantes

1 Realiza ainda um trabalho supervisionado de docência semanal e voluntário sobre Imagem, Arte e História junto a EMEIF Pedro Vaz de Lima, direcionado a crianças de 9 e 10 anos.

Participa do Grupo de Estudos GECEM (Grupo de Estudos de Comunicação e Mídias) vinculado ao PET-FAAC, da UNESP de Bauru, sob coordenação da Profa. Dra. Maria da Graça Mello Magnoni.

Participa do Grupo de Estudos Bom de Boca, criado em julho de 2013 para a produção da peça audiovisual educativa e interativa, baseada em Edutretenimento e pautada pela Pedagogia Histórico-crítica destinada a TV Digital, BOM de BOCA.